

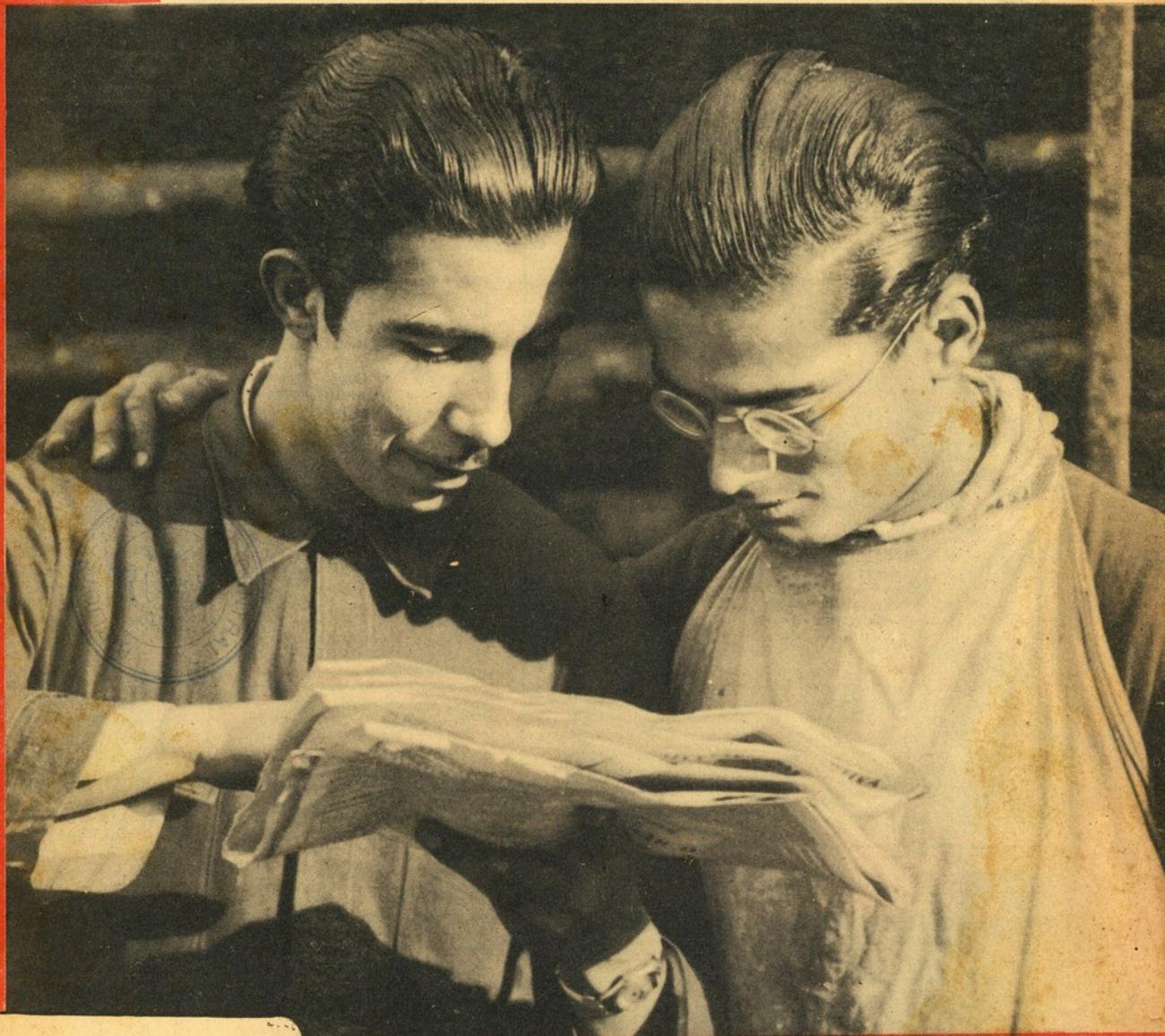
Oferia
-O. NOV. 1998

ANO III N.º 138
6
DE JANEIRO
1944
PREÇO AVULSO
E S C. 1\$ 50

DE VAGABUNDO A MILIONARIO?

HISTÓRIA VERDADEIRA DE UM RAPAZ POBRE

(Leia grande reportagem nas páginas 12 e 13)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ALEGRIA...

DIANTE da cama feita, da colcha branca e lavada, diante da bacia, do jarro da água, eu sentia-me como que fascinado. Três dias antes duvidava de que pudesse ainda deitar-me numa cama, limpar a cara a uma toalha.

Recebera aquêle dinheiro quando já não tinha esperanças de o receber. Mas gastá-lo-ia todo num quarto. Antes passar fome do que não ter um sitio para dormir, um sitio onde pudesse estar sozinho e chorar à minha vontade. Agora, porém, eu não pensava em chorar. Pelo contrário. Acreditava, acreditava sinceramente que a minha vida se ia modificar — e isto enchia-me a alma de esperança.

— É uma casa muito séria — dizia-me a dona do quarto, girando a chave à volta do dedo. — O meu marido está todo o dia fora e o mudo é muito catadinho.

Eu receava falar, inteirar-me no preço que seria doloroso para mim não o poder alugar. A custo, quasi a medo, balbuciei:

— E... e quanto custa?...

Estava preso pela resposta, numa expectativa que me alborotava o coração. Os olhos da mulher percorriam-me todo, coma a avaliar, pelo meu traço, quanto devia pedir. E quasi me senti feliz por ter as calças cheias de joalheiras, o casaco amarrado, delido nos cotovêllos, e com uma algibeira presa com um alfinete de ama.

— Cem mil réis — disse ela, finalmente.

Qualquer coisa se estilhaçava dentro do meu peito. Tive um sorriso, mescla de dor e de ironia, e, ombros caídos, esperanças mortas, depois de lançar um derradeiro olhar para aquela cama que representava tudo para mim, encaminhei-me lenta, lentamente para a porta da rua. Punha a mão no fecho, ouvi a voz da mulher:

Se faz favor...

Volté-me súbitamente. Os meus olhos brilhaavam. Ansiedade. Sim, era ansiedade o que sentia.

— Se o senhor não muda muita roupa eu posso deixar o quarto por noventa...

«Muita roupa!» Pois se eu não possuía outra além daquela que trazia no corpo!... Todavia, lisonjeava-me saber que, mau grado o meu aspecto miserável, ainda me julgavam capaz de ter uma mala com meias e camisas e talvez uma gabardina ou um sobretudo.

Disse-lhe que alguém da minha família se encarregava de me cuidar da roupa.

— Então é outra coisa! — respondeu-me. — Assim, posso fazer-lhe por oitenta...

Não podia crer em tamanha ventura! Oitenta, era precisamente todo o dinheiro que possuía. Entreguei-lho. A mulher pôs-se a falar de enfiada. Contou-me quasi toda a sua vida. Eu ansiava que ela se fôsse embora, que me deixasse só — só e com a minha cama. Queria experimentá-la, queria dormir, queria sentir toda a minha felicidade.

Quando a porta se fechou, corri a apalpar a macieira do colchão. Oh, sim, a minha vida ia ser outra, completamente diferente! Tinha um quarto, uma cama com lençóis e cobertores, água para me lavar, uma mesa, duas cadeiras. Julgava-me longe, tão longe dos dias anteriores, dessa vagabundagem forçada até que a noite fosse alta para poder deitar-me numa escaida sem receio de que a policia apparecesse e me enxotasse!

Feché a janela, despi-me, sentei-me na cama, balanceei-me um pouco. Maravilhoso! Comovia-me escutar o doce ruído que a palha do colchão fazia ao ser calcada. Depois, voluptuosamente, detei-me ao comprido dentro dos lençóis, rebotei-me, estirei-me todo. Parecia uma criança, mas só eu compreendia o prazer que me dava sentir-me numa cama. Aos poucos e poucos, os olhos fecharam-se-me e dormi o sono mais profundo e mais feliz como vez alguma dormirei outro em toda a minha vida.

Foi essa, lembro-me bem, a minha prenda daquele Natal...
LEAO PENEDO

MEDITAÇÃO...



ERA UMA VEZ UM REI PINTOR...

...Era uma vez um rei que governava um país plantado à beira-mar. O rei chamava-se Carlos e o país tinha o nome bonito de Portugal.

Talvez porque entre os seus antepassados houvesse um sábio (D. Duarte) e dois poetas (D. Diniz e D. Pedro), o rei de nome Carlos nasceu com amor pela arte.

E fez-se pintor. Muita gente falou do caso. Não era para menos. De vez em quando, Sua Magestade despia a purpura, fugia aos cortejos intrigantíssimos, esquecia-se das vênias e dos salmalleques da Corte e refugiava-se no seu atelier, muito bem fechado por dentro, não fôsse importunado, mesmo assim...

Ao principio, é certo, esta maneira de proceder serviu de pasto à má-língua palaciana. Mas o rei não se importou e fez muito bem. Ele queria ser pintor!

O seu atelier ficava ali mesmo no Palácio das Necessidades, em plena Lisboa romântica e fidalga.

E no atelier, o rei deixa de ser rei. Esquece leis, condenações, impostos, revoltas a sufocar, favores a fazer. Transforma-se num artista simples, apaixonado pela sua obra, enamorado de tudo quanto é belo.

Trabalha quatro, cinco, seis horas seguidas — e sente-se feliz. Que bom, se ele tivesse nascido pintor apenas! Nas suas telas perpassa a poesia do Ribatejo, com os campinos garridos, com os barcos navegando docemente na ria, com as lezírias extensas, onde o céu se agarra à terra, no abraço do horizonte, com as suas caçadas cheias de perigo e de aventura...

O rei é obrigado a tomar decisões extremas, a castigar, a ser cruel, por vezes. Mas o pintor, o artista — liberta-se de tudo isso, foge para o seu mundo de sonho, não castiga, não conhece o ódio. Ele é humano, acima de tudo...

E tem um carinho especial pelas coisas simples. Desenha o tronco duma velha árvore — e essa árvore parece conter o simbolo da própria vida... Retrata um pôr de sol sobre as rochas — e há aí um hino de louvor à natureza... Fixa o instantâneo dum pastorzinho recolhendo o gado ao redil e esse pastorzinho tem um quê de melancolia que nos impressiona...

Era uma vez um rei pintor. Há já muito tempo que isso foi. Ainda Lisboa ficava longe do Campo Grande. Ainda os lisboetas iam veranejar para Algés e os jornais publicavam notícias assim: «O senhor Conselheiro X partiu para as suas férias em Algés, onde conta demorar-se a época bal-

near. Desejamos muito boa viagem a Sua Excelências.

Um dia, D. Carlos resolveu enviar o seu quadro «O levantar duma armadilha de atum» — poema à epopeia dos pescadores algarvios — para o «Salon de Paris».

Logo que o júri reuniu e tomou conhecimento do quadro, telegrafou a Sua Magestade, perguntando-lhe se concorria como rei ou como artista. E explicavam: como rei, ficariam na obrigação de lhe dar o «Grand Prix»; como artista, teria apenas a classificação que merecesse. E imediatamente, D. Carlos respondeu: «Concorro como artista».

Era desta tempera, o pintor. E assim, sem favores, o seu quadro conseguia um segundo prémio, entre alguns dos melhores artistas do mundo.

Mas o melhor juizo acerca do rei pintor deve-se ao espirito inigualável de Rafael Bordalo Pinheiro: «Num país onde o rei desenha melhor de que os artistas, deviam estes ir ocupar o tronos.

ALFACINHA



Morreu a Tia Carolina!

...Conheci-a por acaso. Vivi algum tempo ali, num quarto alugado, perto da Rua Diário de Notícias.

Saía pouco. Mas quasi sempre a encontrava, velha e ajoujada pelo peso do tabuleiro de guleseimas.

Aos poucos, essa velhota negra, de carapinha luzidia, de olhos piscos mas espertos ainda, de mãos trémulas — foi entrando na roda dos meus amigos de então.

Sim, amigos! Nesse tempo, Lisboa para mim, resumia-se no meu quarto, redacção duma revista e nas aulas breves duma Faculdade.

Tinha poucos amigos. E contentava-me até com essa bem simples amizade... de vista.

A tia Carolina, a «Prêta dos Pinhões», também já me conhecia de me ver passar. E se eu olhava para ela, ela sorria-me. Era um sorriso amigo.

Diziam por ali que ela tinha mais de cem anos e que a sua vida bastava para

fazer um grande romance. Mas nesse tempo, ainda eu não escrevia romances...

Numa noite de chuva, eu e a tia Carolina acolhemo-nos debaixo dum alpendre. Trocámos poucas palavras, raras mesmo. E, contudo, eu sentia uma simpatia imensa, imensa, por essa velhota que fôra escrava, no tempo da escravidão e que continuava escrava, no tempo da liberdade...

Quando a chuva amainou, ela meteu-se, de novo, pela rua fora, apregoando na sua voz roufenha os «caramelos a um tostão e os epinhões saborosos»...

Mas não andou muito. Uma calmbra, violenta decerto, fê-la estacar e encostou-se à parede, gemendo fundo.

Corri para ela. Mas não conseguí ajudá-la. Ela endireitou-se logo sorriu-me, de novo, e foi andando, na sua vida negra, bem negra...

Uma velhota apontou para ela: — Coitada... Está cheia de reumatismo e mesmo assim não pára...

E enquanto eu ficava por ali, encostado junto à porta da velhota, fui ouvindo coisas e casos da Tia Carolina...

Ela casara, tivera filhos, ganhara dinheiro — fôra feliz! Mas a sorte desandava, de quando em vez...

Desapareceram o marido, os filhos, o dinheiro. Ficou ela, apenas. A «Prêta dos Pinhões» como os gatos lhe chamavam. A tia Carolina não se aborrecia. Adorava os garotos.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

A Carris continua... Numa destas manhãs, meti-me no carro eléctrico 261, da carreira Carmo-Almirante Reis. A certa altura, numa das paragens do percurso, o condutor — n.º 1.127 — deu ordem para que o carro estivesse parado até que os lugares da frente fôsem preenchidos pelos passageiros que se amontoavam na retaguarda. Um dos passageiros, que ia sentado, exaltou-se. Tinha pago o seu bilhete, era para seguir viagem. Palavra puxa palavra. O condutor e o passageiro travaram violenta discussão. Afinal, a quem cabe a culpa de tudo isto? Apenas à Carris...

BERNARDO SOARES — Rua das Praças, 11, 4.º.

O processo de arranjar aquêles bilhetezinhos do elevador da Glória, para impedir a formação das «bichas» — foi digno de aplauso. Simplesmente, há sempre um «mas»... E, assim, uns certos engraçados (miúdos e crescidos) entretêm-se a arranjar bilhetes às dezenas. Como consequência, os passageiros passam minutos e minutos à espera que o condutor vá «cantando» números... brancos.

Eu já agüentei essa brincadeira debaixo de chuva. Não há processo de remediar este estado de coisas? MANUEL DO CARMO — Praça da Alegria.

A respeito dos contratadores, tenho a contar o seguinte: «No domingo, quis ir ao Eden. Não havia bilhetes. O contratador estava rodeado de gente. De repente, alguém se inclinou para ele. O contratador fez um sinal. Eu fiquei por ali para ver o que se passava. E daí a bocado, o contratador apresentou dois bilhetes ao tal sujeito. «Estavam guardados... Mas por ser para o senhor...». E disse o preço. Nada mais nada menos do que 30% sobre o preço da bilheteira.

Estão de acôrdo com isto?

J. D. DA SILVA — Algés

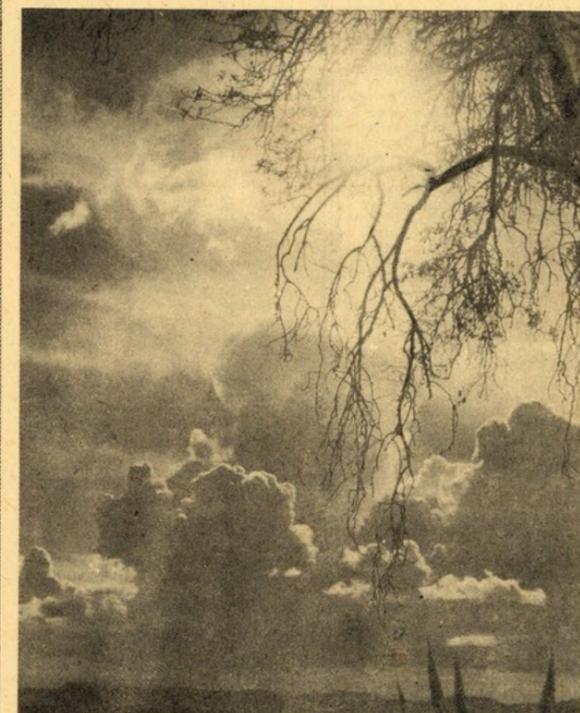
Na noite passada precisei dum «taxi» para ir para casa. Tinha urgência. O condutor perguntou-me se a casa ficava longe. Por acaso, era perto. «Então não posso!» — resumiu ele. E eu ali fiquei à espera, cheio de pressa, até que apparecesse outro «chauffeur» mais amável.

MARCOS SANTOS — Rua S. Lázaro, 174, 1.º.

Comi hoje um bife no Café «Palladium». O bife custou 16\$00. A certa altura, pedi mostarda e os criados puseram-se a rir. Por quê? Pagando 16\$00 por um bife nem sequer se tem direito a mostarda?

ANTÓNIO BARROSO — Rua Almirante Reis, 35, 3.º.

INVERNO...



CHEGOU o Inverno. Veio a chuva, o vento, as noites escuras, a melancolia das tardes tristes. Águas revoltas, folhas mortas, nuvens a encarvoar o céu. Os vultos passam. Silhuetas negras. Árvores despidas. Às vezes, o sol consegue romper. Mas é só um instante. A terra volta a ser negra e fria. Inverno no tempo e nas atmosferas...

(Fotos de João Martins)

Há mais de cinco anos que deixei de ver a tia Carolina. Deixei o quarto alugado, o Bairro Alto, aquêles amigos. Mudei de vida.

E hoje, abrindo o «Diário», vi, de choque, a notícia banal: «Morreu com 115 anos a Prêta dos Pinhões»...

G. M.

A GRANDE EMPRESA

NÃO acabou, afinal, o ano de 1943 sem que se evidenciasse por acção de vulto, verdadeiramente espectacular, a guerra nos mares. O episódio naval do Cabo Norte, que citou aos alemães a sua mais poderosa unidade em estado de combater — o «Scharnhorst», de 26 mil toneladas — ficou, é fora de dúvida, como acontecimento da mais alta significação: para a Armada alemã, pela acentuada perda sofrida; para os ingleses, pelo aspecto de reparação, de desforra, tão grato ao seu espírito desportivo, pois que fôra o «Scharnhorst» que conseguira a proeza de afundar o porta-aviões «Glorious», quando este era comandado pelo almirante «sir» Bruce Fraser, actual comandante da «Home Fleet», empenhada agora, em larga força, na protecção ao comboio em rota para Murmansk, a que os alemães atribuíram importância tamanha que decidiram sair ao mar para lhe lançar ataque tão ousado como perigoso. O episódio fica, desta maneira, como afirmação de um predomínio naval incontestado. Esse domínio do mar revela-se, nesta fase da guerra, como factor fundamental para a evolução dos acontecimentos, sabido como é que, sendo os Estados Unidos, hoje em dia, o mais poderoso arsenal das Nações Unidas, o problema não é já o da produção — que se considera largamente superior à dos países do Eixo — mas do transporte do material dos centros industriais para as zonas de operações, todas situadas a longas milhas de mar. A rota de Murmansk, a par da estrada da Pérsia, é o principal caminho para que possam afluir à frente leste os reforços de máquinas indispensáveis para que se mantenham em estado de completo equipamento as massas humanas recrutadas e instruídas para fazer frente aos exércitos do Reich. A Rússia, a Itália, a própria África (hoje, simples acampamento e base para operações futuras), todo o sudeste do Pacífico, a China — são regiões onde reservas de homens e de material só podem chegar por via marítima. E o mesmo quanto à Grã-Bretanha, onde alguns milhões de homens — quantos?! — aguardam o sinal para lançar o ataque ao ocidente europeu, com objectivos à escolha nas costas francesa, belga, holandesa, dinamarquesa e norueguesa. Para quando? Se quisermos considerar que se passa alguma coisa mais do que simples episódios da guerra de nervosa, temos de considerar que se sucedem os indícios de que bem pode estar para muito próximo o momento de se tentar o famoso golpe. No final da conferência Roosevelt-Churchill-Estaline disse-se que tudo estava disposto. A chamada de Eisenhower do comando do Mediterrâneo para assumir o comando das forças estacionadas na Grã-Bretanha é, na verdade, um sinal que se não pode perder de vista. O activo e empreendedor general americano, agora escolhido para funções a que bem cabem a designação, aliás já consagrada, de «generalíssimo da 2.ª frente», não pode deixar de querer dizer que se está, efectivamente, na última fase preparatória do grande empreendimento. Acompanha-o o general de aviação Spaatz, seu colaborador directo na campanha que os americanos empreenderam e liquidaram desde o seu monumental desembarque na África Francesa. A verdade é que, para uma operação de tanto vulto como a que será necessário lançar para que se estabeleça a 2.ª frente, são necessários grandes efectivos terrestres, que devem estar já concentrados; são necessárias grandes aglomerações de aviação; e será necessária, também, a presença de poderosas forças navais. Com a presença do almirante «sir» Andrew Cunningham no Almirantado, em Londres, pode dizer-se que se reconstituiu, para o ataque a ocidente, o triunvirato de comandos que dirigiu toda a campanha do Mediterrâneo. A esquadra, agora, aliviada da sua grande missão no mar ao sul da Europa, vai aplicar-se noutras tarefas. O afundamento do «Scharnhorst» significará, para a sua missão, um sinal de alívio. A aviação cobrirá o papel de tentar immobilizar o que resta da esquadra alemã de superfície. Os mares ficarão livres, tanto quanto possível, para a grande empresa que, inevitavelmente, se aproxima.

J. R. S.

AMÉRICA WILLIAMSBURG, UMA RECONSTITUIÇÃO DO SÉCULO XVIII

É uma cidade norte-americana do Estado de Virgínia. É a antiga capital do Estado, no tempo da América colonial, chama-se Williamsburg e acaba de ser reconstituída, segundo documentos antigos. A reconstituição deve-se ao pastor Dr. W. A. Goodwin, que conseguiu interessar na grandiosa iniciativa o filantropo John E. Rockefeller Jr. Dez anos foram precisos para a reconstituição — sendo demolidas 459 casas, a fim de abrir caminho para o pequeno espaço que é a antiga capital do Estado. Williamsburg fora fundada em 1669 e deram-lhe o nome do rei da Inglaterra de então, William III. Foi o centro literário e artístico de Virgínia, caiu no sono do esquecimento do mundo e hoje voltou ao seu antigo papel: até influenciou a moderna arquitectura americana, que lá vai hoje buscar a inspiração das linhas arquitectónicas do século XVIII.



INGLATERRA UMA MULHER NA DIPLOMACIA



VAI longe o tempo em que às mulheres era proibido o desempenho de certas funções — pela simples razão de serem mulheres. Hoje, elas vão com a sua inteligência, com a sua actividade e pulso rijo ou astúcia, onde quer que seja necessária a sua colaboração. E aqui temos, assim, a sr.ª Betty Gibbs, que acaba de ser nomeada adido à embaixada britânica em Washington. Viuva — é a terceira britânica que ocupar cargos importantes no Ministério dos Negócios Estrangeiros: Miss Mary Craig McGeachy, que se encontra também em Washington e Miss A. Lambton, que se encontra no Irão, completam a trilogia da diplomacia feminina inglesa.

OS PRISIONEIRO FASCISTAS

ITÁLIA

Um dia veio a notícia de que tinha sido fuzilado o conde Galeazzo Ciano. A notícia, pelos próprios termos em que vinha redigida, não oferecia já de si grande crédito. Ao outro dia, efectivamente, foi desmentida: Ciano continua preso, a ordem do Governo fascista, presidido por seu sógo, Mussolini, contra o qual ele foi um dos que se sublevaram durante a patética reunião do Grande Conselho, em 25 de Julho. Agora, aguarda o julgamento do tribunal especial, que há-de apreciar o seu processo e o dos outros grandes dirigentes fascistas, hoje acusados de traição, uns exilados fora da Itália, outros colaborando com Badoglio e instalados na zona italiana por este dominada, outros, finalmente, mantidos sob prisão. Dos membros do Grande Conselho, há 19 para responder por esta acusação. Desses 19, estão presos: o conde Ciano, que era ministro dos Negócios Estrangeiros à data do Golpe de Estado urdido e desencadeado por Dino Grandi, este homiziado; o marchal De Bono, que foi com Mussolini, De Vecchi e Ballo, um dos quadrunheiros da marcha sobre Roma; Cianetti, antigo ministro das Corporações; Pareschi, antigo ministro da Agricultura; e Marinelli, vogal do Grande Conselho. A legis-

lação que criou os tribunais especiais estabelece também as penas inerentes aos crimes que vão ser apreciados. Para estes acusados — julga-se que o processo de cada um deles será examinado separadamente — pode ser decretada a pena de morte. Não deixa de ser impressionante recordar que Ciano é genro de Mussolini. No drama tormentoso da Itália, o drama familiar destes dois homens reúne todas as condições para, daqui a longos anos, interessar ainda — tanto os historiadores como os romancistas.

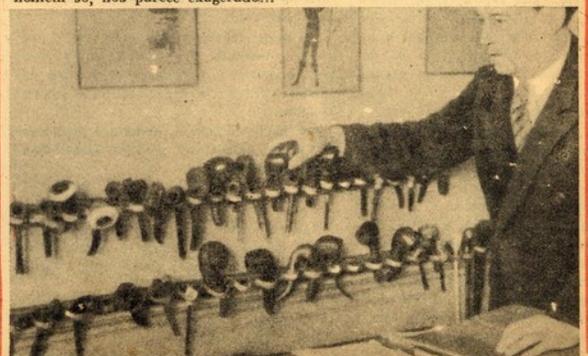


Mussolini e Ciano, as duas dramáticas figuras do fascismo.

FRANÇA OS 40 CACHIMBOS DE HONEGGER

HONEGGER deixou Lisboa, não se importa com a Suíça, seu país natal, e resolveu ficar por Paris — pelo menos até ver. De facto, o autor de «Jeanne d'Arc au bûcher» parece sentir-se bem no seu «estúdio» do «boulevard» de Clichy, onde escreve artigos para a «Comœdia» sobre música, arte e literatura. Há pouco, andava ele muito afadigado na discussão do que é e deve ser o «domínio público», para efeito de cobrança de direitos de autor. Como não podia deixar de ser, Honogger é contra essa instituição, pelo que chegou a escrever: «Nunca por nunca um teatro baixou o preço dos lugares pelo facto de uma ópera ter caído no domínio público, e os herdeiros dos autores ficaram sem direito de receber o preço da licença de execução da obra. O preço das partituras não baixa ao fim de cinquenta anos, não obstante o editor não ter que pagar nem um centavo de direitos de autores adquiridos. A prescrição do «Copyright» priva os herdeiros do artista — quantas vezes seus próprios filhos — de receber os proventos de que eles, na maioria dos casos, tanto necessitam».

Foi isto o que escreveu Honogger — esse famoso Honogger que Lisboa não quis ou não soube compreender quando há poucos meses o ouviu em S. Carlos. Grande fumador, aqui o vemos numa foba já antiga, ao lado do seu «stock» de cachimbos. São, pelo menos, quarenta — o que, para um homem só, nos parece exagerado...





OS BALKANS EM FOCO

EM resultado das últimas conferências dos chefes das Nações Unidas, o mapa da Europa sud-oriental readquiriu tal movimento que mais uma vez é apontado como um dos teatros nevrálgicos do actual conflito.

É por por esse motivo que achamos oportuno dar publicidade a uma carta geográfica, inserta há cerca de seis meses numa revista americana, na qual se expunha com grande soma de argumentos e pormenores os altos interesses que justificavam, sob o ponto de vista estratégico, a inclusão dos Balcanos no número das regiões mais indicadas para o desembarque, no continente europeu, de forças anglo-americanas.

De todas as costas de invasão, a península balcânica, apesar do seu carácter essencialmente montanhoso, e graças à diversidade de raças que a povoam, parece ser considerada a melhor entrada da Europa dominada pela Alemanha, em virtude da sua situação geográfica marcar, por assim dizer, o ponto de cruzamento das estradas naturais que ligam, entre si o norte e o sul, o ocidente e o oriente, a Europa e a Ásia.

Os motivos mais salientes da possível escolha dos Balcanos como segundo local de desembarque aliado no Velho Continente são justificados pelas seguintes afirmações:

A Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a própria Rússia dispõem de grandes concentrações de tropas, no Médio Oriente, prontas a entrar em acção à primeira voz. Ora, como a Alemanha na actual fase de guerra se limita a apurar os golpes dos seus poderosíssimos inimigos, as Nações Unidas já não necessitam dessas forças para fins defensivos. Logo, o desígnio principal dos referidos exércitos passa a ser, agora, o possível ataque desferido quando e como os estrategas e os estadistas anglo-americanos considerarem oportuno.

Para mais, a península balcânica possui dois caminhos de invasão já consagrados pelas tradições da história. São eles: o vale do Vardar, que conduz directamente ao coração dos Balcanos, e o vale do Danúbio, servido pelo enorme rio do mesmo nome, que abre passagem para as regiões centrais da Europa.

Por outro lado, a falta de homogeneidade dos povos balcânicos, compostos por uma mistura complexa de gregos, eslavos, latinos, albaneses, turcos e semitas, falando uma incontável variedade de idiomas, favorece grandemente o invasor provável, pois estas populações, já de si irrequietas e desobedientes perante o opressor e ocupante das suas Pátrias, formam

uma quinta coluna cujo valor é desnecessário pôr em relevo, visto os seus movimentos clandestinos serem expressivamente apreciados pelo apoio moral e material que lhes tem sido concedido por todos os adversários do Reich.

O custo duma invasão dos Balcanos está destinado a ser excessivamente elevado; mas, segundo os críticos militares, o desembarque merece ser tentado não só porque ameaçaria ainda mais os recursos materiais de Hitler, mas também porque poria em maior alvoroço os três principais aliados do Reich: a Roménia, Hungria e Bulgária. Estes países que já estão englobados nas áreas batidas pela R. A. F., e pela aviação americana, começaram agora a sentir, tal como a Alemanha, o verdadeiro peso da guerra e tal facto pode levá-los a tomar uma decisão semelhante à da Itália, cujo exemplo é particularmente recente.

A invasão balcânica pode não constituir necessariamente aquela frente de invasão principal, que há mais de dois anos vem a ser designada pelo nome de «Segunda Frente»; mas, embora com carácter mais modesto pode vir a ser mais eficaz de todas.

Todavia, para entrarem nos Balcanos,

as Nações Unidas terão em primeiro lugar que dominar a famosa ilha de Creta, onde os anglo-americanos se hão-de ver, possivelmente, forçados a reeditar as operações realizadas pelos paraquedistas nazis, se bem que tais movimentos estejam em parte facilitados pelo domínio naval exercido pelas esquadras aliadas do Mediterrâneo.

Uma vez dominado o litoral, o vale do Vardar tornar-se-ia relativamente muito mais acessível; porém, como é natural, os alemães sabem isto melhor do que ninguém e a constante movimentação de tropas germânicas e as viagens de inspecção do marechal Rommel indicam que os preparativos do Reich não são «bluffs»...

A questão mais importante de todo este plano, devido às facilidades que acarretaria, é traduzida pela possibilidade da aliança anglo-turca permitir o envio de homens e material das Nações Unidas, através dos Dardanelos, para a foz do Danúbio, com o provável e natural apoio dos soviéticos.

A actual atitude da Turquia, após a recente conferência do Presidente Inonu com o Presidente Roosevelt e com o Primeiro Ministro Churchill, no Cairo, não consente que ninguém ponha de lado tal hipótese...



LELO PORTELA

BELAS tardes, na «Brasileira» ou à porta da Havana, Lelo Portela está no seu pósto. Com agudeza de espirito e percepção das realidades, pontifica sobre estratégia, espécie de jogo de xadrez que todos se comprazem em jogar à méza dos «café», mas de que poucos conhecem o profundo segredo. Lelo Portela passa por ser um excelente tratadista da matéria. Aliando o sentido militar a uma cultura vasta, não falta quem o escute embevecido — como se falasse um dogma. À semelhança do que geralmente acontece, não falta também quem dê discorde. C'est la vie — como diria Diogenes se tivesse nascido em França. O que é certo é que ninguém se gaba do que se poderá gabar Lelo Portela: ter dirigido o sol — e, se uma nuvem encobrir o sol, não há nuvens que, em relação a Lelo, consigam encobrir o seu feito astronómico...

À MANEIRA DE OLIVA GUERRA

Vivi horas ardentes de ansiedade
Na fremente ambição do seu amor;
Vivi horas sem fim, na triste dor
Da sua injusta e rude crueldade.

Vivi na exaltação do seu ardor
As horas mais febris da mocidade;
Foram horas de luta e tempestade
Em que perdi o sono, perdi a cor...

E, ao recordá-las, a tôdas, neste instante,
Pensando no seu mal alicianste
Que me fez palpar o coração,

Sinto dentro de mim um não sei quê,
Já não sei quem sou, nem o que vê...
E a todos pergunto: — Que horas são?

O CARAPAU

LI recentemente uma página, cheia de dignidade, àcerca do carapau — do obscuro carapau que por aí se assa ou se fritta na profunda ignorância das virtudes de coração que êsse peixe encerra. Ao contrário do que a maior parte das pessoas talvez suponha, o carapau constitui uma das raras excepções à regra geral que preside a forma como os peixes amam, não apenas a sua mulher, mas os seus filhos. Para a maioria dos peixes, a consorte não passa duma fêmea de acaso; para o carapau, não. A espôsa do carapau é para êle a mulher legítima, que é o sorriso do lar e a mãe dos filhos. Por outro lado, enquanto a quasi totalidade dos peixes não liga à sua descendência senão uma idéia material de povoamento, o carapau ama os seus pequenos herdeiros, trabalhando e, tantas vezes, sofrendo por êles. Segundo os naturalistas referem, não é raro, por exemplo, ver ao domingo, um carapau ir ao cinema ou ao circo, acompanhado da sua prole que, com freqüência, atinge alguns milhares de *petits enfants*. O caso do carapau não será único entre os peixes; mas é dos raros — e tanto mais assinalável quanto é certo que o carapau passa aos olhos do mundo vulgar como um pobre peixe sem valor moral e sem dignidade social. E, entretanto, quantos homens conhecemos nós que não valem, em carácter, o que vale afinal o carapau. E ninguém os fritta nem assa!

INICIATIVA DUM MONÓCULO

Volta a falar-se, com insistência, na criação do Sindicato dos Monóculos Portugueses. Sabemos que o monóculo resplandecente de Afonso Lopes Vieira não desanima em levar ávan-te esta iniciativa, que lhe pertence. Digam o que disserem, o monóculo é ainda uma instituição, não apenas mundana, mas ostalmo... lógica. O monóculo é o terror do burguês. Como tal, é uma arma valiosa, ao serviço do Espirito. Toda a obra critica de Eça de Queiroz é, no fundo, um produto do seu monóculo. O monóculo é um «caco». E não há espirito superior sem «caco», — já dizia Pitágoras.



de artistas em que se encontrava Carlos Leal, a pretensa fadista, depois de se ter elogiado a si própria, segundo as boas regras da vaidade, afirmou, intencionalmente, que nascera no mesmo dia em que morreu Júlia Mendes. Logo Carlos Leal comentou em ar de brincadeira: — Caprichos do Destino! Um desgraça nunca vem só...

UMA OPINIÃO DE ANTÓNIO BOTTO

Pastora Império, mulher que foi célebre, exhibiu-se recentemente num teatro de Lisboa. Mas se a chama da artista não se apagou, a serpentina côr de rosa, onde essa chama ardia, envelheceu. O tempo não poupa coisa alguma. Pastora Império, ela que era es-puma, engordou. Tornou-se pesada como uma autêntica mãe de família. Da mulher resta a saúde; da bailarina — ficou a história. António Botto, fino espirito de observador, dizia-nos, falando dela:



— Pobre senhora! Devia dançar sentada...

DESGRAÇAS

Certa actriz, que não foi positivamente talhada para o teatro, resolveu um dia começar a cantar o fado. O Destino não lhe foi mais glorioso. Se principiou a cantar representava mal — bitor ainda. Pois uma noite, num grupo





ACABARAM-SE OS MENTIROSO!

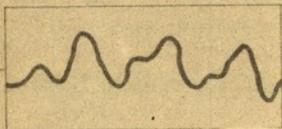
POR este andar, não sabemos o que vai ser de nós. A ciência procura intervir no nosso campo pessoal e, agora, até já não nos deixa pregar a nossa mentirinha habitual com aquele ar muito grave de pessoa séria que costumávamos usar.

Foi declarada guerra de morte aos mentirosos. Existe um aparelho—o detector da mentira—que não consente a menor falha na verdade.

Consiste num galvanómetro e em duas placas de metal que o paciente aperta entre as mãos.

Faz-se a pergunta. E basta ler o gráfico que a agulha desenha para se saber se a resposta foi ou não sincera. Segundo dizem, é um aparelho tão perfeito e tão sensível que não há mentira que lhe resista. Pergunta-se: *«o que será dos namorados quando este aparelho se tornar tão comum como a telefonia?»*

Pobre do amor!



Em defesa da cebola

COMO se sabe, na América existem todos os géneros de sociedades: a dos mentirosos, a dos homens gordos, a dos solteiros, a dos viúvos, a dos antigos doentes de escarlatina e febres tifóides...

O que não existia ainda era a sociedade «para a luta contra a difamação da cebola». Não existia mas agora já existe, naturalmente. O seu presidente é o senhor Lackwood, que acaba de nomear uma comissão de inquérito destinada a desvendar «quais as sinistras forças subversivas que dirigem o ataque contra as cebolas e o seu cheiro».

Em Kalamazoo (Michigan) realizou-se o «Congresso Nacional dos Amigos da Cebola».

As declarações do sábio Haggard, professor de Universidade de Yale, foram muito bem recebidas.

Disse ele, com a sua autoridade de homem de ciência, que, com o auxílio de algumas gotas de clorina, bastam trinta segundos para fazer desaparecer o cheiro desagradável da cebola. Um outro membro desta Associação, o dr. Andrew W. Milnar, propôs a cultura de uma cebola especial, sem cheiro. «A cebola pertence à mesma família do lírio»—exclamou

Sabe responder?...

- 1—Quem descobriu o rádio?
- 2—Quem é Einstein?
- 3—Quem foi Pawlowa?
- 4—Quem foi Montessori?
- 5—Como se chama o compositor da mais conhecida marcha nupcial?
- 6—Quais são os três países da Europa onde os homens atingem uma altura maior?
- 7—Quem matou Marat?
- 8—Quem foi Augusto Comte?
- 9—Qual é a qualidade de mármore mais importante do Mundo?
- 10—Quem compôs a Nona Sinfonia?

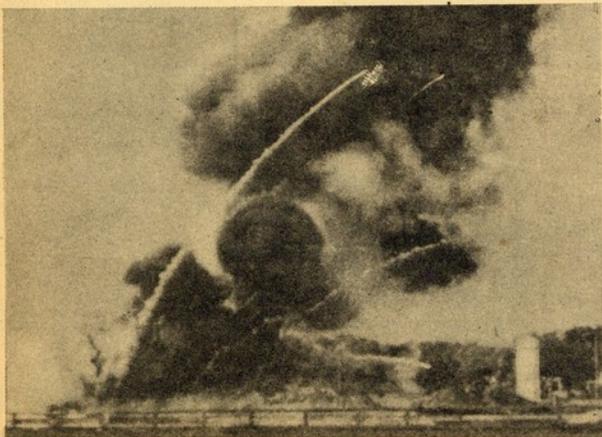
(Ver respostas na pág. 29)

ele, por entre entusiásticas ovações—
«E não estará longe o dia em que a usaremos na lapa do casaco, antes de a metermos na panela».

UMA BOMBA BEM CAÍDA...

NÃO é necessário ser partidário das teorias de Malthus para estar de acordo com o lado útil que as grandes catástrofes trazem ao mundo. Senão, vejamos a grande revelação que nos trouxe esta guerra—e não falamos da aviação nem de coisa alguma que se relacione com a arte de matar. Mas o que é certo é que foi uma bomba—uma daquelas bombas de mil quilos—que veio destruir a idéia de que a terapêutica dentária, hoje tão usada pelo homem, seja uma invenção moderna.

A bomba caiu perto da cidade de Aschaffenburg. Em lugar da cabana do pastor que lá morava, ficou apenas uma cratera imensa, salpicada de metralha. Quando se foram remover os destroços, encontrou-se, então, uma sepultura que datava de há 3.000 anos. Dentro, havia uma tibia, algumas vértebras—numa maxilla quasi desfeita, sete coroas de dentes feitos de bronze.



COCKTAIL

Os Lacondões têm falta de mulheres!



Existe, lá para os confins do México, uma região excepcional onde as mulheres são quasi uma raridade.

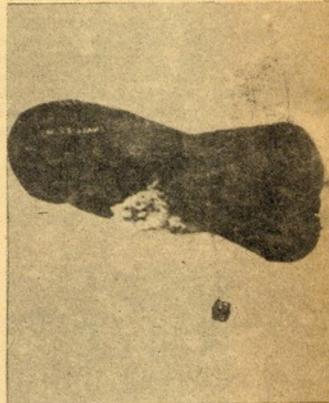
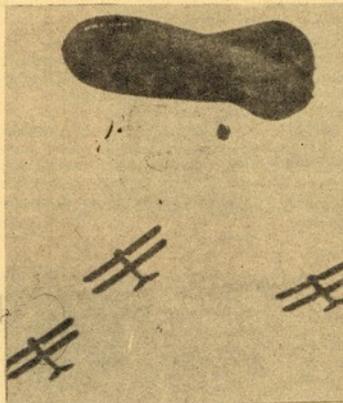
Esta região é habitada pelos lacondões, descendentes directos dos «Kalas», povo orgulhoso que dominou a América Central. Pois enquanto os outros países do mundo vivem atormentados por crises económicas e sociais, os lacondões apenas têm uma preocupação: acabar com a crise das mulheres. Naquela zona, o homem que pretenda casar vive a tragédia mais complicada deste mundo. Apenas à força de presentes e de serviços prestados à família que tem a sorte de possuir uma filha, o lacondão consegue arranjar uma noiva. E, como não podia deixar de ser, a mulher, sentindo-se disputada por tantos admiradores, dá-se ares de grande importância, brincando com os corações dos seus mil apaixonados.

A ansia de encontrar uma esposa é tão grande que, mal nasce uma rapariga, os homens solteiros de toda a região correm, numa luta renhida, a apresentar-se diante do feliz progenitor. Este, recebe-os com severa dignidade e, um a um, vai-os registando numa grande lista. Depois, sozinho, faz a sua escolha e avisa o futuro marido de que terá o direito de visitar a noiva... logo que ela faltar os primeiros passos.

A partir dessa data, o noivo fica obrigado a servir o sogro... e a sogra, naturalmente. Mas, por mais que o infeliz sofra, tudo tem de suportar se quere conservar a mão da noiva. Basta um suspiro de enfado, um sobrececho carregado e logo o pai busca na lista outro candidato.

Quando, após tantas provações, a noiva está em idade de casar, a cerimónia faz-se sem grande cerimonia, que os lacondões são gente simples e prática. O acontecimento é celebrado num bosque e bebem-se litros e litros de uma bebida especial preparada com malz fermentado. De madrugada, todos estão embriagados e a festa transforma-se numa orgia desenfreada.

Um pormenor curioso: os lacondões desconhecem o divórcio e não sabem o que é o adultério e as sogras são sempre ouvidas e respeitadas, por mais implicantes que sejam...



Betty Goltz é uma menina endiabrada que assombrou a América. Arranjou um bairão cativo, meteu-se dentro do cesto e pediu aos aviadores que incendiassem o balão, naturalmente). O cesto, libertado, veio por aí abater e assim Betty foi cair na água, sã e salva como nos romances de aventuras...



AS RAZÕES PORQUE OS «VENCEDORES» APOSTARAM QUE A GUERRA NÃO ACABARIA ESTE ANO.

A GUERRA ACABA EM...

Mas alguns já a ganharam em... apostas

HOJE, mais do que nunca, crescem nas almas razões inimigas do conceito militarista de Moltke elogiando a guerra, só porque nela «se desenvolvem as mais nobres virtudes humanas: valentia e abnegação fidelidade ao dever e espírito de sacrifício».

Na verdade, tais virtudes podem verificar-se no simples decorrer da vida — para honra e glória da humanidade — sem que os povos tenham de lançar-se em sangüinária chacina.

Guerra, não! — que a guerra mata e destrói e nas almas só há sede de paz! De instante a instante se contam por milhões, tantos quantos somos, os desejos que ela finde.

* * *

Pouco tempo passou, após aquêlê Setembro de raiva, para o mundo arder em ânsias e logo se perguntar:

— «Quando acabará a guerra? — Que vai passar-se? — O fim vai ser ali! — Agora, sei-o bem, vai dar-se isto e aquilo... — É certo, a guerra acaba este mês, não chega ao fim do ano! — Hum! — não vejo assim as coisas. Nem neste nem para o outro... — É o que lhe digo. Quere apostar?»

E por aí fora, aqui, além, em todo o orbe, um rôr de desejos, de palpites, de combinações e apostas. Mas a luta infrene, indiferente á gostos, continua o seu caminho de sangue. Durou um, dois, três, quatro anos, e não findou neste que ora morre, lentamente, a sofrer injúrias e maldições.

Fazem-se apostas, pagam-se apostas e o jôgo continua. Se não fôsse de guerra, de bom grado daríamos os parabens a quem agora as ganhou e que são os mesmos a lamentar-se do seu próprio êxito.

Ouçamos alguns dos «vencedores» sôbre os motivos que os levaram a afirmar que a guerra não terminaria este ano:

Um médico: Dr. Fernando Lacerda

— Nunca me pareceu difícil ganhar os 500\$00 da aposta que fiz com o sr. António de Araújo. Como sabe, sou especialista de olhos e não seria de admitir, nem me ficaria bem, que houvesse nos meus cataratas que não me deixassem ver, com nitidez absoluta, o mapa da guerra.

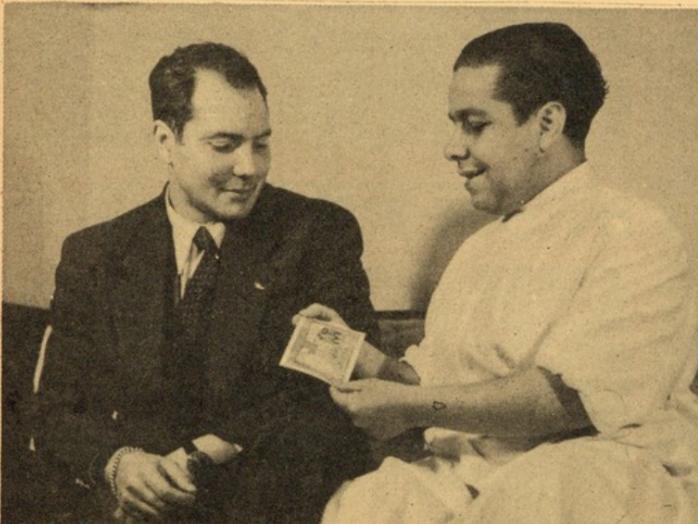
— Em que baseou o doutor as suas previsões?

— No que há de mais simples: conhecimento da vida e da fera humana...

Os homens armaram-se até aos dentes. Enquanto houver armas e munições, enquanto as forças bélicas se medirem por modo igual, a guerra continuará.

— Ganhou, portanto, os 500\$00...

— Se eu jogasse com tantas possibilidades na lotaria, garanto-lhe que tinha este ano comprado um bilhete inteiro... A continuarem assim as coisas, posso mesmo dizer-lhe que cá o espero novamente daqui a um ano porque a guerra, êsse monstro que o padre António Vieira definiu tão sábiamente, há-de continuar a espalhar o luto e a dor, a miséria e a morte, por êsse mundo de Cristo tão perturbado pela ambição dos homens.



Aquí estão os quinhentos escudos, amigo Araújo, diz o dr. Fernando Lacerda...

Um escritor: Dr. Luís de Oliveira Guimarães

O dr. Oliveira Guimarães tinha apostado uma caneta com o conhecido Vieira da Papelaria da Moda. Responde-nos assim:

— A guerra é como a fruta: tem o seu estado de «madureza». Pareceu-me que, no fim dêste ano, a guerra — verdadeiro pômo de discórdia — não estaria, ainda, suficientemente madura para ser tragada pelo vencedor. Ganhei a aposta, infelizmente, porque se a tivesse perdido estaríamos a estas horas em paz — coisa que vale bem uma pena de tinta permanente.

Por desgraça, a guerra é uma pena muito mais permanente...

Um crítico tauromáquico: Fernando Baptista

— Eu... eu de toiradas, posso entender um bocadinho, mas de guerra!... — Você tem, apesar de tudo, opiniões...

— Ah! Sim. Isto é uma grande toirada. Mais trágica, mais cruel, mais violenta, do que aquela em que morrem seis toiros numa tarde e em que o homem, por felicidade, raramente morre.

— Portanto, você continua a ser um grande aficionado? — E sem pedir licença a ninguém. Até aqui rogava à minha sensibilidade que me perdoasse esta predilecção quasi doentia, mas com a crueldade desta guerra, não preciso ser perdoado de coisa alguma.

— Ora, quem aposta é por convicção, não é verdade?

— Às vezes aposta-se ao contrário, sabe? Eu, no Benfica, aposto sempre contra êle, e sou o sócio n.º 668, hein?!... Apostei com um amigo em que o desembarque dos anglo-saxónios da África do Norte marcaria o «princípio do fim» da guerra. O meu antagonista garantia que êles não se agüentariam lá dez dias. Ganhei, portanto. Desta vez apostei com o meu amigo Júlio Saraiva, outro benfiquista «enragé», que a luta não terminaria este ano.

Nesta altura, acode o sr. Júlio Saraiva para dizer:

— Compreende: a guerra entristece e não agrada a ninguém e é tal o desejo que ela acabe que eu apostei um almôço com o «Zé Sincero». Perdi, embora tudo parecesse dizer que ganharia. Espero, porém, que em 1944 ganharei a todos os parceiros que queiram apostar da mesma forma. Se perco, não haverá restaurantes que cheguem para eu pagar almoços...

Um advogado:

Dr. Vasco da Gama Fernandes

— Com quem apostei? Comigo próprio...

— ?!

— Compreende, em questões de responsabilidade, no campo das idéias, outra maneira seria talvez um acto deselegante, ia a dizer: mais indicada em jogos de futebol. Ora, a guerra é uma coisa séria, incompatível com banalidades. Por isso evitei fazê-lo com outra pessoa que não eu, sem mira de lucro, porquanto se perdesse ganharia ao mesmo tempo... para o peru. Apostei, pois, que a luta não



Fernando Baptista, você tem que pagar o almocinho...

acabaria este ano, por me parecer que ambos os contendores se mantêm ainda fortes, embora últimamente os factos deixem perceber que o fim se aproxima.

«No ano que vem, sim, a guerra acabará, de maneira rápida, fulminante! «Tanto que vou fazer nova aposta — também comigo, já se vê. Ao meu livro, sôbre o conflito, penso acrescentar em breve, na segunda edição, mais um capítulo intitulado: «A vitória».

Mas, olhe lá: isto é para algum jornal?

Um jornalista: Alfredo Gandara

Despique entre dois profissionais das gazetas — Alfredo Gândara e Redondo Júnior: — Porque arrisquei 300\$00 na aposta? Porque tinha a certeza de ganhar. Não se travou, nem havia prenúncios de que se travaria, a batalha decisiva; e as guerras só se ganham com o esmagamento de um dos exércitos. Por outras palavras: ganhei porque soube orientar-me no mar precioso da propaganda.

A menos que se dê qualquer surpresa — muito possível aliás — o imenso prémio nem no próximo ano acabará. Começou em Setembro o 5.º ano de guerra. Quere que lhe sugira um nome para esta conflagração planetária, afim de ambos aliviarmos as preocupações dos que lhe procuram um chamadouro histórico? Ele aí vai: guerra dos seis anos. Se me enganar — ai de nós! — é por deficiência, que não por excesso.

Um cantador de fados: Filipe Pinto

— Sim, senhor. Ganhei uma dúzia de garrafas de vinho do Pôrto. A vítima foi o meu amigo Álvaro Neves... Como foi isto? Já vê: penso que a guerra, no ponto em que está, tanto pode acabar de um dia para o outro como durar ainda bastante tempo.

«Há, contudo, motivos que me levaram à conclusão de que a primeira hipótese não é muito de admitir. Razões de ordem moral, e outras, que é preciso ter em conta... Este ano? Podia ter sido, sim, mas nunca foi o meu ponto de vista. Quanto ao futuro, creio firmemente que o novo ano há-de trazer-nos o fim de tanta desgraça. Mas, agora já eu não faço aposta igual — que o ano tem 365 dias e num dia fazem-se hoje — ou antes desfazem-se — muitíssimas coisas. A não ser que o senhor queira apostar em como a guerra acaba em 1944? Convém-lhe?

— Não, Filipe Pinto, não nos convém, embora isso pareça apoucar o título do lindo fado que «eu vou cantar»...

* * *

E, ao fechar o inquérito, lembra-nos o curioso diálogo entre Foch e o seu motorista, na outra guerra: Pedro, o motorista do Marechal, era constantemente assediado pelos colegas que o interrogavam acerca do fim da luta.

— Ó Pedro, quando acaba a guerra? Tu devias saber...

Um dia, o motorista reuniu os amigos e participou-lhes que Foch falara no assunto.

— Falou? Que disse êle?

— Voltou-se para mim e disse: «Ó Pedro, quando pensas tu que a guerra acaba?»

ARTUR ALPEDRINHA



Afinal, você, Gândara, está com cara de quem perdeu os trezentos escudos!



Filipe Pinto, cuidado com a voz! Que vai fazer de uma dúzia de garrafas de vinho do Pôrto?



O dr. Luiz de Oliveira Guimarães ficou comovido quando recebeu a caneta da aposta!

A vítima... e o algoz. O dr. Vasco da Gama Fernandes apostou com êle próprio!



“Obras completas de Antero de Quental”

Prefaciadas e anotadas por António Sérgio

A iniciativa do editor a quem os fantásticos acasos da «propriedade literária» fizeram dono e senhor da obra de Antero, trazendo a público uma edição completa das suas prosas e versos, foi oportuna e feliz. Pela formação intelectual e pela índole da sua actividade de escritor, ninguém mais indicado do que António Sérgio para comentar as obras cuja publicação Antero aprovou, e que são as verdadeiramente representativas da sua personalidade. As restantes serão editadas pelo sr. Couto Martins tal como apareceram outrora; e mesmo as que António Sérgio selecciona e organiza, apresentando-as sob a perspectiva do seu conceito crítico, continuarão a publicar-se na primitiva forma, facultando a livre escolha das edições diferentes.

Nada mais absurdo, por conseguinte, do que julgar exclusiva e única a edição comentada por António Sérgio, acusando-a de deformar para todos os leitores futuros a apreciação de uma obra de tão altos sentidos.

A edição dos «Sonetos» prefaciada por Oliveira Martins, ainda em vida do poeta, foi organizada sob um critério cronológico arbitrário e com inúmeros erros de data. António Sérgio, pelo contrário, classificou-os em sete grandes grupos de temas fundamentais; substituiu à ordem confusa e inútil das datas um critério ideográfico com expressa significação interpretativa; pôs um critério de inteligência e análise crítica onde se deparava mistura informe de temas. Ora a poesia de Antero de Quental, mesmo que fosse exacta a cronologia da edição primitiva, é daquelas que exigem uma compreensão reflexiva e intrínseca, uma biografia episódica que realmente nada exprime numa personalidade saturada de contrastes como era a de Antero.

Aos bibliógrafos e aos amadores de historietas biográficas oferece o editor-proprietário de Antero novas edições das edições primitivas; a quem quiser compreender, analisar e discutir o poeta e o pensador na estrutura complexa da sua mentalidade real, oferece António Sérgio, além de numerosos elementos explicativos, uma interpretação crítica sobre a qual as próprias discordâncias avultarão com sentido criador.

A classificação dos «Sonetos», transfiguradora como toda a crítica, pode ser discutida sob múltiplos aspectos: a índole dos grupos concebidos sob designações especiais; a legitimidade da inclusão deste ou daquele poema em algum dos grupos; a sobreposição evidente de alguns dos temas e a distinção dicotómica imperiosa em outros. Mas o critério adoptado impõe aos leitores desta edição o que o próprio espírito anterior mais profundamente implica: a discussão esclarecedora até aos extremos limites da compreensão psicológica. E ninguém

como António Sérgio a sugere, por duas principais razões: a clareza extrema do seu pensamento, a solidez interna do seu sistema de idéias, a inultrapassável argúcia da expressão intelectual; e, em sentido oposto, essa falta de aprofundamento psicológico, compreensão do instável, valorização exacta do instintivo e subconsciente que à filosofia de Sérgio repugna e o seu limpo sistema não pode conter. Por isso este crítico de suprema inteligência analítica, de tão diáfana expressão no domínio das puras idéias — que é o seu credo nativo — nos faz apreciar nas suas anotações aos «Sonetos» muito mais o Antero que devia ser do que o Antero que foi. Por isso entende e explica tão bem o subjectivismo de toda a poesia anterior, mas a interpreta no plano da objectividade de estrutura artística, universal e eterna, que a outros se afigura muito mais condicional.

António Sérgio reduz Antero a uma luminosa e sedutora ordenação de idéias; mas é através delas e depois delas, sem dúvida, que o Antero real pode surgir-nos compreensível, com as suas dolorosas e trágicas contradições e esse influxo devastador do temperamento e da incerta natureza que o dilacerou na vida e o arrastou à morte.

Depois dos «Sonetos» e das «Odes Modernas», António Sérgio apresenta em edição comentada com igual latitude as «Primaveras românticas». Teria que ser muito longa, decerto, a análise dos complexos e fundamentais juízos que o autor dos «Ensaíais» aí apresenta. Mas do último volume publicado — e só por isso — cabe destacar o extenso comentário em que Sérgio discute as supostas influências de Beaudelaire no poeta, quando ele era ainda uma alma juvenil de puríssimo quilate em que o lirismo se encaminha sempre para a preocupação do bem:

«Metus pês vacilam com incerto passo
Nos caminhos do bem».

Realmente o dramatismo interior e a propensão pessimista de Antero não possuem nemhuma afinidade beaudelaireana. Para o autor das «Flores do Mal» a perversidade sarcástica era uma inata maneira de ser; para o autor das «Primaveras românticas» o pessimismo tinha muito diversa origem resultando antes da insatisfação da vida e do desencontro com o real. Para um, o homem traz em si a gênese do mal; para o outro, é a sua vítima.

Que uma edição de Antero venha sugerir, no quadro de uma interpretação sistemática, problemas desta ordem — é já motivo bastante para que se compreenda e aplauda o seu definitivo valor.

ÁLVARO SALEMA

COMO ÊLES SÃO NA REALIDADE

JULES ROMAINS

JULES Romains viu desfazer-se em fumo — o dos canhões e o dos desenganos — o seu sonho pacifista de «Les hommes de bonne volonté». Acrescentou demasiadamente na força das convicções generosas e apaixonadas, concebidas na liberdade do sonho, e muito pouco nas realidades positivas em que os homens vivem e com que constroem, bem ou mal, o seu destino. Já há bastantes anos, Barbusse lembrava-lhe que se encontrava «dans le carrefour». Jules Romains ficou sempre na encruzilhada; e ainda hoje, refugiado na América com sua mulher, o romancista inquieto e tímido persiste nas suas incertezas. Imagem verdadeira de muitos franceses que não compreenderam ainda o seu destino — o que o malgrado Barbusse lhes apontava ao sair da lama e dos terríveis desenganos da guerra de 1914...



Má-lingua musical

COMO os escritores, também os músicos não são, muitas vezes, generosos e amáveis uns para os outros. Como elemento de comparação para o que sucede no mundo das letras mencionamos estas opiniões recíprocas de grandes génios musicais.

Haendel, nascido no mesmo ano e na mesma província em que nasceu J. S. Bach, nunca deu pela existência do seu ilustre contemporâneo. De Gluck dizia ele que percebia tanto de contraponto como o seu cozinheiro. Haydn chamava a Beethoven «o Grão-Mogol»; Weber apodava de caóticas as criações deste génio supremo da música. Schubert, depois de ter sido amigo de Weber, acusou-o de charlatanismo e sete replicou chamando-lhe idiota.

Liszt e Schumann foram ainda os mais benevolentes para os seus colegas. No entanto, Schumann dizia haver em Wagner muito mais

FAÇA DE PAPEL

— A 3.ª edição de «Amores e viagens de Pedro Manuel», de Joaquim Paço d'Arcos, apresentada pela Párceria Pereira, é exemplo raro de bom-gosto gráfico. Ao êxito público da obra literária convém juntar este outro êxito dos editores que é implícito conselho aos que publicam livros entre nós.

— O poeta Marques Matias, cujo prolongado isolamento não o fez esquecer entre os admiradores das melhores revelações da arte modernista, vai publicar em breve um volume de poemas intitulado «Meu Irmão Lôbo».

idéias do que melodia. A resposta deste foi que a música de Schumann era balofa e massuda. Brahms chamava «porcarias» as composições de Liszt; mas Hugo Wolf afirmava que as daquele não se elevavam acima da mediocridade...

DEZ MINUTOS COM FERREIRA DE CASTRO

FERREIRA de Castro é ouvido hoje nesta série de pequenas entrevistas. Dez minutos passam de pressa — por isso a entrevista é curta e em estilo conciso. O romancista de «A Selva», que é jornalista no melhor sentido da palavra — pela interpretação pessoal da vida e pela objectividade com que encara a mecânica social — é também um estudioso, em profundidade, dos problemas do nosso tempo, naturalmente ligados à sua intensa actividade de escritor. Quando lhe perguntámos em que trabalhava presentemente, Ferreira de Castro respondeu:

— Revejo os últimos capítulos de «A Volta ao Mundo», após mais de quatro anos de vida que consumi com este livro. É de todas as minhas obras a que me tem dado mais trabalho, pois além das minhas observações pessoais, procurei fixar outros aspectos de cada país que visitei, e isso obrigou-me a consultar uma enorme bibliografia, horas e horas perdidas às vezes por uma simples data.

— Quando teve a idéa de escrever «A Volta ao Mundo»?

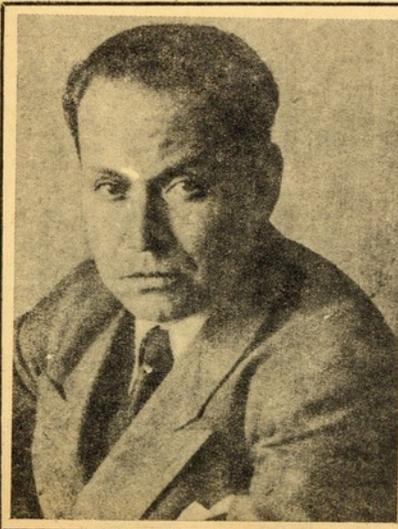
— Desde pequeno eu tinha a idéa não de escrever «A Volta ao Mundo», mas de fazer a volta ao mundo. A viagem não foi consequência do meu velho desejo de conhecer a terra e a humanidade que a habita. Para isso tive de fazer alguns sacrifícios. Um deles foi ter de escrever várias crónicas, na Mesopotâmia e na Índia, para «A Noites, do Rio, estando eu a arder em febre. Mas eu sou, por natureza, um nómada e em breve esqueço os sacrifícios feitos. É por isso que quando tenho alguma possibilidade me lanço logo na vida errante e só regresso quando as possibilidades acabam.

— Depois de «A Volta ao Mundo» o que pensa publicar?

— Tenho inédito o meu romance «O Intervalo», o primeiro duma série que quero continuar. Penso também escrever um romance sobre a situação social e religiosa da Índia, pois esta apresenta aspectos assombrosos. E tenho projectos para mais dois outros romances. Em todo o caso, nenhum destes estará pronto antes de 1945. Embora eu escreva com bastante espontaneidade, esforço-me sempre por dar toda a assistência intelectual, toda a meditação que requiere o assunto a tratar. Não me seduz a idéa de publicar livros escritos sobre os joelhos, como faziam, ultimamente, muitos escritores franceses, embriagados pelo êxito. É porque isso não me seduz, desde que saí o meu romance «Emigrantes», em 1928, até hoje, isto é, durante quinze anos, só publiqui seis livros.

— Que futuro imediato prevê à literatura?

— Penso que a literatura vai entrar, mundialmente, num vasto florescimento, porque a própria inquietação mental que lava no nosso planeta levará os homens a sentirem cada vez maior necessidade de exprimir as suas mais profundas ansiedades.



A PRIMEIRA LIÇÃO DUM CATEDRÁTICO

Nos degraus do anfiteatro, debruçam-se três a quatro centenas de pessoas entaladas em recinto que para metade desse número teria sido construído. O dr. Pinto Coelho, reitor da Universidade, partilha a presidência da mesa com o Prof. Reinaldo dos Santos, director da Faculdade de Medicina. O Prof. Rocha Brito, de Coimbra, cita Montaigne e sorri, sob os óculos reluzentes, ao público que simpatizou com ele. Mais grave, à esquerda do director da Faculdade, o Prof. Rocha Pereira, da Universidade do Pôrto, toma apontamentos para poder cumprir o encargo de criticar a lição que o dr. Fernando da Fonseca apresenta ao julgamento do júri, da Faculdade, dos alunos, do público... O público está ao lado do candidato, neste momento culminante da sua carreira, em que, após dez anos de professorado, procura firmar o direito definitivo à cátedra renhidamente disputada.

Na bancada do júri, como em tribunal, o Prof. Egas Moniz aquece os pés junto a um irradiador e agasalha a cabeça sob a cabeleira adquirida em Paris nos tempos de presidente da nossa delegação à Conferência da Paz... O Prof. Henrique de Vilhena, de máscara forte, esconde, nas preocupações do cientista, a sensibilidade do escritor que ergueu, com mão de mestre, a figura de Jerónimo Valverde. Junto à cabeça precocemente prateada do Prof. Pulido Valente, a cabeleira teimosamente escura do Prof. Francisco Gentil.

Ainda dentro da teia, mas já não envolvidos nas largas becas pretas dos catedráticos, os professores auxiliares, que não pertencem ao júri, mas ganharam, por direito, aquele honroso lugar: os Prof. Carlos Salazar de Sousa, Barahona Fernandes, etc. Junto a eles, o Prof. Ramalho, vindo especialmente do Pôrto, e o Prof. Tapia, vindo do Caramulo.

Entre o público, dezenas de médicos, senhoras, a Faculdade em péso. Uma senhora desmaia, vítima da grande aglomeração. A «equipe» de médicos que trabalha com o Prof. Fernando Fonseca, no Régo, ocupa as primeiras filas, no canto da direita, e escuta, numa ansiedade fervorosa, a sua pri-

meira lição de catedrático. Porque nem de daqueles rapazes tem dúvidas de que ele será o candidato eleito.

As médicas adoptaram quasi todas a cabeleira loura, talvez para uniformizarem a cor dos cabelos com a cor tradicional da Faculdade... Mas outras senhoras há, presentes, que não pertencem ao corpo clínico nem são estudantes da Escola. A esposa do dr. Madeira Pinto, neta de Carlos Mayer e do general Cristóvão Aires, dum Venício da Vida, e dum Secretário Perpétuo da Academia, dá ali, com outras senhoras, a nota perpétua da elegância feminina interessada pelas pugnas do espírito.

Jornalistas de primeira plana, como o dr. Norberto Lopes, homens públicos, antigos ministros, como o almirante Magalhães Corrêa, escutam, em silêncio atento, a lição magistral que o dr. Fernando da Fonseca profere com rara clareza e brilho.

O dr. Pedro Mayer Garção indaga de Paço de Arcos se colhe, naquele espectáculo, material para um novo romance e deseja saber se «O caminho da culpa» passa pelo anfiteatro da Faculdade de Medicina.

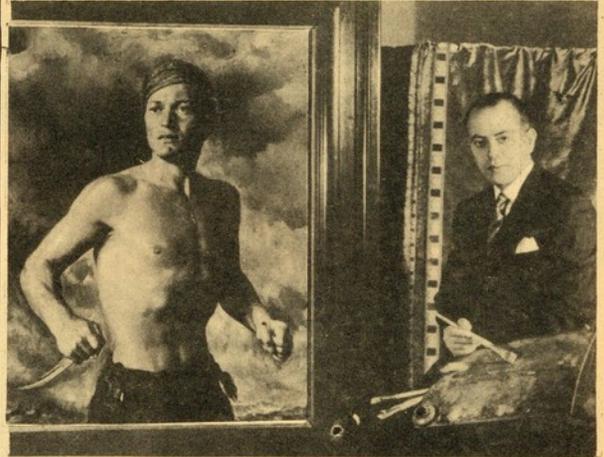
Entretanto, o Prof. Fernando Fonseca chega ao termo da sua lição sobre «As formas exocitricóticas da malária». Pousa o ponteiro, com que apontara no «écran» e nos gráficos os resultados exaustivos das suas investigações, mas não pára ainda de falar. Evocara, no início, os mestres mortos e os vivos a quem ficara devendo a sua formação profissional; cita, ao findar, o grupo moço de colaboradores, discípulos queridos, a quem deve a preciosa ajuda para os trabalhos que ali apresentou. Apaga-se para os elevar. Um sussuro de emoção atravessa a sala, que durante uma hora se manteve suspensa da palavra forte e persuasiva do mestre que dá uma alta lição, pelo valioso conteúdo científico da sua palestra e pelo nobre significado moral das suas palavras.

Os professores da Escola passam, envolvidos nas becas negras. Um quarto de hora depois, o júri proclamava o Prof. Fernando Fonseca professor catedrático de Propedêutica Médica. Estava encerrada a audiência...



As vezes, escreve-se que os homens são modestos e que detestam a publicidade. E, às vezes, o público não acredita, porque as fotos vão aparecendo... e, mesmo, porque às vezes essa modéstia não existia. Pois bem: o dr. Fernando da Fonseca não gosta, de facto, de se fazer fotografar. Tem horror aos jornalistas — e aos fotógrafos. Entretanto, um amigo, sem que ele desse por isso, pôde fazer-lhe esta foto, quando o illustre catedrático sala do pavilhão de pesquisas por ele criado no Hospital do Régo, e quando conversava com um dos seus assistentes.

FLAGRANTES



«O patriota lugo-estavo, ao lado do retrato de Medina»

MEDINA

TRIUNFOU NA AMÉRICA!

HENRIQUE Medina, o pintor português de celebridades, está na América e terminou agora um novo retrato. Ele que foi o pintor de Carmona, de Lily Pons e de Mary Pickford, apresentou um novo trabalho que está a fazer furor e a que chamou «Retrato dum patriota lugo-estavo». Representa um jovem que resiste, contra um céu tempestuoso, de punhos cerrados e olhos espantados, contra quem ameaçar a sua pátria.

Diz-se que, para um artista, cujos trabalhos têm incluído lindas mulheres e homens célebres dos três continentes, este retrato é uma transformação revolucionária.

Há tempos, foi entrevistado por um Jornal americano e disse:

— Tem sido a minha ambição pintar as figuras mais importantes do meu tempo. Nestes casos, quem poderá ser mais importante do que um patriota?

E, quando lhe perguntaram qual deveria ser a função do pintor na actualidade, Medina acrescentou:

— É necessário um intercâmbio de idéias e conhecimentos, no caso de esperarmos por um mundo melhor depois da guerra. Parece-me que a minha melhor contribuição seria produzir o maior número de retratos possível, para tornar os Estados Unidos conhecidos em Portugal. Convivendo com o amável povo americano, vou compreendendo grandemente o seu maravilhoso país. Tive grande alegria de encontrar alguns dos oficiais da Missão Militar Portuguesa, quando aqui estiveram. Tendo sido convidados a visitar os Estados Unidos, puderam ver o seu colossal esforço, e apreciar a amabilidade do governo. Os portugueses que se deixam ficar na pátria desconhecem o Novo Mundo, mas não é fora de dúvida que poucos americanos supõem a contribuição que os meus compatriotas prestaram à história da humanidade.

Se existe alguém que possua uma tãa vasta soma de conhecimentos internacionais, será exactamente este

artista que tanto tem viajado, pintando personalidades em destaque.

Os seus trabalhos foram expostos em Lisboa, Paris, Roma, Londres, Nova York, Washington, Buenos Aires e Rio de Janeiro.

Seu pai, que era espanhol — um excelente fotógrafo que quis aprender a pintar, era um insatisfeito apesar dos seus êxitos o terem feito fotógrafo da família real espanhola. Depois de falecer, sua esposa levou a família para Lisboa, sua terra natal, onde o futuro pintor de nomes ilustres recebeu a sua educação artística na Escola de Belas Artes. Trabalhou durante anos em Paris e Londres, visitou há 12 anos os Estados Unidos e foi ali convidado a pintar alguns quadros para os átrios de grandes Universidades. Voltando aos Estados Unidos, em 1939, dirigiu-se à Califórnia, onde pintou Mary Pickford «A Noiva do Mundo», para o Museu da Arte Moderna de Nova York, onde, mais uma vez, as flores, as vinhas e o sol lhe fazem lembrar o seu querido torrão natal.

Estas notas vêm-nos da América e é reportados a elas que damos mais estas afirmações de Medina:

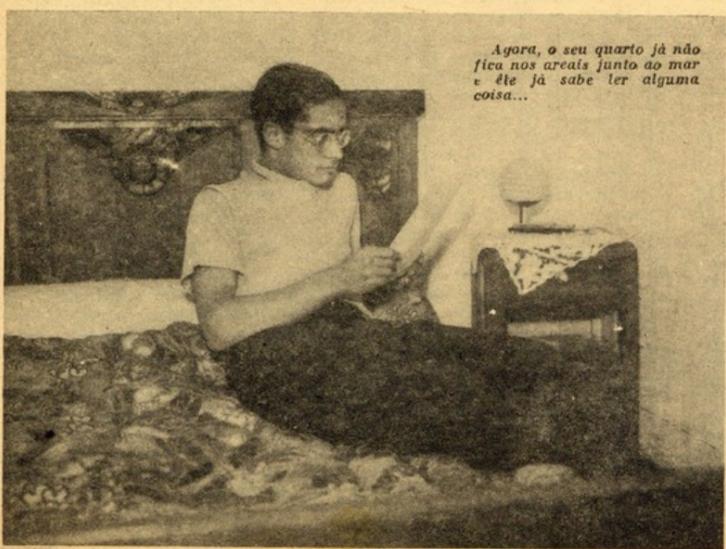
— Encontrei nova inspiração no clima e na beleza deste país, tendo encontrado entre o povo a hospitalidade e a amizade para mim e para o meu país, a par da verdadeira concepção democrática. A pintura é a minha arte. Ao pintar americanos, tenho notado que, apesar de virem de muitas regiões, possuem inúmeras características comuns, um formato especial de cabeça, uma expressão de boa-vontade e de intrepidez, um ar de gente que vive e que deixa viver, além de inteligência firme. É lamentável que o povo estrangeiro não se tenha inteirado melhor das qualidades desta grande nação. Se puder fazer compreender o espírito americano através das minhas obras, prestarei um serviço a todos os homens e aqueles de quem sou hóspede. As minhas esperanças no futuro repousam nos ideais que tenho encontrado entre o povo americano.

Como se vê, Medina está satisfeito — e entusiasmado...

**HISTÓRIA VERDADEIRA
DE UM RAPAZ POBRE
QUE VAI HERDAR DE UMA TIA...**

DE VAGABUNDO A MILIONÁRIO!

POR MANUEL MARTINHO — FOTOS DE SERODIO



Agora, o seu quarto já não fica nos areais junto ao mar e ele já sabe ler alguma coisa...

ESTÁ aqui, está aqui ao nosso lado! Tem o aspecto vulgar dessa massa operária que, cotidianamente, trabalha e sua junto da forja. Entra de manhã na fábrica, ali na Quinta do Almargem, que o vulgo chama do Chora, por se terem guardado nos barracões que lá existiam os saudosos carinhos que antecederam os «eléctricos»; veste o fato de ganga, salpicado de remendos, tem as mãos ásperas e rugosas dos calos que o trabalho dá — e dizem os companheiros que está milionário.

Milionário? Que será isso, num país onde quem tem uma courela ou um lameiro bota ares de monta e diz à boca cheia «sou proprietário»?

Nós não temos bem a noção das grandes fortunas. Há senhorios que passam a vida inteira a viver das esmoladas dos inquilinos — pagam contribuição — e moram em quartos alugados. A sociedade, porém, há-de chamar-lhe proprietário, capitalista, porque herdou, no tempo da monarquia, um prédiozito, de dois andares, num bairro escondido, com rendas de 12\$50.

Quem tiver cem contos é rico, duzentos milionário, trezentos — isso, senhores, é o Rockefeller português. Daí benzer-se a gente do povo quando topa um fabiano encravado que desce dum automóvel de praça, que traz um bom fato por pagar, um anel de fantasia e que vai visitar um parente pobre que mora em bécio ou ruela popular. Num sussurro, todos clamam: é rico, é milionário — quando a única verdade, às vezes, reside nêle se chamar Fortuna e andar empenhadíssimo até a raiz dos cabelos.

Este pobre operário de dezanove anos tem, também, uma história. Perdido em Lisboa, na balbúrdia desta grande pequena urbe, onde os dramas são contínuos, sem um braço amigo que o protegesse, desde catraio de seis palmos vagueou, roendo os ossos da vida. Conheceu o frio que a inverneira sabe dar aos que dormem cobertos pelo céu; conheceu as chicotadas fortes do nordeste, quando a roupinha delida era um montão de farrapos. Ao Deus dará, dormiu nos desvãos das ruelas, nos pátios úmidos e tristes, nas escadas «confortáveis» desses escritórios da Baixa. Para lutar pela vida — calcurreava a cidade vendendo linhas e alfinetes, de porta em porta, magro e doente, como qualquer vagabundo errante que nunca conhece o seu norte.

Não tinha ninguém — a cidade, para ele, era uma madrastra que o enjeitava. Sempre lutando, foi também vendedor ambulante de hortaliça. E outra vez o seu destino era correr. De manhãzinha, com o burro atestado, o seu pregão perdia-se nessas ruas estreitas dos bairros ruidosos. E o seu gritar teria, quem sabe, a significação dum queixume bem erguido por uma vida moça a definhar-se — sem um carinho de mão amiga. Foi assim que uma vez o senhor engenheiro Henrique Daugos o encontrou dormindo sobre o areal da Cruz Quebrada. Procurava o sítio mais abrigado do ventar forte — e anichava-se ali, como num leito confortável. O mar quasi lhe lambia os pés — e era, para ele, aquela música baixinha das ondas, a canção mais terna que os seus ouvidos retinham. Ao menos também cantavam para que ele adormecesse. E sonhava assim. Achava-se pequenino e metido num berço de rendas; tinha tudo quanto precisava para agasalhar o corpinho — mas, afinal, despertava com a boca cheia de areia, o fato úmido da gead.

O engenheiro Henrique Daugos, que morava perto, condeou-se daquele rapaz. Deu-lhe roupas, deu-lhe de comer — e empregou-o na fábrica. A sorte do Abreu — éle é o Abreu — foi melhorando. Apegou-se à faina com ardor. Alugou um quarto no Altinho, ali a dois passos. Com o que ganhava sempre ia passando melhor. Queria aprender a ler, ser gente.

Um dia, o jornal trouxe uma notícia que provocou muita risota entre os companheiros de ofício. A polícia procurava o paradeiro dum rapaz, que devia estar por Lisboa, com os dados e o apelido que condiziam com o do jovem operário. Foi mesmo uma empregada quem emprestou o jornal. Um operário leu a notícia — e o Abreu correu ao Torel. Que tinha sido?

Uma tia materna, natural de Mangualde, que se ausentara para o Brasil, morrera. Não tinha mais ninguém — a não ser uma irmã — mãe dêste rapaz — que se presumia que vivesse em Lisboa. Mas não, a mãe já não existia: a morte tinha-a levado, quando o filho ainda era pequeno.

De modo que o operário ficou, dum momento para o outro, herdeiro de qualquer coisa.

De quanto? Sabe éle lá!

O povo, que faz a lenda, quere que éle seja milionário. E vê já

o Abreu, num grande «Buick», a administrar prédios e grandes empresas.

Ora, o Abreu está aqui ao nosso lado e vai contar:

— Não sei a quanto monta a fortuna! Vou mesmo pedir uma licença para ir a Mangualde, falar com o juiz! Há uma semana que não sei nada.

— Se fôr uma grande fortuna, que faz você?

Abreu encolhe os ombros — parece-lhe um sonho e fica a meditar.

Os companheiros é que o fazem «zaruca». Dizem que éle vai montar uma fábrica de açorda, um jardim zoológico, uma mina de sementes de bacalhau...

Abreu não gosta. Já cortou mesmo relações com alguns.

— Ninguém sabe quanto é a herança, todavia — diz-nos o engenheiro Daugos a rir — posso-lhe garantir que éle já tem uma correspondência amorosa muito razoável — e não sei quantos amigos!

E, depois, numa confidência:

— Mesmo que sejam 1.200 contos — éle tem dezanove anos — eu guardo-lhe cá na fábrica o lugar que éle deixar de desempenhar...

MANUEL MARTINHO



— Eh! pá, vais montar uma fábrica de sementes de bacalhau?

Grandeza e decadência da "dobragem", em Espanha

SOBRE a dobragem têm-se escrito rios de tinta. Há quem a defenda e quem a condena, quem a exalte e quem a deprima, quem lhe reconheça utilidade e valor, nos campos da indústria e do espectáculo, e quem negue esse mesmo valor e utilidade nos mesmíssimos aspectos. Não nos propomos, evidentemente, reeditar os argumentos da polémica e ainda menos marcar o nosso ponto de vista. Não interessa, de momento, a opinião pessoal de quem estas linhas escreve, muito embora, o ano passado, em Espanha, tenhamos realizado um largo inquérito, assistido à exibição de filmes dobrados — e bem dobrados — e procurado estudar acções e reacções de dobragem, num meio onde ela é imposta obrigatoriamente.

Se não interessa a nossa opinião — interessa seguramente a documentação do caso espanhol. Porque a evolução d'este resulta dum largo período experimental — e do ensaio da «dobragem» levado ao ponto da saturação. Com efeito, não nos recordamos de país algum onde o sistema tivesse carácter tão exclusivista — e na própria França os filmes com diálogos «post-sincronizados» eram feitos segundo um contingente. Não se impedia até que uma sala existisse o filme na versão original e outra, a respectiva versão francesa.

Não há dúvida de que a «dobragem» desenvolveu extraordinariamente a indústria do espectáculo no país vizinho. Os produtores e realizadores com quem falámos proclamaram a «uma vozce», os benéficos efeitos das versões espanholas de filmes estrangeiros sobre as plateias afastadas dos grandes centros populacionais. A província viu desenvolver-se, dum dia para o outro, espontaneamente, a indústria do espectáculo. O aldeão, que manifestava pela algarviada estrangeira, soberano desprezo, passou a frequentar o cinema, logo que este lhe falou uma língua acessível ao seu entendimento. E como o problema do analfabetismo, lá como cá, pesa sobre o recurso das legendas sobre-impresas, a dobragem avantajou-se, nos resultados, a todos os expedientes usados até então.

Mas, em relação à produção nacional, a dobragem foi como a erva daninha a sugar o melhor dos seus elementos vivificantes. O cinema espanhol emprestou aos filmes estrangeiros a preciosa arma que eles não tinham, para triunfar e impôr-se completamente: a língua. Ao fim de vários anos de experiência, as resistências esboçadas ganharam forma.

A campanha contra a dobragem tomou, dia a dia, novos acentos. A imprensa cinematográfica espanhola pede, agora, que se revogue a disposição que manda «dobrar» todos os filmes. E considera a necessidade premente, antes que a indústria faleça por via do próprio esgotamento.

«A dobragem — essa invenção do demónio» — coloca o cinema nacional perante o problema de ser ou não ser! E Alberto Garcia Lopez, em editorial do «Primer Plano», conclui:

«Sabemos até que ponto uma indústria cinematográfica, que arrisca francamente o seu dinheiro — muitos milhões — está em condições de inferioridade ante a indústria da dobragem, que não arrisca coisa alguma. Essa onda de esperança do cinema espanhol (o jornalista descreve, atrás, as perspectivas animadoras da indústria, sob o ponto de vista técnico) vibra com o temor desta ameaça. Se quisermos que as cento e cinquenta películas espanholas mobilizem dinheiro, contribuam para dar dinheiro a artistas espanhóis e dêem rendimento à fazenda espanhola, há que restringir inexoravelmente a dobragem das películas estrangeiras, bonito negócio em que se não arrisca seja o que for e que não traz à Espanha benefício algum. Nem economicamente, nem, pelo que se vê, espiritualmente.»

«A dobragem, como sistema, é monstruoso. Mas, além disso, é o suicídio do nosso cinema.»

Nada mais acrescentaremos, por hoje.

FERNANDO FRAGOSO



A CANTINA DAS ESTRÉLAS

HOLLYWOOD não se tem poupado, para assegurar aos soldados que lutam na frente todo o atrilho material — e disso é exemplo a campanha da venda de títulos de guerra — e sobretudo o conforto moral. Sob este último aspecto, a mais original e curiosa das suas iniciativas é a «Hollywood Stage Door Canteen», ou seja um «cabele» cujos serviços são inteiramente assegurados por artistas famosos. Assim, as melhores orquestras vão ali tocar; no palco exibem-se números sensacionais; e as raparigas que dançam, as «staxi-girls», vão desde a Dorothy Lamour até as formosíssimas beladões anónimas do cinema americano. E tudo isto — que por vezes é o céu também!... — de graça, para os soldados. Os que estão de licença gozam de prerrogativas especiais e nada mais reconfortante para um jovem cinefílo, envergando uma farda, do que saber que pode dançar um «foz» ou um «blues» com a mulher dos seus sonhos...

Sobre este tema real — acaba de ser feito um filme «Chuva de Estrelas», interpretado por uma infinidade de vedetas famosas, e que é, como se diz no sub-título, «A história de amor dum soldado». Porque os rapazes e raparigas que ali dançam, reúnidos no caso de uma licença entre duas batalhas, entendem, por vezes, que acertam tão bem a dançar, que bem mereçam caminhar na vida, lado a lado, por mais algum tempo. Daí romances de Amor — do Amor que o tempo ainda não levou...

AS FILMAGENS DA «MENINA DA RÁDIO» COMEÇAM NO DIA 20 D'ESTE MÊS!

...MAS AINDA NÃO SE SÁBE QUEM É A «MENINA DA RÁDIO».

POR muito estranho que se afigure ao leitor, é assim mesmo! As filmagens da nova película de Artur Duarte começam no dia 20 do corrente mês, mas ainda não se sabe, quem é «A menina da Rádio».

...Ou talvez não — como diria Pirandello, se tivesse que comentar esta situação aparentemente paradoxal dentro da nossa indústria de filmes.

Explicquemos: Já há, em princípio, uma «Menina da Rádio», escolhida e aprovada. Simplesmente, Artur Duarte quer ainda avaliar as possibilidades de duas ou três candidatas que não prestaram as suas provas, e isto para prever o caso de algumas delas se revelarem tão excepcionalmente, que modificassem as resoluções assentes em princípio.

O mais curioso é que ninguém sabe, por ora, quem é a única «Menina da Rádio» possível, de quantas se apontaram sucessivamente. Esse segredo pertence a meia dúzia de pessoas e a própria interessada ignora-o, em absoluto.

Esta situação não deixa de ter o seu pitoresco. E não vá supor-se que se trata de mero truque publicitário. A expectativa que as próprias circunstâncias teceram à roda da revelação da «Menina da Rádio», exclui tal hipótese.

Podê dizer-se, de resto, que nunca, até hoje, a escolha de uma intérprete suscitou tanto interesse. Artur Duarte tem suportado uma verdadeira ofensiva de «Meninas da Rádio», quer em retratos, quer em carne e osso! Além disso, passam-se, todos os dias, as coisas mais surpreendentes neste capítulo! Na semana transacta o realizador, adoentado, encontrava-se a dormir, quando o seu telefone retiniu.

Do lado de lá do fio, perguntaram: — É o sr. Duarte que está ao telefone?!...

E logo a seguir:

— Faz favor de dar atenção! O realizador do «Costa do Castelo», preparado para todas as eventualidades, ouviu um piano e um violino e, momentos volvidos, uma voz esgançada, a cantar determinada canção.

Passado um minuto, a cantora parou e o «apoderado» interveio:

— Que tal acha?! Tem aqui a «Menina da Rádio» ideal. Procurá-lo-emos, amanhã!...

A americana, como vêem!

Seja como for, a notícia é esta: O filme vai entrar em produção, no dia 20 do corrente. Já há uma «Menina da Rádio», de prevenção rigorosa. Quem é?! Segrêdo impenetrável — pelo menos, à data a que escrevemos. E agora para terminar, à maneira da-

queias legendas que encerravam as «jornadas» dos antigos filmes em séries, preguntamos:

Quem será a vedeta? Conseguirão as suas perigosas competidoras destronar a que está escolhida? E o que veremos, no próximo episódio, intitulado: «Finalmente, esta é a Menina da Rádio!».

Jorge Brum do Canto está desinteressado do cinema?

ENCONTRAMO-LO, há dias. — Então, Jorge?! Quando teremos um novo filme?

Resposta pronta de Brum do Canto:

— Não sei! Há um lugar vago no cinema português!

— Qual?

— O meu...

— ...Está a gracejar!...

— Longe disso. Falo-lhe seriamente!

— Mas, então, nem projectos?

— Nem projectos! É assim mesmo!

— Porquê?

Brum do Canto evita a resposta.

Insistimos:

— Mas o que faz agora?

— Ando no mar. Estou em Seimbral! Vou à pesca...

— ?...

— Então V. não sabe que eu, como o «Caçarola» da «Canção da Terra», gosto, gosto, gosto —

gosto imenso de pescar?

— Mas o César de Sá anunciou que ia fazer um novo filme consigo!...

— ...Eu, por mim, nada sei.

— E a «Fragata sem Rumos»?

— Só lhe posso dizer isto: um argumento colossal. Se o Mota da Costa estivesse em Hollywood

— teria uma fortuna na mão.

— Mas V. gostaria de o realizar?

— Sem dúvida! Reputo-o um das melhores histórias que li...

E mais não disse Jorge Brum do Canto, que parece desinteressado dos estúdios. Aquêles que o conhecem confiam, porém, no seu amor ao cinema português, de que foi esforçado pioneiro — e não se admirarão, por certo, se o ouvirmos dizer:

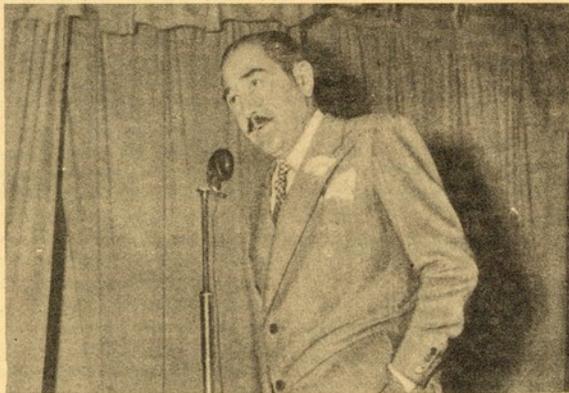
— Voltei! Tinha que ser!

Oxalá, esta última hipótese se confirme. Na indústria nacional não há valores em número suficiente, para que possamos prescindir dos melhores.

As estrélas desfilam pela Rádio...



Diante do microfone da C. B. S., Spencer Tracy, severo e imperturbável, entrevista para milhões de ouvintes a fascinante Katherine Hepburn. Apesar de tudo, ela parece um pouco desconfortada — ou talvez atrapalhada — com as perguntas indiscretas de Spencer...



Em Londres, Adolfo Menjou, o eterno elegante, deu o seu primeiro recital radiofónico. Recital dedicado aos valerosos soldados das Nações Unidas — serviu bem para demonstrar o delicioso «humors» de Adolfo Menjou...



Rita Hayworth, recém-divorciada de Orson Welles, representa com Fred Mac Murray uma comédia transmitida pela rádio. Calculem, com aquelas caras tão sérias eles estão a representar uma comédia...

Á ESCUTA...

QUESTÃO DE ATENÇÃO — É uso e costume em Portugal fazerem-se as coisas porque têm de ser feitas. Raramente há uma nota vinculada de brío profissional, de interesse sincero.

Há noites passadas, numa terça-feira, durante o período de música de dança, o locutor da Emissora Nacional anunciou o nome do cantor negro Fats Waller como Fats Waller. Por quê? Porque a atenção escasseou, decerto...

AUTORES E INTÉRPRETES — Ouvimos, em tempos, num rádio-amador, a transmissão duma cena da «Severa», de Júlio Dantas, entre o Custódia e a Severa. Não podemos deixar de protestar. Enquanto o Custódia parecia arrancado ao túmulo, a Severa falava como uma menina prendada das Avenidas Novas.

Pois bem, mais recentemente, no mesmo pósto, Armando de Oliveira recitou péssimamente a «Canção do nosso Destino» de António Bôto. Perguntamos apenas: Júlio Dantas e António Bôto estão de acordo com isso?

REPÓRTER 2

UM PROBLEMA GRAVE É PRECISO SABER organizar programas para a infância

Foi nestas mesmas colunas, não há muito tempo, que Francisco Mata, numa entrevista sensacional, declarou que rádio escolar — verdadeiramente rádio escolar — não existia no nosso país.

E Francisco Mata falou com razão. Não nos lembramos dum único programa organizado na rádio portuguesa, de propósito, para educar e distrair os ouvintes infantis.

Sim, educar e distrair. Apenas conhecemos esses programas já velhos, pretensiosamente intitulados «infantis», talvez porque nêles colaboram, às vezes, crianças com menos de vinte anos...

Mas rádio escolar, rádio educativo, foi género que nunca se tentou, a sério, no nosso país. É certo que já se falou nisso, que já se fizeram tentativas, que já se discutiu o problema.

Mas os resultados foram sempre nulos, ou pela falta de recursos, ou pela insuficiência de métodos ou ainda pelo espirito de transigência com um certo público...

E contudo, lá fora, faz-se já tanto e tão bom, nêsse vasto campo de educação! Não pensemos, porém, que rádio escolar consista apenas em trocar o professor pelo auto-falante.

Longe disso, a tarefa é mais difícil e delicada. Requer um espirito imaginativo excelente, um bom conhecimento de psicologia infantil e, de facto, os requisitos necessários a um perfeito educador.

Na Inglaterra, por exemplo, estão em voga os chamados «debates interropidos» — unfinished debat — que consiste numa discussão organizada sobre vários assuntos. O «caso» passa-se geralmente numa aula, onde os alunos comentam e discutem os temas propostos pelo professor. É fácil de verificar o efeito radiofónico e educativo que se pode tirar de tal processo...

As aulas de história são, de preferência, «dramatizadas» e representadas dentro das épocas respectivas. Por seu lado, aproveita-se o género da «reportagem descritiva» para todos os assuntos que estejam relacionados com a vida do dia-a-dia.

Um inquérito levado a cabo pelo «Institut International de Coopération Intellectuelle» concluiu que a «lição ordinária» ou seja a emissão à maneira de aula era ainda a mais perfeita e de resultados mais concludentes.

Durante anos 4 anos o problema grave da rádio escolar tem sido estudado e debatido por alguns dos melhores pedagogistas do mundo. Entre outras conclusões, constatou-se que os períodos de emissão para os ouvintes infantis deviam ser curtos, dados com intervalos regulares e apresentados com graça e leveza.

Um dos estudos mais curiosos sobre o rendimento e as possibilidades da rádio escolar, foi realizado pela «Radiojans» de Estocolmo. Num questionário dirigido a mil quatrocentas e treze escolas suecas, perguntou-se especialmente qual a «natureza» e a «forma» dos assuntos a ser tratados dentro da rádio.

Mais de oitenta por cento das respostas deram preferência às emissões sobre Ciências Naturais, geografia e história. Todavia, a quase unanimidade recai nos programas em propaganda da hygiene. Isto no respeitante à «natureza». Quanto à «forma» as respostas demonstraram uma evidente simpatia pelos diálogos curtos e pelas conferências humorísticas.

Mais modernamente a «British Broadcasting Corporation» apresentou também os resultados interessantes dum inquérito no mesmo género, através do qual os ouvintes infantis mostraram o seu agrado pelos relatos de viagens, pelas reportagens de actualidades científicas, pelas adaptações das grandes peças, pelas biografias de vultos célebres e pela história das invenções.

Mas, sobretudo, este inquérito trouxe uma grande novidade: o interesse do provinciano em conhecer a vida das metrópoles e o interesse dos metropolitanos em conhecer a vida do interior. Algum afirmou já que essa revelação valia como um grande passo inicial para o mútuo entendimento das condições diferentes de existências.

Portanto, temos de constatar os progressos enormes que a rádio escolar vai alcançando nos meios cultos de todo o mundo. No estrangeiro, ninguém nega hoje a importância da organização de programas para a infância.

E nós, que fazemos? Continuamos com os fados e guitarradas, as meninas a cantar o «Beija-me» e os meninos a recitar poesias do tempo da nossa avó...

Por favor, senhoras responsáveis da rádio portuguesa, lembrem-se dessa verdade eterna: as crianças de hoje serão os homens de amanhã. Organizem programas para a infância — mas a sério!

G. M.

MILÚ vista por uma das irmãs Santos

Não sabem? Pois fiquem sabendo: Júlia, uma das encantadoras irmãs Santos, é também desenhadora. Desenhadora, sim senhores. E no dia em que Milú casou, a Júlia fez-lhe este retrato. Então, que tal, parece-se ou não com a Milú? Se acharem parecida, dêem parabéns à Júlia Santos...



CESÁRIO O POETA DA CIDADE

ASSIM como há escritores que pretendem revelar nos seus temas impressionante dramatismo sem, no entanto, o sentir, de igual modo existem outros que, através das suas produções, disfarçam a tragédia que consigo trazem. Tantos são os exemplos, que a sua enumeração seria apenas possível em longas citações. Para que o facto não envolva ampla tarefa documental, basta-nos avivar a lembrança que neste momento nos acode.

Cesário Verde foi o poeta da musa salutar, clara, enolada, cantante; o cronista da vida sãda dos campos e do tumulto alacre da cidade. Contudo — oh! admiração! — Cesário foi um poeta triste, e a sua alegria teria sido para ele uma das muitas ilusões que não chegara a realizar.

O enorme, o estranho poeta que já era moderno e humano muito antes de surgir na poesia certo enfastiamento de modernidade, interpretou fielmente a vida. E como a vida só é fácil para quem a não sente nem a sofre nem a perscruta — a arte de Cesário ficou, para o vulgo, acessível a julgamentos superficiais.

Todavia, na vibração dos seus versos existe um sentimento dissimulador de íntima amargura. Para justificar o parecer, imperfeitamente esboçado, basta-nos-ia lembrar este verso despedaçador:

Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos...

Pois, apesar da expressão muita vez angustiada da sua arte, é fiel para tantos um poeta alegre e descuidado.

No entanto, cremos, poucos poetas portugueses auscultaram mais profundamente a alma da cidade e o drama dos humildes, como o autor de «Num bairro moderno».

Como Fialho, deambulando a deshoras pelos recantos sombrios de Lisboa, retratado em crónicas as misérrimas e os vícios de um mundo obscuro, assim Cesário, «prático e viril», como ele se dizia, o poeta-repórter da cidade, acordou em seus versos a tristeza oculta na vida aflitiva das vielas.

Cesário, poeta alegre! Supomos que não deveria perdurar tão errado conceito.

Silva Pinto, o seu amigo, tão querido e bom como se fôra seu irmão, escreveu do poeta estas linhas que são traços indeléveis de uma alma: «Nunca fomos risonhos — o Cesário e eu. As nossas horas de convivência foram tristes e severas.»

Assim teria sido, de facto.

Cesário, que descreveu fielmente a alma da cidade, as aguarelas frescas das manhãs de Lisboa, com sua graça inimitável e seus motivos saudáveis de gente laboriosa e mágica, não seria perfeito se deixasse esquecidas vagas sombras melancólicas que erram, quando a noite se avizinha, pelos bairros tristes, como uma presépio de amargura humana.

AUGUSTO RICARDO

DOIS PAÍSES — UMA SÓ LÍNGUA!

VINTE anos de esforço, de estudo, de boa vontade foram precisos para que se corrassem de êxito os primeiros passos, no sentido de criar para dois países uma só língua. Portugal e Brasil, pela vontade e pelo estudo dos seus dois mais altos organismos intelectuais, dispõem agora de uma arma formidável, sem ramificações dispersivas, capazes de conquistar o mundo das letras em todos os tempos e em todos os campos. Salazar e Getúlio Vargas acabam de sancionar a obra da Academia de Letras do Brasil e da Academia das Ciências de Lisboa, de futuro órgão consultivo responsável pelos problemas a resolver. É da cerimónia da assinatura da Convenção luso-brasileira o aspecto que damos, vendo-se o sr. dr. Neves da Fontoura, embaixador do Brasil, e dr. Oliveira Salazar, a assinar o histórico documento.

FALA-SE ESTA SEMANA

DR. JOÃO DE BARROS



No número passado, iniciou a sua colaboração na nossa revista, com carácter permanente, o escritor sr. dr. João de Barros — um nome que dis-

penza adjectivos e que fala por si próprio das suas magníficas realizações literárias. Também esta explicação seria escusada, porque o público passará a encontrar nestas páginas o convívio amável do seu espírito de poeta e comentador — se um dever de reconhecimento pela acedência honrosa ao nosso convite não nos levasse a a felicitar-nos por ter o autor de «Presenças eternas» entre os nossos colaboradores de melhor e mais alto aprêço.

DR. FRANCISCO VELOSO



Regressou à sua actividade profissional, o nosso ilustre e querido companheiro de trabalho, sr. dr. Francisco Veloso, que é boje, sem dúvida,

um dos mais esclarecidos elementos do nosso jornalismo e do nosso mundo económico, onde se revelou homem prático e de idéias levadas para livros sobre economia. O dr. Francisco Veloso, que durante largo tempo encheu a nossa revista das primícias do seu valor, como cronista da política internacional, voltou a ocupar o seu lugar de secretário geral da Associação Comercial de Lisboa, pelo que daqui o abraçamos efusivamente.

BAPTISTA RUDY



Baptista Rudy, um artista de sentido moderno, que tem dado à nossa Revista do melhor da sua arte, não limita a sua actividade aos trabalhos de colaboração. Trabalha por conta própria, faz arte pela arte — e apresenta os frutos do seu espírito à apreciação albeia. No Salão de Inverno, da S. N. B. A., Baptista Rudy foi distinguido com uma 3.ª medalha atribuída a um pastel — «Aquário» — que a crítica assinalou com palavras de louvor.

TIMÔR é português

A 17 de Dezembro de 1941, o Governo tomava conhecimento de um acontecimento estranho: o Japão, invocando razões de segurança e necessidades de estratégia de guerra, não obstante ter o compromisso formal de que Timor não serviria de trampolim atacante, para o que iam a caminho tropas portuguesas — ocupava, pela força, a mais oriental das províncias portuguesas! Sem respeito pela neutralidade prometida e mantida por Portugal, o Japão, obediente às suas leis de expansão imperialista, cego nos processos de atingir objectivos que lhe abrissem mais largos caminhos às idéias e às acções — não se deteve perante problemas sentimentais, não reparou na nossa atitude política perante os problemas do mundo actual, nem sequer considerando uma vizinhança secular que se baseou sempre em princípios de reciprocidade e mútua compreensão. Foi naturalmente fiel a essa compreensão que o Governo português, em lugar de exigir uma imediata reparação pelas armas — preferiu enveredar por um caminho de laboriosas, inteligentes e persistentes negociações. Nenhuma razão confessa existia então para se duvidar da honorabilidade da palavra japonesa desde sempre verificada e era de presumir que se chegasse ao fim expresso pelo Governo português: evacuação das tropas nipónicas, sem mais delongas nem condicionamentos. Hoje, porém, que dois anos passaram sobre os primeiros factos de Timor, todos nós, com o Governo, temos o direito — e o dever de esclarecer de uma vez para sempre o Governo do Japão, de que Timor é português e como tal tem de ser defendido por nós e respeitado por estranhos.

A guerra no Pacífico aproxima-se de um ponto culminante difícil de abranger na complexidade dos seus resultados — e Timor não pode nem deve ser de novo campo de batalha, de crimes e atrocidades, sem que a nossa situação perante o Governo japonês seja claramente definida.

Nunca, como hoje, os portugueses teriam estado com a nação e com o Governo, como nesta hora. Portugal tem o dever de exigir a restituição de Timor, tem o dever de exigir reparações e tomar todas as atitudes, para dizer ao mundo e ao Japão:

— Timor é português. E preciso que regresse ao património nacional — e para isso faremos todos o que o Governo exigir de nós.



O QUE TEM SIDO A OBRA DAS MÃES

segundo afirma a sr.^a Condessa de Rilvas



FIGURA destacada da nossa sociedade, a sr.^a Condessa de Rilvas, que preside à Obra das Mães, recebeu-nos pouco tempo depois da celebração de mais uma semana dedicada à Mãe portuguesa. Diz-nos que a Obra tem funções puramente educativas, não obstante fazer às vezes assistência, como degráu para atingir os fins para que foi criada.

— Educar, regenerar, defender, levantar a família, eis o nosso objectivo — diz a sr.^a Condessa de Rilvas.

— É preciso preparar a mulher para o bom cumprimento dos seus deveres maternos, morais, sociais, fazendo dela rainha do lar, modelo para os seus filhos e seus concidadãos. Creio que, se este objectivo fôsse inteiramente atingido, a miséria moral e material teriam, enfim, seu termo.

— E os meios de que a Obra dispõe?

— A Obra das Mães trabalha em silêncio. Os resultados em profundidade, junto das almas, não se obtêm com barulho e exteriorizações... o que faz, talvez, que a nossa acção não seja devidamente compreendida.

— Há, então, desinteresse?

— Não digo isso. Pelo contrário, nota-se este ano um progresso notável na compreensão da nossa orientação, encontrando boas-vontades e até entusiasmos que até agora não se tinham manifestado.

— Como se exerce, então, a acção da Obra?

— Em primeiro lugar, através dos nossos centros sociais e educativos, criados em geral dentro dos centros distritais, confiados a técnicos formados no Instituto de Serviço Social de Lisboa e na Escola Normal Social de Coimbra e que atingem todas as classes sociais, pelos seus cursos de ensino familiar e doméstico, de economia doméstica e social, cursos teóricos e práticos, adaptados às várias classes, desde a mais elevada à classe popular e rural.

— E onde funcionam esses cursos?

— Em Cascais, Coimbra, Braga e Pórtio, por agora. Em Braga, inaugurámos este ano um centro rural em Palmeira, em colaboração com a Casa do Povo. E o nosso desejo é multiplicar o mais possível esta iniciativa.

A sr.^a Condessa de Rilvas continua:

— Pela secção de partos gratuitos, a domicílios, exercemos acção de vasto alcance e que daria um livro de ouro comovente, se pudesse ser divulgado. E pelas nossas cantinas escolares atingimos as famílias pobres. Havia de ver o que se passa, por exemplo, no Casal Ventoso, donde uma comissão de homens do bairro veio solicitar o nosso concurso, para os ajudarmos a erguer da miséria um bairro inteiro. Boa e excelente gente, essa, que só não faz mais e melhor, porque foi abandonada!

— A acção da Obra exerce-se só no continente?

— E nas ilhas adjacentes. Em todo o país, criámos prémios pecuniários para as famílias numerosas, legitimamente constituídas. Há heroísmo nesses lares, pode crer. Heroísmo obscuro e até há pouco um tanto desprezado, é certo, mas que merecem carinho e amparo...

Na voz da sr.^a Condessa de Rilvas há sincera comoção:

— Pensa bem no que será uma mãe rodeada de 14 ou 16 filhos a pedirem pão e a dizerem que têm frio, quando o marido tem um salário que mal chega para duas pessoas! É um calvário. As autoridades oficiais deviam tomar providências imediatas no sentido de remediar esta situação. Essas crianças, a quem falta tanta coisa, são os homens e as mulheres de amanhã e se são assim raquíticas, se crescem em condições deficientes, que será da geração futura? Bem vê: este é um problema grave que interessa à nação...

A sr.^a Condessa de Rilvas termina a sua entrevista:

— Criámos o Dia da Mãe — que é agora o dia da ternura, da piedade filial. A obra das Mães cumpre, assim, a sua função moral e social. A função para que foi criada.

ABRIU O SALÃO DE INVERNO!



MAIS um Salão. O de Inverno, e o m mulheres bonitas envolvidas nas peles caras e os trabalhos vestidos de tintas leves e estivais: aguarelas, desenhos, pastéis — tudo a sugerir-nos o tempo mórno de um Salão de Primavera. Há gente nova a expôr, há coisas lindas a ver. Os nossos artistas olham agora com mais carinho a aguarela e o pastel — a aguarela principalmente — onde a tradição havia ido buscar das mais belas e honrosas expressões da nossa arte.

Abriu o Salão de Inverno na S. N. B. A. O júri já decidiu dos melhores trabalhos. O público, agora, que decide do julgamento do júri. A cerimónia inaugural assistiu o sr. general Amílcar Mota, em representação do Chefe do Estado.

NOTAS RAPIDAS



Quando, há pouco, foi inaugurada a Sala Brasil, na Academia das Ciências, os srs. drs. Neves da Fontoura, embaixador daquele país em Portugal, e Júlio Dantas, presidente da nossa douta Academia, pronunciaram um discurso que ficará como dos melhores, na expressão efectiva dos nossos dois países. Sala Brasil representa, de facto, um magnífico instrumento de aproximação luso-brasileira, cujos bons frutos não se farão esperar.



O dr. Lourival Fontes, que esteve de passagem entre nós e já regressou a Nova-York, depois da reunião de Londres, preparatória da Conferência Internacional do Trabalho, foi alvo de homenagem dos nossos organismos oficiais, sendo-lhe oferecido um jantar numa adega típica do Bairro Alto, pela Secção Brasileira do S. P. N. Além do dr. Ribeiro Couto, 1.^o secretário da embaixada do Brasil, estiveram presentes todos os funcionários daquela secção, dirigida pelo dr. Cesário Alvim.



Renova-se e amplia-se o quadro dos médicos dos Hospitais Cívicos. Desta vez — vinte tomaram posse, no gabinete do sr. enfermeiro-mor, durante uma cerimónia simples mas significativa. Pertencem ao internato complementar, depois de terem prestado brilhantes provas em concurso.



O Natal teve as suas comemorações públicas e particulares. Pode dizer-se que todas as crianças tiveram a sua festa — mas a dos filhos dos funcionários da Socony-Vacuum Oil Company foi particularmente expressiva. Nas oficinas daquela companhia, armou-se um presépio e foram distribuídos brinquedos e guloseimas às crianças.

ROCHA MARTINS:

«...Derouet arranjava-nos sempre casas muito grandes, boas e baratas»

HÁ semanas, enquanto nos acalentava com a sua amizade robusta, numa volta do Chiado, Rocha Martins, o eterno mosqueteiro das grandes causas arquivadas, o romancista, o historiador, o jornalista, defensor do pobre e do oprimido; o acadêmico que continua a ser povo e só sabe ser da plebe, o neto do «vintista» sublevado contra todos os excessos, o filho do serralleiro que reivindica gloriamente a sua progenia proletária — esse Rocha Martins que é, foi e será sempre o panfletário sem transigências, o executor-mor dos palhaços, fazia-nos o esquisito sumário de Derouet: «...éle foi da «Vanguarda», da velha gazeta. Lembra-te, ó Máximo Cru? O meu intrépido doutor e boémio, lembra-te?»

— Sim, lembro-me — dizia teimosamente o célebre médico, seu companheiro casual nessa manhã friorenta.

— Já então o Luiz Derouet tinha uma habilidade especial para nos arranjar sempre umas casas muito grandes, muito boas, e muito baratas. Que belo rapaz e que grande e característico carácter! Quantas e quantas pessoas, famílias inteiras, éle não socorreu. Com as pálpébras pesadas, e a taparem-lhe, à força, os olhos espertos, nada lhe escapava. Pois foi uma força na época, bastava-lhe dizer o nome. Eu poderia estar horas inteiras a contar histórias sobre éle e ficava, ainda, com o volume das minhas «memórias» intacto. Que pena não haver entre a gente de hoje quem o conheça. Que belo rapaz. E que característico! Não é verdade, ó Máximo!...

— Lá isso é... Sabia de tudo!
— E Rocha Martins, ao acompanhar-me a casa, mudou de conversa.



EMMUDECERA o pesado, cinzento edifício da Imprensa Nacional de Lisboa. Saíra a última série do «Diário do Governo», os últimos volumes de impressos ministeriais — toda a tralha miúda dos impressos oficiais com o conhecido S. R., levando a estera armaril no meio.

Submergia-se o amplo casarão na noite escura. A treva sugere a repressão. No entanto, o homem alto, de pescoço abrigado, que saía agora, com o último contínuo e o último empregado da contabilidade, era humano e sempre buscara atenuar arestas.

Luiz Derouet mal teve tempo de se encostar ao candieiro público que fica quasi justaposto ao portão grande da Imprensa. Ao longe, em arrancadas amarelentas, vinha, em qualquer das vias, um elétrico. Era tarde. Ele queria buscar o abrigo do seu lar, ali próximo. Era noite, e noite escura, sem luar.

Circundado de trevas, mal servia o candieiro municipal, o «nabo», na genérica nomenclatura do povo, para iluminar, recortando-lhe as arestas, o rosto glabro, trigueiro, carregadamente moreno. Soaram, então, tiros de pistola na noite.

O crime foi julgado por juizes. Nada temos com éle. Mas temos — isso sim! — com a breve enumeração dos serviços prestados por Derouet no decorrer de toda a vida, a gráficos e a jornalistas.

Naquele homem prostrado, já cadáver, havia, também, um excelente chefe de família. Chorámos todos. Não houve excepções. Eu estava longe. Mas todos sentimos, tanto nos jornais como nos serviços

DO PASSADO

LUIZ DEROUET:

OS SEUS JORNAIS, OS SEUS JORNALISTAS

Tiros na noite escura

gráficos do Estado, que faltava algo, que era alguém, esse Derouet alto, encurvado como um crivo amarelento, o qual hoje perpassa na evocação rápida desta sumária, não intencionada reconstituição.

Estudara aos trambalhões, acabara por arrumar-se, no período doloroso e vago da propaganda republicana. Descendia de franceses — o seu apelido o diz claramente — e ficara-lhe o gósto pelas artes e letras dessa raça inquieta incrustado no espirito brilhante.

Uma operação cruel reduzira-o ainda mais ao seu lar: à sua mulher, à sua filha. Não se deixara vencer pelo desatento. Isso não era com éle. Trabalhava mais — para distrair. Tinha, na mão morena de longos e engelhados dedos, o jeito paternal de coçar ou encostar a palma ao seu longo rosto.

Deveria sentir a injustiça, nos seus íntimos estremeções. E éle amava tanto a vida! Os grandes dias azuis, as noites calmas e escuras, pintalgadas de estrélas, desta nossa Lisboa...

Sabia ler e, principalmente — suprema ciência — ouvir. Dotado de infinita paciência, no amémico panorama intelectual da sua época, destacava as pessoas úteis para os seus objectivos. Republicano fervoroso, na mais dinâmica e revolucionária das accepções que aquelas duas palavras contêm, prestimo-o a consagrar as cerimónias em que tomava parte com a sua gravidade ritual, sacerdotal.

Homem sério, descomprovetido, desinteressado, descomedidamente, exageradamente — por que não? — revolucionou as condições do trabalho gráfico e do trabalho jornalístico. Introduziu tipos, desenhos novos, incitou esse endiabrado Gini, o da «Funtipos», entendendo, e muito bem, que os modelos de cravação oficial — em especial os corpos dez-quatro e dez-seis, mais conhecidos por selzevires, do judeu de Rotterdam, que inventou

uma letra perceptível — pertenciam ao Estado e para evitar confusões aborrecidas.

Já antes importara, de Barcelona, quasi todos os lindos desenhos semi-góticos, semi-latinos, fundidos por Ricardo Gans. E, ainda que assim não fosse literalmente, ficara-lhe a nobreza do conceito gráfico: é o melhor revisor, o melhor redactor, o melhor «fecha-parágrafos».

Nos seus jornais, com efeito, a sua caneta irrequieta encerrava a mais esparsa das prosas em compactas colunas. E, nos diários, estava todo o amor da sua vida, a sua paixão, a ternura de uma devoção autenticamente filial. Quando surgia uma crise de trabalho, eio-lo que corria para o Ministério do Interior até obter um pouco de trabalho e as respectivas verbas, a fim de distribuir tudo isso pelas officinas paradas, prestando atenção a todos, movendo o pesado corpanzil por toda a Lisboa, acudindo iniciativas e penteando, cuidadosamente, de risca ao meio, as suas responsabilidades:

— A Imprensa Nacional é para isto e para aquilo, etc., e tal!

— Os jornais e as casas de obras para aquilo.

Ao surgir-lhe, porém, um aprendiz mais esperto deixava-lhe a mão e fazia-o educar na escola ubérrima em mestres que foi a Imprensa Nacional de Lisboa.

* * *

O elétrico? estava, na paragem do costume. O corpo ainda se contorceia. Alguém gritou:

— Um corpo!

Outro dos passageiros acrescentava:

— Mais do que isso, senhores, é um grande cidadão! É Luiz Derouet. A Universidade Popular de Lisboa, criação de discípulos seus, tem, na rua onde está instalada, o seu nome. E, também, essa rua é escura e fria.

CONSIGLIERI SA PEREIRA

MARIO SALGUEIRO

contou-nos um dia como entrou para o jornalismo através de um anúncio de LUIZ DEROUET

dentro, sossegava-nos e, para isso, empregava a mais habitual das suas locuções:

— «O coisinho», vem cá, tem paciência... Ora ouve como eu entrei nos jornais... Parece coisa de embruxo e não o é... Outros tempos!

E, na sua voz arfante, de homem já meio queimado mas já mais desiludido, Mário contou-me e a outra pessoa:

— Eu tinha vindo para Lisboa, convencido de que tudo estava à minha espera afim de me receber... E, afinal, uma semana e mais outra, logo um mês inteiro, outro mês e a minha velhota a chamar-me lá do fundo de Trás-os-Montes, de Bragança:

— «Vem, meu filho, aqui sempre terá um pedaço de pão!».

Mas, quem me convenceria, quem convenceria qualquer transmontano à vergonha de voltar inteiramente vencido? Isso não! Assim fui apurando mais umas semanas e, quando chegara exactamente ao fim de tudo e nada me restava excepto a camisa que trazia no corpo, li um anúncio no «Diário de Notícias», redigido pouco mais ou menos assim:

JORNALISTAS

Para redacção de grande diário de Lisboa precisam-se. Escrever ao número tantos

Nunca estivera em jornal algum. Não me importel, porém, e escrevi logo uma grande carta, com a minha melhor letra. No dia seguinte, contava por antecipado com a desdenhosa indiferença dos grandes empresários ou, então, com o interesse cubiçoso de algum jornaleco arruinado.

Um amigo chamou-me a atenção para o «Diário Ilustrado». Era uma grande crónica do José Sarmiento, o qual, então, ali pontificava e só muito mais tarde conheci. Protestava, todo assanhado, numa crónica impecável, sob o ponto de vista literário, e contra o processo de se quererem recrutar jornalistas como quem escolhe criadas de servir, mulheres a dias, marçanos, etc., etc..

— Pois, «velhinhos» — exclamou Mário Salgueiro — disse de mim para comigo: olá, a coisa faz barulho. Algo virá atrás disto. E fiquei, muito confiado, a enrolar cigarrinhos de fran-

çês. «Um dia, recebi uma carta de Luiz Derouet, na qual me pedia para ir falar com éle, pois muito apreciara a minha carta, a cuidadosa redacção e a excelente letra. Acabei de comer e logo me apresentei no sítio indicado.

— Mário Salgueiro...

E éle, erguendo-se da mesa onde parecia enrolado e amarrado, começou a crescer diante de mim e a explicar: o jornal era o «Mundo», os redactores dos diários monárquicos não serviam, vinham já com «vícios» de officio e amanuensados. Ora, havia que criar uma escola diferente de jornalismo, de gente com sangue na guerra. Se eu servisse, éle compromettia-se a arrancar um ordenado maior... de principio... trinta mil réis! Uma fortuna! Poucos meses decorridos, Luiz Derouet cumpria a sua palavra: obinha-me cinquenta e, mais tarde, sessenta. Foi sempre um excelente e lealíssimo camarada. Sentiu muito a sua falta. Quando vi a notícia da sua morte violenta, senti que se ausentara alguéms, e que tudo isto talvez fosse diferente se éle viesse!



VAI para três ou quatro anos, quando decorria uma destas manhãs-tardes de Lisboa, nevoadas, úmidas, engrinaldadas de surpresa por résteas de sol que parecem résteas de alhos, Mário Salgueiro, já nos seus últimos meses de vida, porém, sempre confiado, na sua visão exaltada de fanático, no «caminhão», contou...

Mas melhor será reconstituirmos o cenário: no café habitual, cofinando a barba densa, de uma brancura quasi total e quasi mortal, chegáramos, arranjando das coisas e dos homens, depois de termos, pela milésima vez, subido a escadaria deste ou daquele jornal.

Mário Salgueiro, patriarcalmente, furibundo por fora, tranqüilo por

Às três pancadas

Bailados em S. CARLOS

A AUTORA DE «JOAO PATETA»

É FILHA DE Amélia Rey Colaço!



FOI há dois anos apenas. Ela tinha dezanove quando se estreou no Teatro Nacional com uma peça infantil, a «Maria Rita». Teresa Canto se chamava essa menina bonita, de grandes olhos negros que, num instante, conseguia ter um público e o nome em letras grandes nos jornais.

Depois, veio um ano branco. Agora, de novo, o nome de Teresa Canto volta a dar que falar, com a fantasia infantil «João Pateta», em cena no Teatro Nacional. O público voltou a aplaudi-la, a crítica não poupan elogios à sua autora, mas o que é certo é que ninguém sabia quem ela era.

Falava-se de um pseudónimo, dizia-se que isto e mais aquilo, que Teresa Canto encobria nome de conhecida senhora da nossa sociedade. E também se dizia que não, que afinal se tratava de uma estrangeira, de uma francesa refugiada, e até se chegou a afirmar que não era francesa nem refugiada, mas sim prima ou sobrinha de Maeterlinck. E mil coisas mais se diziam ainda, que isto de boatos variavam conforme a imaginação.

DESVENDA-SE A SEGRÊDO

Tem um ar acolhedor o «hall» que fica entre os camarins de Amélia Rey Colaço e do Robles Monteiro. Uma jarra com flores, uma mesinha, um tapete felpudo onde os pés se afdunam, e um imenso sofá que apanha quasi toda a parede.

Teresa Canto, a menina bonita de que toda a gente fala mas que poucos sabem quem é, está sentada na extremidade do sofá, brincando com as luvas. No alto da cabeça, um chape-

linho azul que parece de boneca. Teresa Canto sorri. E quando Teresa Canto sorri, nascem-lhe duas covinhas aos cantos da boca.

— Boa tarde...

— Boa tarde...

Cumprimenta o repórter com um ar simples, talvez um pouco tímido. Se não nos enganamos, é a primeira vez que Teresa Canto vai falar aos jornais, não como Teresa Canto mas como Mariana Rey Colaço Robles Monteiro. Pois é isso mesmo! A menina de grandes olhos negros e de chapelinho de boneca, é portuguesa, autêntica e nada tem que ver com as primas ou sobrinhas de Maeterlinck nem com as refugiadas que por aí apareceram a iluminar Lisboa.

— Porque escolheu um pseudónimo? — pergunta o repórter.

A resposta veio envolvida num sorriso.

— Porque não quis que o meu nome pudesse influenciar a crítica e o público.

Saltita-se de assunto para assunto. A tudo Marianinha responde (é assim que a chamam na intimidade). Sente-se sinceridade e simplicidade nas suas palavras.

— Não, não tenho por agora mais nenhum trabalho em preparação. Primeiro, necessito de descansar das emoções deste...

E fala-se da sua estreia. Marianinha diz, com muita graça, que, ao reler a sua primeira peça, ficou com a impressão de que ninguém a representaria. Mas depois... Oh, que bom! E os seus olhos brilham, brilham...

— Foi verdadeiramente emocionada que assisti à representação! Fiquei tão contente! Nem imagina! Mas tive de esconder a minha alegria diante de toda a gente que me rodeava. Teresa Canto não era seu... era uma pessoa que ninguém conhecia...

Marianinha fala de Lucien Donat com entusiasmos.

— Foi um precioso colaborador. Ele e os meus pais, que montaram e encenaram a peça.

— Porque escolheu o género infantil? — pergunta o repórter.

— Porque me parece uma boa escola para quem quere escrever para o teatro! Além disso, adoro as crian-

INDISCUTIVELMENTE, «Toma lá, dá cá» representa um triunfo de bom gosto que não estamos habituados a ver neste género de espectáculos. Mau grado a pobreza dos cenários e da montagem, mal de todas as revistas portuguesas, os autores procuraram, por toda a forma, vencer a mesquinhez das nossas encenações, armando ao efeito, quer fazendo aparecer as coristas do alto do palco, ou dos subterrâneos, quer ainda esbanjarindo-as sobre estrados. São bonitinhos fáceis, mas que denotam vontade de ir além do «rame-rame» costumeiro.

DIZER que António Silva é um grande artista, representa cansado lugar-comum. O que é pena é vê-lo esbanjar talento ingloriamente num teatro fácil.

Porque não havemos de o ver um dia no Teatro Nacional?

OS PSEUDÓNIMOS

Todos nós sabemos que nisto de fazer teatro ligeiro entre nós é função consentânea a uma escassa meia dúzia de felizardos a quem foi passado alvará de grandes génios. As empresas prenderem-se a eles por compromissos materiais que, em boas notas, significam às vezes aos seis contos de réis de ordenado mensal. Com estes compromissos, as empresas não se abalancam a pagar «por fora» aos autores novos que não querem entrar para a «panelhinha». E, daí, começam a surgir os pseudónimos — para fingir que não são sempre os mesmos a fazer revistas e operetas — em número tal que chega a desorientar o público e a crítica. Às vezes, num pseudónimo, cabem três e quatro autores — chegando a ser apresentados como estreantes, verdadeiros veteranos. Atenção, pois, senhores — que estreantes, na maioria das vezes, são apenas os... pseudónimos!

cas. Não vê que sou professora do Kínden Karden, que lido todos os dias com crianças de 4 e 5 anos!

Qual o grande desejo da autora da «Maria Rita» e do «João Pateta»? Este, simplesmente:

— Fazer uma grande peça!

Estava terminada a entrevista com aquela menina bonita que se chama Mariana Rey Colaço Robles Monteiro... e não Teresa Canto, por que todos a conhecem.

REPÓRTER UM

Na comemoração do 150.º aniversário do S. Carlos, foram, sem dúvida, os bailados que maior êxito obtiveram, tanto a «Pastoral» de Ivo Cruz, como o «Verde Galo», com Francis e Ruth à cabeça.

Estas fotografias que aqui reproduzimos mostram alguns momentos das comemorações.



Francis, Ruth, Carlos Botelho, Paulo Ferreira e maestro Frederico de Freitas e o grupo «Verde Galo» agradecem as ovações no final do bailado «Terra e Mars», argumento de António Ferro.



D. Margarida de Abreu, distinta professora do C. N. de Música com as suas alunas, no final do bailado «Pastoral», da autoria do Dr. Ivo Cruz.



Uma cena dos bailados de Setzas, em S. Carlos.



Francis e Ruth com os seus mais directos colaboradores na final do bailado «Terra e Mars», de António Ferro.



A PRIMEIRA CRIAÇÃO DO ANO NA ÓPERA DE PARIS

ACTUALMENTE, o homem mais atarefado da França deve ser, pela certa, o senhor Jacques Rouché, director e administrador de um dos mais belos teatros do mundo: a Ópera, de Paris. E isto, porque pretende abrir a época com a estreia de «Peer Gynt», uma ópera em três actos, do jovem compositor Werner Egk.

«Peer Gynt» é a transposição para o plano lírico da célebre peça de Ibsen, sem nada ter que ver com a partitura universalmente conhecida de Grieg.

Para o seu livrete, Werner Egk foi obrigado a modificar, aqui e ali, certas passagens da peça de Ibsen, o que pode parecer a primeira vista, bastante arrojado. Todavia, explica ele, há na obra do grande autor escandinavos elementos metafísicos e simbólicos que, dando muito bem no texto, se adaptam mal à assonância musical.

A parte coreográfica de «Peer Gynt» está a cargo do conhecido Serge Lifar, que ensalou já o bailado dos bobos, de que damos agora esta extraordinária imagem. São de notar os surpreendentes efeitos obtidos pela caracterização aparentemente simples, mas de uma grande profundidade psicológica.

À MARGEM DA GUERRA

CRUZ VERMELHA UMA LEGENDA DE AMOR

1859 A França e a Áustria esfacelam-se nos campos de Solferino. Os mortos cobrem a terra, dir-se-ia que se confundem com os vivos. Depois, o ódio avança: mais para lá, em perseguição do inimigo, enquanto os feridos se ficam esquecidos dos vivos...

Um rapaz de pouco mais de 30 anos passa, então, pelos campos de dor e desolação: chama-se Henri Dunant, nasceu em Genebra — é, suíço, é um neutro, portanto. Para ele, estendem-se os braços dos feridos:

— Socorro!
E Henri Dunant corre as aldeias vizinhas, requisita carroças, convoca camponeses, organiza socorros com enfermeiros voluntários e gente que se oferece para o que for preciso.

Tinha nascido a Cruz Vermelha!
A guerra acabada, Dunant escreve um livro a que dá o título de «Souvenir de Solferino» e onde apresenta um projecto de organização em cada país, de Sociedades de socorros aos feridos, ligadas a um comité central. Quatro anos mais tarde, uma sociedade filantrópica de Genebra, ouvindo o apelo de Dunant, resolve levar a cabo os seus humanitários projectos. São solicitadas as adesões de príncipes europeus — e, em 1864, perante os representantes de 16 estados, é assinada a Convenção de Genebra, durante a conferência internacional que ali se realiza para aquele efeito.

Um dos grandes problemas residia, porém, na dificuldade que os exércitos combatentes passariam a ter, para distinguir hospitais, enfermeiros e médicos dessa cruzada humanitaríssima. E resolveu-se, então, criar um sinal — a cruz vermelha sobre fundo branco, que era, afinal, a bandeira Suíça com as cores invertidas.

Hoje, esse distintivo aparece entre todos os exércitos — com excepção dos soviéticos: nos aviões, nas braçadeiras da manga esquerda, nos barcos e vagões — o mundo adoptou esse emblema que é uma legenda de amor e respeito pela dor e pelos meios de a sanar.

Depois da Convenção de Genebra, cada país passou a criar a sua Sociedade nacional de Cruz Vermelha: cinquenta e nove — eis quantas existem actualmente.

Na Alemanha chama-se Deutsche Rote Kreuz, a Inglaterra tem a sua British Red Cross, a Turquia a sua Croissant Rouge — todos os países têm a sua Cruz Vermelha.

Alguns meses antes de ter começado a guerra actual, o Comité Internacional da Croix-Rouge montara a Agência Central dos Prisioneiros de

Guerra — e, a partir de 4 de Setembro de 1939, telegramas, logo seguidos de cartas, notificaram os principais Estados e as Sociedades nacionais de Cruz Vermelha de que, em obediência aos seus estatutos e à sua tradição, de mais de três quartos de século — aquele comité estava na disposição de cumprir o seu dever. Desde então, mais de 140.000 toneladas de mercadorias, de valor superior a 1 milhão de francos suíços, e equivalentes a 14 mil vagões de caminho de ferro — foram expedidas e distribuídas pelos países beligerantes. E, a acrescentar a 55 milhões de encomendas, há 8 milhões de mensagens, cada uma com 25 palavras, confiadas ao C. I. L. R., pelas populações civis — e que foram enviadas para todos os países beligerantes.

Assim, os soldados alemães internados na Austrália e no Canadá podem escrever, uma vez por mês, a suas famílias, ao passo que os neo-zelandeses prisioneiros em qualquer parte da Alemanha podem receber cartas de Auckland...

Milhares e milhares de pessoas dão voluntária e gratuitamente a sua contribuição de trabalho para o funcionamento da Cruz Vermelha que só em casos raros pode pagar aos seus funcionários. Por outro lado, há a contribuição mecânica que é maravilhosa, da mais moderna e eficiente, na montagem de ficheros, pesquisas e identificações. Só assim, de resto — com muita ordem — seria possível não sosobrar no meio da desordem do mundo actual. Quando se ignora o destino de um soldado, a Cruz Vermelha encarrega-se de saber se ele se encontra em algum campo de concentração, por intermédio das suas «testemunhas» — uma espécie de correspondentes que prontamente esclarecem sobre o destino do desaparecido.

Dêste modo — quantas lágrimas enxutas, quantos risos não voltam a florir!

Os 120 ficheros da Cruz Vermelha Internacional, com sede na Suíça, onde estão escritos os nomes de 15 milhões de soldados prisioneiros, internados em campos de concentração, desaparecidos ou mortos — encontram-se, por ironia do destino, na grande sala de sessões em que reuniu, pela primeira vez, o Conselho da S. D. N. — a mesma que assistiu ao malogro da conferência do desarmamento!...

Logo depois de romperem as hostilidades, um médico, delegado do Comité Internacional da Cruz Vermelha percorreu, cerca de meia dúzia de vezes, o mundo em guerra, para inspecionar o estado sanitário dos prisioneiros. Esteve em todos os países — menos na Rússia, que lhe negou a entrada.

Um outro ponto importante da actividade da Cruz Vermelha fôra decidido na Convenção de Genebra: o auxílio, em tempo de guerra, para o abastecimento dos campos de prisioneiros, incluindo livros e distrações. Essas encomendas, umas vezes oferecidas, outras adquiridas nos países em guerra, sob condição de serem apenas aplicadas pela C. V., para fins autorizados, circulam, assim, por todo o mundo em navios alugados e que navegam protegidos pelo seu pavilhão. Gozam de uma espécie de super-neutralidade. De noite, são iluminados e trazem uma grande cruz rubra — e é-los que passam, de porto em porto, à procura de alimentos e remédios, na sua grande missão de amor e solidariedade humana.

Naturalmente que os meios de transporte de que se servem não são só barcos mercantes — os comboios terrestres, as ambulâncias aéreas, os camiões desempenham grande papel — mas, ainda assim, e uma vez que é preciso ir buscar alimentos aos continentes menos afectados pela guerra, a Cruz Vermelha dispõe hoje de um barco de grande utilidade: «Caritas», o antigo «Frédéric» que estava bloqueado em Casablanca e que foi completamente restaurado em Lisboa.

O seu capitão traz no bôlso três salvo-condutos — inglês, japonês e alemão — e a sua tripulação é unicamente recrutada nos países não beligerantes. Com todos os projectores e lâmpadas bem acesas, para que os periscópios dos submarinos o identifiquem — o «Caritas» navega agora sabe-se lá por que mares.

Sobre as cidades destruídas — como Saint-Nazaire — a bandeira da Cruz Vermelha protege as urbes; flutua nas primeiras linhas da frente de batalha, em pleno campo de luta, para arrancar ao sofrimento os soldados feridos; avança com os soldados e recolhe-os nas ambulâncias, onde são operados de urgência ou pensados para seguir com destino aos hospitais da retaguarda.

Portugal também tem a sua Cruz Vermelha. Trabalha estreitamente ligada à Cruz Vermelha Internacional. Mas, porque não possui hospitais — não tem enfermeiros. Apenas os Postos de Socorros mantém uma vigilante e humanitária acção — e só em 1916, quando Portugal entrou na guerra, foram criados serviços especiais de enfermagem para acompanhar em França o nosso corpo expedicionário.



ITALIA — As enfermeiras da Cruz Vermelha italiana — escotes rossines — têm agora um uniforme novo.



FINLÂNDIA — As «lotas», essas heróicas mulheres que vão à primeira linha de combate buscar os feridos, lembram sádias camponesas.



CHINA — A senhora Chang-Kai-Chek também é enfermeira da Cruz Vermelha chinesa — «Chu-Tse-Koé» — e aqui a vemos no uniforme das mulheres do seu país.



FRANÇA — Também as enfermeiras francesas usam agora um uniforme diferente — embora parecido com o italiano.



ALEMANHA — Chamam-se «schwester» as enfermeiras alemãs. Esta esteve em África, e é bem bonita, por sinal.



INGLATERRA — No seu passo decidido, metida num uniforme que tem ar marcial, as «nurses» inglesas desafiam a própria morte...



JAPÃO — «Les lis blancs» — chamam às enfermeiras japonesas que, no seu estranho tocado, tanto se aproximam dos nossos cozinheiros.



PALESTINA — Finalmente, para completa esta galeria, uma enfermeira palestina, com um emblema diferente mas o mesmo espírito de abnegação e amor.

DUAS FIGURAS DA GUERRA E DA PAZ

QUANDO GANDHI VISITOU ROMAIN ROLLAND...

MUITO se falou recentemente em Romain Rolland; que morrerá — que não morrerá, que se encontrava num campo de concentração na Alemanha. A verdadeira verdade — está para se saber. E, naturalmente, só se saberá quando os homens quebrarem armas fratricidas e se derem as mãos irrimontáveis.

O certo é que jornais suíços e franceses desmentem a notícia: Romain Rolland deve, portanto, estar vivo. E vive numa pequena casa de Vézelay, na França ocupada, onde tudo são reminiscências do passado e onde está a trabalhar sobre Beethoven.

A dar crédito ao que se diz, vai para três anos que Romain Rolland se refugiou em Vézelay — seis anos depois de ter abandonado a sua outra casinha de Villeneuve, muitas vezes e mais uma vez famosa por ter em si hospedado o corpo magro de Gandhi e de sua secretária, Miss Stade.

Romain Rolland-Gandhi. Eis duas figuras da paz que a guerra actual não subtraiu aos seus desígnios: cada um de seu modo tem o seu quinhão de sofrimentos no papel que representa.

Ambos fiéis aos seus princípios, ambos amigos do bem da sua pátria — entenderam-se e estimaram-se. A visita do mahatma a Romain Rolland, em Villeneuve, súbitamente transformada em centro de curiosidade universal — assim o prova. Durante uma semana, o público agarrou-se a Villeneuve, à casa de Romain e ao seu hóspede — e a «Scotland Yard» sabe muito bem quanto lhe custou a conter a multidão. Porque os ingleses encarregaram a sua polícia de guardar Gandhi e a sua

comitiva dos furores e dos amores da multidão.

Gandhi regressava da Conferência de Londres, onde havia defendido a causa do seu país:

«Pegal nas nossas duas nações, uma de um lado, a outra do outro, e eu me preguntarei se, com uma Índia livre, independente como a Grã-Bretanha, uma sociedade honrosa não seria mais proveitosa para ambas.»

O eco repetira as palavras de Gandhi — mas o sonhador, quando à saída de Territet tomou o auto que o conduziu a Villeneuve, não devia já confiar muito na realização daquilo

que os outros homens chamavam utopia.

Porque visitava Gandhi o escritor francês? Romain Rolland escrevera a sua biografia sem nunca lhe ter feladado... Este encontro era uma retribuição de cumprimentos. E, assim, quando desceu o corpo magro do mahatma, de pernas nuas e envolto num manto curto de lã branca, Romain Rolland correu a estreitá-lo nos braços ainda fortes.

Diz-se que falaram muito estes dois homens que não sabiam fazer-se compreender em nenhuma língua e que precisaram de Mademoiselle Helena

Rolland para lhes traduzir as longas conversações. E só uma vez, durante uma semana, os dois homens se fizeram compreender, empregando a linguagem da música. Romain Rolland, grande pianista, interpretava ao piano o seu querido Beethoven, enquanto Gandhi, silenciosamente, limpava uma lágrima que lhe corria pela face esmaecida. Estavam presentes Miramner, Devadas, o filho de Gandhi, Piralal e Mahadar Desai, o fiel secretário morto há um ano na prisão, Miss Slade, sua secretária inglesa — e muitos outros amigos, sentados pelo chão e pelos degraus da escada...

Os dois gigantes da «Scotland Yard» escutavam do jardim e, mais tarde, confessaram:

— Também nós nos sentimos comovidos...

Mas éles, coltados, atribuíram a sua comovição à grande estima que sentiam, depois de uma semana de convivência, pelo sr. Romain Rolland...

O escritor havia de descrever mais tarde alguns traços curiosos desta visita:

— Quando me lamentava da curiosidade dos vizinhos que não nos deixavam dar passo em falso, Gandhi replicava: «Não faz mal, éles têm o direito de querer saber tudo. Não lhes devemos esconder nada. São amigos e nós os encontraremos conosco no grande dia. Se é certo que o mundo está fatigado de guerras sangrentas, a verdade é que também está desgostoso de tantas ilusões e sonhos — resultados inevitáveis dos métodos belicócos. Nas índias, nós estamos a tentar obter a liberdade por métodos em que não entra nem a violência nem a má fé...»



DAQUI E DALI

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, à frente da Direcção Geral dos Desportos, Educação Física e Saúde Escolar, continua na sua peregrinação por clubes de todas as categorias desportivas. «Ver para crer» — como São Tomé, o incrédulo discípulo do Senhor — o ilustre responsável e orientador dos nossos actos desportivos acha, e bem, que os homens para serem apreciados nos seus feitos — precisam de ser ouvidos. Por isso ele vai a toda a parte, inspeciona, ouve e vê. Só assim pode formar juízos, orientar, criar o prestígio do conhecimento próprio. Como política desportiva — achamos óptimo; como processo de reconhecimento para a dignificação do desporto — achamos ainda melhor.

A próxima visita do sr. tenente-coronel Salvação Barreto é ao Atlético Clube de Campo de Ourique, que está marcada para o próximo dia 9.

Uma pergunta: quando principia o campeonato de Lisboa, de «basket-ball»?

O Torneio de Inverno, efectuado no Estoril, por iniciativa do Estoril-Prado com o patrocínio do nosso prezado colega «Os Sports», agitou durante um mês os meios natatórios e deu ensejo a que pudesse uma vez mais verificar-se quanta falta fazem piscinas apropriadas para se praticar natação no Inverno, mantendo os nadadores em actividade e proporcionando-lhes ensejo de se aperfeiçoarem e consequentemente progredirem.

A inserção foi numerosa, os resultados técnicos pautam-se como acéltivos; somente a afluência de público não correspondeu à propagação feita.

Falta de hábito em ver natação no Inverno. Há quem se arrepie, quando ouve falar em água, fora do período da canicula!

De aplaudir, o notável comportamento do F. C. do Pôrto. Estamos em presença de um rejuvenescimento completo, num espaço de tempo muito mais curto do que seria para esperar. O facto afinal, só depõe a favor da competência do treinador, Lipo Hersack, independentemente claro, de outro factor importante: a dedicação e aplicação dos novos elementos do campeão da Inicula.

Como entre treinador e jogadores há perfeito entendimento e como aquêle tem a parte da Direcção do Clube o mais decidido apoio, compreende-se que a difícil tarefa de renovação se simplifique — e o trabalho comum ganhe maior projecção.



GUSTAVO Pereira da Costa!... Um nome que anda intimamente ligado ao nosso desporto. Quando o Clube Naval era no Cais da Viscondessa, começou a aprender a nadar. Depois da aprendizagem, as competições. A primeira, um campeonato escolar, representando o Liceu de Pedro Nunes. A primeira Inter-clubes, em representação do C. N. L., foi na taça Awata, organização do Ginásio Clube Português.

As travessias do Tejo, a nado, foram-lhe familiares, quer correndo pelo C. N. L. quer pelo seu novo «amor», o Clube Nacional de Natação! O nome de Gustavo Pereira da Costa aparece nas provas que tinham por prémios a taça «Silva Garvalho», «Escudo do G. C. P.» Na I Grande Travessia de Lisboa a nado, também o seu nome figurou em postos de honra.

Também remou, e foi componente duma das primeiras tripulações que disputaram a taça «r. Manuel de Arraiolos».

Quer no C. N. L., quer no C. N. N., foi instrutor de natação. Em 1919, uma dissidência no C. N. L., leva-o a deixar de fazer parte da secção de natação do clube e acompanhado por um devotado amigo, toma a iniciativa de fundar o Clube Nacional de Natação.

Todavia, — é o próprio Gustavo Pereira da Costa quem o diz — apesar do incidente, nunca saiu de sócio do C. N. L., pelo qual nutre uma forte amizade. Nos registos, figura com o número 26. E sem dúvida, um sócio dos bons tempos, um autêntico «abencerragem»!

Dirigente de primeira água, podemos dizer que éle tem dado, desde 1919, o melhor do seu esforço a favor do C. N. N. e C. N. L. no desempenho de cargos directivos.

É este o homem que detém o comando no Clube Nacional de Na-

Três fases da vida do CLUBE NACIONAL DE NATAÇÃO descritas pelo seu presidente, Gustavo Pereira da Costa

tiação e que está na nossa frente a prestar declarações:

— Encontro-me de novo à frente dos destinos do Nacional, depois de algum tempo de ausência, mas a tarefa não tem sido fácil. Passado pouco tempo após a minha posse, uma crise grave atingiu os alicerces do clube. Felizmente, mercê dos bons colaboradores, tudo se resolveu. Os 532 sócios que então tinham saído, de novo voltaram.

Uma pausa. Depois: — Obras importantes no pósto náutico da Doca levaram-nos a contrair inúmeras dividas. Não houve outro remédio: se não arcar com esse tremendo sacrificio, pois de contrário, teriamos sossobrado. A cotização era pequena e não permitia largos vóos. Mas enfim, cumprimos.

— Bom, mas depois... — Mal feito ainda daquele período, tendo acabado de amortizar a quasi totalidade dos nossos débitos, nova crise se nos depara em 1939, e essa, mais grave ainda. A A. G. P. L., necessitava do terreno onde estávamos instalados para efectivar o plano de urbanização da Doca de Alcântara. Vimo-nos sem dinheiro e sem instalações. Aí que, depois de muito procurar-mos, encontramos o local onde estamos, que felizmente é muito bom.

Gustavo Pereira da Costa mostra gratidão:

— Mercê dos meus queridos amigos, architecto Luis Benavente e Eng.º António Filipe Gorinho, presidente da Assembléa Geral do C. N. N., pudemos ir para a frente, resolutamente. O primeiro executou obsequiosamente o projecto geral de conjunto do nosso parque e o segundo tem acompanhado tecnicamente todas as obras efectuadas. Ainda mercê doutrinas boas-vontades, foi-nos possível ter as nossas instalações, parcialmente em plena actividade.

Não interrompo o Presidente do Nacional.

— Em 1941, positivamente, só

fizemos a inauguração da parte do nosso parque que estava concluida e pouco mais. Havia muitos assuntos administrativos a arrumar e muitas contas a pagar... Chamo a 1941, o ano da expectativa.

Em 1942 aumenta a massa associativa, a cotização melhora, passando de 42 mil escudos para 69 mil e as escolas têm uma frequência de cerca de 450 alunos. Verificam-se os resultados dos novos processos de ensino. Além das secções de Natação, Salvamento e «Basket», cria-se a de «volley-ball», e disputa-se o Campeonato de Lisboa. Forma-se, também, o grupo dos amigos da Biblioteca. Chamo a 1942, o ano da transição.

Em 1943, movimentam-se «basket». As escolas de Natação e Salvamento têm uma frequência desusada, a secção de «volley» trabalha, a Biblioteca progrediu e cria-se a Secção de Campismo. As receitas continuam a subir: de 69 mil escudos em 1942, devemos atingir no corrente ano, 75 mil!...

Chamo a 1943, o ano de fixação! — E, meu caro amigo, o que precisa para 1944?...

— 1944... Eu lhe digo. Estamos a trabalhar para que seja... o início dos anos de «pogru», para coramento duma obra digna de todo o amparo e que tem vivido sempre, dentro do mais puro amadorismo. Tenho, mais do que nunca, grande fé em vencer.

Uma última afirmação, peremptória, e de homem habituado a querer e a triunfar!

— O Nacional de Natação tem um objectivo que transcende o campo puramente desportivo. Quer ser uma casa do melhor civismo, uma casa educativa. Há no nosso Parque um jardim, que talvez daqui a uns anos, ou a uns meses, possa começar a ter uma história curiosa...

Um sorriso de confiança — e estava findo o diálogo.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O K. O. DE AGOSTO SOUSA EM BARCELONA

SOMA e segue... Em Barcelona teve lugar outra sessão de «box», em que interveio um português. E, felizmente, para não desmanchar o ramalhete, o lusitano perdeu por um K.O. nítido, sem remissão.

Foi o caso que Martinez Perales, vencido há meses por Augusto Sousa naquela mesma cidade, achou azado o momento de solicitar a desforra. Não se conformara com a derrota então sofrida, e que impôs o pugilista português ante o público catalão. Perales era um idolo local e succumbiu também por K.O.

Entretanto, Sousa continuou a combater, não mais fazendo, porém, qualquer coisa de feito. Mas ficara com grande certezas. As suas irregulares exhibições foram tomadas à conta de más disposições de momento e a outros factores que servem de rótulos atenuantes para encobrir defeitos varios, o mas importante dos quais é a falta de conhecimentos.

Sousa foi andando, cambaleante é certo, mas conseguindo manter uma aureola relativa, que lhe permitia levar atrás de si o público suficiente para justificar a sua permanência na capital da Catalunha.

O combate de ontem, supomos, deve representar o ponto final da digressão. Martinez Perales saldou a dívida que tinha para com os seus compatriotas e acertou as contas com o pugilista português.

Augusto Sousa vai, acertadamente, fazer as malas e regressar a Lisboa. Traz um «palmarés» deficitário, mas é possível que tenha arrecadado, além de alguns escudos — que muito bom proveito lhe façam... — alguns ensinamentos proveitosos. E como a experiência se conquista lutando, Sousa lutou o necessário para não se esquecer de coisas e momentos muito interessantes.

O combate pode resumir-se assim:

1.º **assalto:** Os dois adversários estudam-se. Tocam-se ligeiramente. No último minuto, Sousa obtém a clássico «a-corpo violento». Dão-se muitos socos, faz-se pouco «box». O lance termina por Perales socar com extrema dureza o estômago de Sousa, que responde golpeando com a direita sem grande convicção. E logo da seguida, Perales aplica um excelente directo ao queixo do português e derruba-o por 8 segundos. Vantagem nítida do espanhol.

2.º **assalto:** Sousa «fechou-se», procurando evitar a repetição do golpe à cara. Perales persegue-o, tentando forçar a guarda de Sousa. Consegue-o, mas Sousa, numa reacção impetuosa, castiga o adversário, que se não desconserta, e responde marcando pontos. Ligeira supremacia de Perales.

3.º **assalto:** Sousa e Perales mantêm-se a distância. Temem-se. Chega um momento em que se entra num corpo-a-corpo violento. Dão-se muitos socos, faz-se pouco «box». O lance termina por Perales socar com extrema dureza o estômago de Sousa, que responde golpeando com a direita sem grande convicção. E logo da seguida, Perales aplica um excelente directo ao queixo do português e derruba-o por 8 segundos. Vantagem nítida do espanhol.

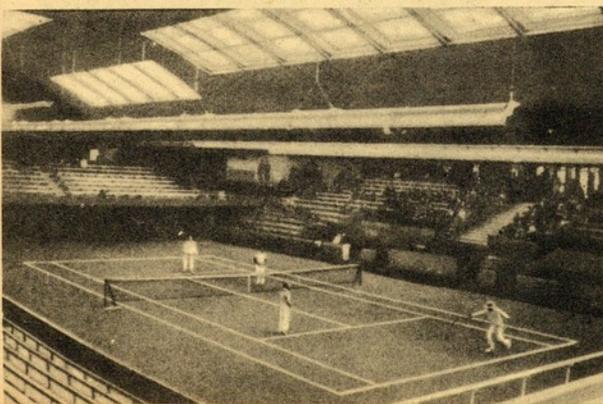
4.º **assalto:** Sousa «fechou-se», procurando evitar a repetição do golpe à cara. Perales persegue-o, tentando forçar a guarda de Sousa. Consegue-o, mas Sousa, numa reacção impetuosa, castiga o adversário, que se não desconserta, e responde marcando pontos. Ligeira supremacia de Perales.

5.º **assalto:** O espanhol entrou decididamente. Sousa esquivava-se e refugiava-se nas cordas. Libertou-se da pressão do adversário e em dois directos que Perales não acausa. Até pelo contrário. Num contra-ataque rapidíssimo o espanhol soca furiosamente. Há emoção. Os dois pugilistas esquecem a guarda e martelam-se de qualquer maneira. O essencial é bater!... Eis senão quando, ao separarem-se, Perales reedita o directo à ponta do queixo de Sousa com absoluto e definitivo êxito. O português cai K.O.!

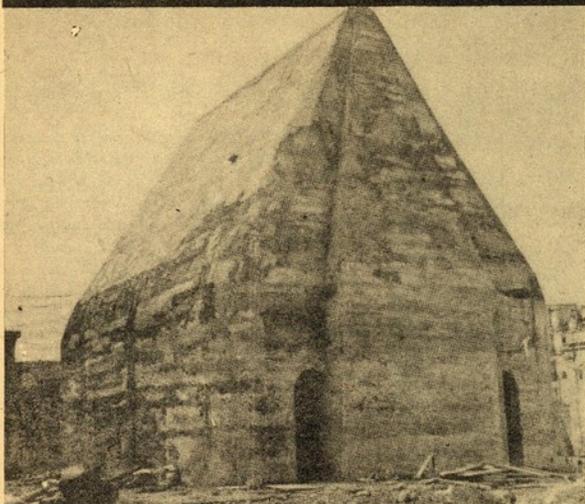
...E assim se faz a história de mais uma sessão de «box» em que interveio um português que perdeu!...

O REI DA SUÉCIA JOGA TENNIS

Na Suécia, o rei Gustavo inaugurou há pouco o Real Palácio de Tennis — qualquer coisa de última palavra para o serviço real. Na inauguração, o monarca, que em competições desportivas é simbólicamente designado por «Mr. G.», jogou com o príncipe Ferdinand Liechtenstein, com o húngaro campeão da Europa J. Asbath e o campeão alemão von Gromm. Na foto, no primeiro plano, vê-se «Mr. G.» — o único tennista que joga de chapéu, o qual, segundo dizem as más linguas, é o único em toda a sua vida...



NOTAS DE GUERRA



No meio dos destroços que reinam sobre a Itália, vêm-se construções como esta. Parecem templos de reminiscência românica, mas são simplesmente abrigos anti-aéreos. E tão sólidos, na sua composição de betão e cimento armado — que resistem às bombas.



Copenhague, sob o contróle alemão, tem sido, últimamente, teatro de graves distúrbios. Uma viatura da policia que aguardava a chegada de uma leva de prsões insurrectos foi tomada de assalto pela população. A policia, porém, accorre, e os anti-ocupantes dispersam-se apressadamente...



O marechal von Manstein, supremo comandante alemão, no sector sul da frente russa, costuma visitar os oficiais superiores e subalternos que combatem sob as suas ordens, afim de manter com eles estreito contacto pessoal. Aqui o vemos quando saia do quartel-general de um general que combate contra os russos.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL DRAJA MIHAILOVITCH

FOI este homem que, em Abril de 1941, quando o Eixo estava no apogeu do seu poder militar, decidiu continuar por conta própria a luta contra a superioridade esmagadora dos invasores do seu país.

A pouco e pouco, os seus compatriotas recobram ânimo e cerraram fileiras em volta de Mihailovitch, que se tornou o símbolo luminoso da resistência duma nação que, embora conquistada e ocupada, jamais se submeteu ao inimigo.

Nascido em 1893, em Chacac, na Sérvia, combateu bravamente nas guerras balcánicas e na primeira Grande Guerra. Foi membro do Estado-Maior jugoslavo, adido militar em Sofia e Praga e professor de tática do Colégio Militar de Belgrado.

Enclausurado, em 1939, à ordem do general Neditch, então ministro da guerra, por se recusar a retirar um «memorandum», preconizando novos e revolucionários métodos de defesa, e que havia submetido ao parecer do Estado-Maior jugoslavo, Mihailovitch conseguiu pôr em prática os seus métodos militares, depois da invasão alemã.

A actual situação do Governo jugoslavo, em que ele sobraça as pastas da guerra, marinha e aviação, é, todavia, muito crítica, em virtude da acção de Tito. O futuro de Mihailovitch é incerto. Os ingleses retiraram-lhe o apoio, enquanto os russos o acusam de traidor. Eis o destino e a epopeia dum homem que, durante quasi três anos, combateu pela causa aliada.

A arquitectura Norte-Americana

Por ISABEL ROSS



No coração de Nova-York, no centro Rockefeller, ergue-se o majestoso edifício de 70 andares onde se encontram instalados os serviços da RCA. No primeiro plano, vê-se a Fonte de Prometheu, familiar aos visitantes de todo o mundo que ali acorrem.

América prestou já a sua valiosa contribuição à arquitectura universal. A linha elevada dos arranha-céus, a primeira imagem de um país novo, a cuja sombra se abrigaram milhões de europeus, tornou-se o símbolo da liberdade, desde que, em 1902, o Edifício Flatiron se elevou 25 andares sobre Manhattan, para ser seguido, em 1913, pelo Edifício Woolworth, de 236 metros de altura, e pelo famoso Empire State Building, em 1930. Este, que é o mais alto edifício de todo o mundo, domina Nova York, a uma altura de 379 metros.

Se bem que a arquitectura americana seja como que uma reunião dos estilos arquitectónicos de diversos países, o arranha-céus é um modelo essencialmente americano, tendo atingido a sua forma máxima em Nova-York, Chicago, S. Francisco e outras cidades americanas — até as mais pequenas — onde, muitas vezes, em estranho contraste com as extensas pradarias, se levantou um edifício mais alto, a destacar-se nitidamente dos restantes. Centenas de milhar de americanos trabalham diariamente em escritórios de alturas superiores a 15 andares. Muitos outros milhares dormem a níveis superiores a 30 andares, nos 20.000 arranha-céus existentes nos Estados Unidos, dos quais, pelo menos, 3.000 pertencem a Nova-York.

O mais notável de todos os conjuntos arquitectónicos americanos, único no mundo inteiro, é o Centro Rockefeller, edificado por John D. Rockefeller Jr. sobre uma superfície de 4,8 hectares. É formado por 14 enormes edifícios, onde, por exemplo, se encontram instalados os consulados da Grã-Bretanha, Suécia, China, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Holanda, Grécia, Turquia, França e Bélgica, num conjunto grandioso, cuja construção, iniciada em 1931 e terminada

nove anos depois, importou em cem milhões de dólares.

Actualmente, computa-se em mais de 125.000 o número de homens e mulheres que trabalham nos vários edifícios do Centro. Cem mil pessoas visitam-no diariamente, admirando os seus murais, assistindo aos espectáculos dos seus dois cinemas, um dos quais tem capacidade para 6.200 pessoas e o outro para 3.000, passeando no seu «sunken plaza» (jardim único no género, com a curiosidade de se encontrar a um nível inferior ao do pavimento) apreciando o magnífico panorama que se disfruta do cimo de um edifício de 70 andares e tomando parte nas numerosas actividades que se encontram dentro dos seus limites. No seu interior, encontram-se nada menos de 191 elevadores, que «disparam» para cima, a uma velocidade de 424 metros por minuto.

A arquitectura moderna americana, sendo frequentemente majestosa — obedece a planos essencialmente práticos. Foi Louis Sullivan quem deu início a esta tendência, com a construção, em 1890, do Wainwright Building, na cidade de St. Louis, Missouri. Desde então, a arquitectura evoluiu firmemente, afastando-se da tradição clássica e do estilo barroco — para entrar em moldes práticos, representados por mestres como Frank Lloyd Wright, Raymond Hood e Albert Kahn. Wright, ainda activo no campo que lhe proporcionou celebridade internacional, trabalhou com os mesmos ideais de um estilo internacional, que foram a preocupação do francês Le Corbusier, do suíço J. J. Oud e dos exilados alemães, actualmente nos Estados Unidos, Walter Gropius e Rudolf Mies van der Rohe.

Os «cantilevers» de Wright e o emprêgo do vidro e do cimento conferem beleza, durabilidade e originalidade às suas casas, igrejas, hotéis e edifícios públicos.

A sua própria residência em Taliensin, Arizona, o Edifício Larkin, na cidade de Buffalo, e a igreja de Oak Park, na Califórnia, são obras conhecidas e apreciadas onde quer que se fale de arquitectura, pois Wright é um arquitecto que não só conseguiu interessar o seu meio, como também o estrangeiro, com o seu forte individualismo que nunca hesitou em enfrentar as mais acerbas críticas, para se guiar apenas pelos seus próprios impulsos artísticos.

Grande número de notáveis arquitectos europeus, actualmente nos Estados Unidos, trabalham em cola-

boração com os americanos, ou, ainda, independentemente. William Lescaze, por exemplo, notável partidário do estilo internacional, trabalhou uma vez com George Howe, conhecido arquitecto americano. Richard J. Neutra, discípulo de Le Corbusier, trabalha em conjunto com o exilado austríaco R. M. Schindler, no aperfeiçoamento da construção de casas de aposentos. Raphael S. Soriano, trabalha com o mesmo propósito, na Califórnia, enquanto o seu compatriota Pietro Bellushi trabalha em Oregon. Gropius é uma das mais activas figuras do mundo da arquitectura actual. Eliel Saarinen, artista finlandês que ocupou, durante longos anos, um lugar de destaque na arquitectura americana, dirige actualmente a Fundação Cranbrook, academias de arte e instituto científico fundado por George Booth, perto de Detroit. O seu projecto para a torre do jornal «Chicago Tribune», classificado imediatamente a seguir ao apresentado por Raymond Hood, foi considerado, pelos técnicos, como um modelo de concepção.

Hood que morreu ainda bastante novo, sem ter dito a última palavra do seu extraordinário talento, foi o expoente máximo da arquitectura prática, ainda que a curta duração da sua existência lhe não tivesse permitido atingir a altura de um Wright, de um Louis Sullivan ou de um Henry H. Richardson — geralmente considerado como o grande triunvirato da arquitectura americana. Richardson estudou em Paris com L. J. Andre, tendo-se diplomado pela Escola de Belas Artes daquela cidade. Deixou-se influenciar pelas igrejas românticas do sul da França e, de regresso aos Estados Unidos, procurou aplicar ali este estilo. Diversas igrejas americanas reflectem hoje a influência de Richardson, sendo a Trinity Church, em Boston, considerada como o mais perfeito exemplar deste estilo.

Outro dos gigantes neste campo, foi Richard M. Hunt, que estudou

na Europa e ajudou a reviver o espírito da Renascença na América, após a guerra civil. Foi ele o autor do projecto do Metropolitan Museum of Art, um flagrante exemplo de neo-classicismo, que se ergue na Quinta Avenida de Nova-York, guardando nas suas galerias alguns dos mais notáveis tesouros artísticos do mundo. O projecto do Edifício Woolworth, um dos primeiros arranha-céus que se construiu, é da autoria de Cass Gilbert. De tal modo empregou o estilo gótico — que o edifício foi por muito tempo chamado a «catedral arranha-céus». O gótico puro encontrou um óptimo intérprete na pessoa de Ralph Adams, que desenhou o projecto da Catedral de S. João, o Divino, em Nova-York.

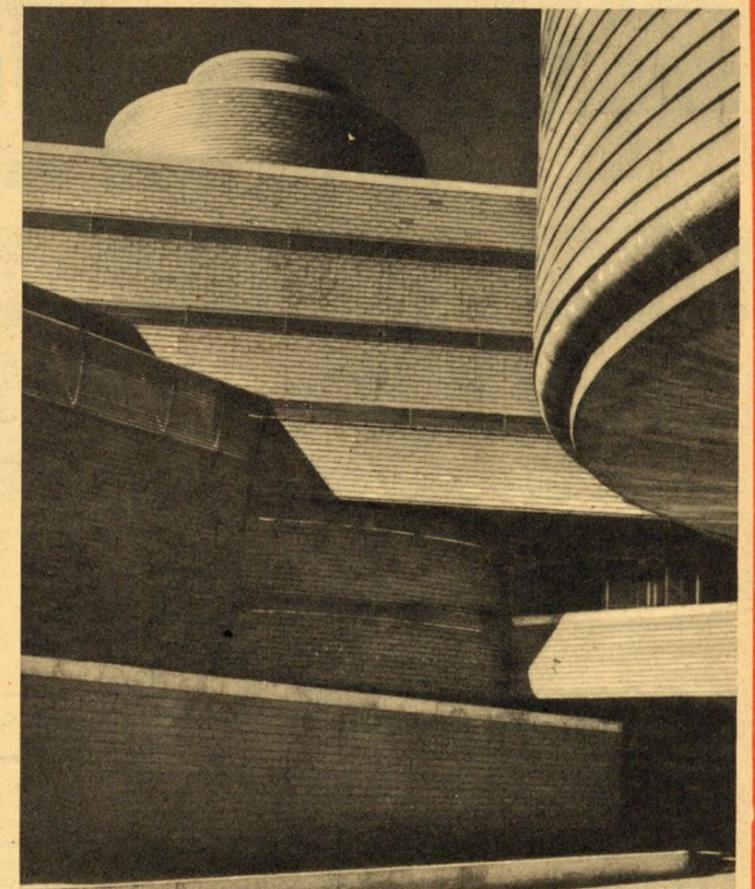
Se bem que a arquitectura americana se venha rapidamente afastando do classicismo e do barroquismo, os antigos e belos edifícios que se encontram em todos os Estados Unidos ainda são altamente apreciados pelos americanos. Como exemplo deste aprêço, temos a restauração a que se procedeu, com fundos de Rockefeller, da antiga e histórica cidade de Williamsburg, que hoje se apresenta como um autêntico quadro dos dias anteriores à Independência. Os visitantes podem ali reviver o passado, enquanto passeiam pelas suas largas ruas ou se sentam nas suas tabernas bebendo as bebidas da época, servidas por gentis criadas vestidas à moda do século XVIII.

Mount Vernon e Monticello, as terras de George Washington e Thomas Jefferson, são consideradas como exemplares perfeitos da arquitectura georgica, que ainda se manifesta no Independence Hall, de Filadélfia, e no City Hall, de Nova-York.

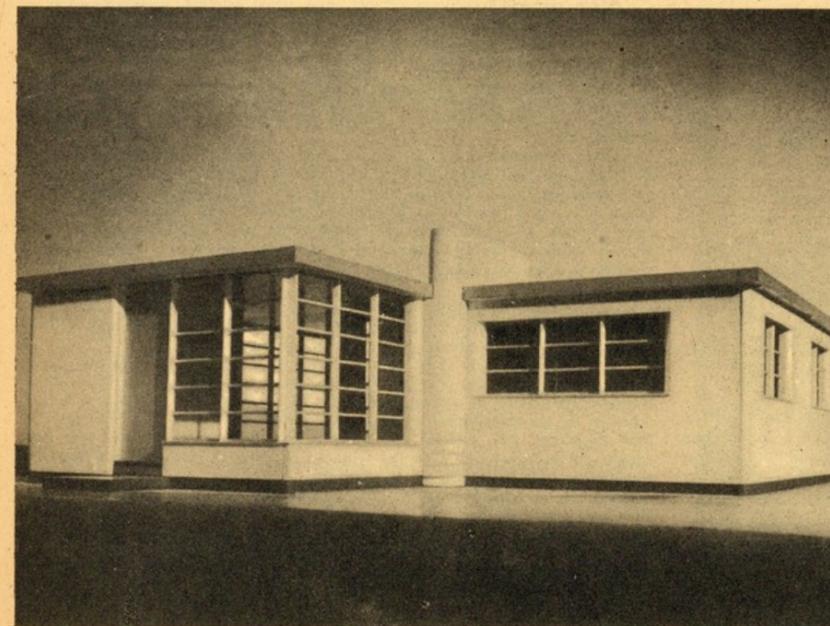
Exceptuando as influências românicas e góticas, é a tradição clássica que mais se manifesta na arquitectura americana, fazendo-se notar — principalmente em Kentucky, Geórgia, Virgínia e outros Estados do sul — onde os pórticos, as janelas e as escadarias testemunham a inspiração helénica. Esse estilo, contudo, foi-se gradualmente fundindo com o georgico — de onde derivam muitas das lindas casas que hoje se encontram no Sul dos Estados Unidos.

Na Nova Inglaterra e, ainda, no Sul, podem admirar-se as linhas austeras da arquitectura colonial, em que os colonos ingleses, holandeses e franceses deixaram bem vincada a sua passagem.

No Sudoeste — a arquitectura é essencialmente espanhola. Os arcos, as arcadas, os claustros e as janelas gradeadas, tão comuns a esta região, não são mais que uma herança recebida dos colonos espanhóis. A mais antiga arquitectura da Califórnia, ressentida da influência dos Franciscanos espanhóis, cujos missionários, nas 21 missões que construíram ao longo da costa, entre 1769 e 1823, empregaram toda a beleza típica das igrejas espanholas.



Este belo edifício de estilo modernista é obra do famoso arquitecto Frank Lloyd Wright, que o construiu especialmente para a firma S. C. Johnson & Son. As obras deste arquitecto, notáveis pelo seu estilo próprio, são familiares aos habitantes de Racine, no Estado de Wisconsin.



O projecto desta casa pré-fabricada, foi desenhado por Norman Bel Geddes, conhecido arquitecto teatral e industrial. Este género de casas, bastante popular nos Estados Unidos, é composto de partes já fabricadas que se adaptam perfeitamente.

As construções de adobo, erguidas pelos senhores espanhóis nos prósperos anos de 1830 a 1850, ainda podem ser apreciadas nas ruas de pequenas cidades costeiras ou espalhadas pelos vales e planícies da região. A moderna arquitectura doméstica californiana apresenta um profundo contraste; contudo, os campanários das missões espanholas espalhadas por toda a Califórnia, Texas, New México, Arizona e Flórida — ainda perpetuam a antiga influência espanhola.

O programa de habitações estabelecido pelo governo, há já dez anos que vem sendo elaborado e, até agora, 355.974 casas estão já em funcionamento, enquanto se constroem mais 306.721. Espera-se que, assim que terminem essas operações de tempo de guerra, 2.000.000 de pessoas disporão de habitações proporcionadas pelo governo. A guerra veio acelerar a realização deste programa, uma vez que, estando a fábrica longe de vários centros de habitação, urgente se tornava construir rapidamente casas para os operários que nelas viveriam mediante uma renda bastante módica. E assim nasceu um novo tipo de casa — a casa pré-construída, feita de peças separadas mas facilmente adaptáveis, a que se dedica actualmente um grande número de engenheiros e arquitectos.

Uma casa pré-fabricada pode ser construída com 27 peças, que os arquitectos, procurando evitar um modelo único, constroem sob diversos aspectos. Como todas as outras tendências impostas pelas condições anormais do momento, a casa pré-fabricada recebeu a aprovação dos americanos.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

O ENIGMA DE LESTE

ASSIM, a partir do dia 22 de Junho de 1941, a quasi totalidade da máquina militar alemã, teria de defrontar um inimigo poderoso, certamente, poderoso pela extensão do seu território e pela massa da sua população, mas que estivera submetido durante os últimos vinte anos a uma experiência política e social a respeito da qual quasi tudo se ignorava.

Qual era o verdadeiro valor da Rússia, como potência militar? De todos os povos da Europa, se algum possuía a esse respeito algumas noções fundamentadas e precisas era, certamente, o povo alemão e os seus dirigentes que estavam em condições de reivindicar esse conhecimento.

Tradicionalmente, e por isso mesmo que se trata de povos que se têm afrontado periodicamente no decurso da história, os alemães conhecem os russos tanto como estes conhecem os alemães. Durante a conflagração de 1914-18, em que mais uma vez eles se bateram em campos opostos, Hindenburg e Ludendorff puderam derrotar espectacularmente os generais russos que lhes haviam oposto, Samsonov e Rennenkampf, graças sobretudo ao conhecimento exacto que havia em Berlim das deficiências com que os exércitos do czar haviam sido envolvidos na luta.

Desse golpe inicial, o Império russo nunca mais se recompôs e a causa dos Aliados ressentiu-se fortemente dessa circunstância. Quando, exaustos e sem fé, os russos cederam e, fazendo uma revolução no interior, renunciaram ao cumprimento dos seus compromissos externos, a Alemanha viu mais próxima do que nunca a vitória. Só a entrada dos Estados Unidos na luta impediu que a derrota do grupo franco-britânico se consumasse, com todas as suas consequências. O Estado Maior alemão soubera beneficiar das facilidades que lhe dava o conhecimento exacto que tinha do poder militar dos seus adversários e das condições em que se desenrolava a vida da Rússia imperial, tendo feito desse conhecimento a base dos seus planos de resistência ao rôlo compressor russo, como então se chamava a poderosa força dos exércitos do czar.

A vinte cinco anos de distância, ia repetir-se um fenómeno idêntico? É certo que os regimes políticos predominantes nos dois países tinham, durante muito tempo, afirmado a sua incompatibilidade total. O nacional socialismo instalara-se no poder, sob o signo da luta anti-comunista. O comunismo fazia da luta anti-fascista, e quando empregavam esta expressão era sobretudo aos dirigentes da Alemanha que os órgãos de propaganda soviética queriam referir-se, o motivo principal da sua sobrevivência.

Isso não impedira que os dois governos tivessem concluído, em 1939, um pacto de amizade que, realizado inicialmente para satisfação dum objectivo limitado, a partilha da Polónia, alargara depois os seus efeitos. O Reich só pudera realizar os seus ataques fulgurantes, a ocidente e no sul do continente, por ter a sua retaguarda assegurada. Por seu lado a Rússia conseguira a satisfação, sem efusão de sangue, da maior parte dos seus objectivos territoriais



O general alemão Schleicher, morto na «Noite de S. Bartolomeu», a 30 de Junho de 1934, por se negar a cortar relações com os soviéticos.

na Europa, graças à complacência do Reich.

Mas, durante o período em que o pacto de não agressão germano-soviético vigorou, as relações entre os dois países tinham-se tornado estreitas. Essas relações não se limitavam ao âmbito protocolar das conversações diplomáticas. Estendiam-se ao campo económico e ao campo militar. A Rússia auxiliara, em proporções apreciáveis, a economia do Reich a suportar a prova da guerra. Se essa prova não se tornara, ainda nessa altura, particularmente penosa para a Wehrmacht, o auxílio económico dos soviéticos permitiu à Alemanha acumular «stocks» de determinadas matérias primas que, em última análise, seriam largamente utilizadas na guerra contra os seus fornecedores.

Com a Alemanha e a Rússia dera-se um caso que havia de repetir-se, no domínio das relações económicas nipo-americanas, antes do ataque a Pearl Harbour quando o petróleo dos Estados Unidos se acumulava nos depósitos dos japoneses para alimentar, no momento oportuno, os submarinos e os aviões que haviam de colocar a marinha dos Estados Unidos à beira duma catástrofe irremediável. Nos dois casos os métodos aplicados foram sensivelmente idênticos, e bastante semelhantes os seus resultados.

OS DOIS EXÉRCITOS

Mas, para além das tendências opostas dos dois regimes, os chefes categorizados da Wehrmacht, que sucedera à Reichswehr, e do exército vermelho tinham, invariavelmente, mantido relações cordiais quando se não tinham encontrado ligados por um entendimento estreito. Os dois Estados Maiores tinham sempre revelado uma admiração e uma compreensão recíproca. Era uma tradição e era a consequência inevitável da derrota suportada em comum, pois em 1918 tanto a Alemanha como a Rússia tinham saído vencidas numa conflagração em que os vencedores haviam sido os países anglo-saxónicos, Grã-Bretanha e Estados Unidos, e os países do ocidente da Europa, França e Itália, não contando um país oriental, o Japão, que igualmente beneficiara em larga escala da vitória comum.

Como consequência dessa derrota, que afinal atingira simultaneamente a Rússia e a Alemanha, os dois países depois da guerra tentaram entender-se fazendo a política de Rapallo que consistia fundamentalmente em juntar os seus recursos, a força russa e a técnica alemã, para recuperar o que havia sido perdido. Por isso, russos e alemães foram, na Europa do post-guerra, os países que mais vigorosamente afirmaram a necessidade de rever os tratados de paz iniciando em comum a cruzada revisionista que está na origem do conflito actual.

Esse entendimento foi perturbado com a subida do nacional socialismo ao poder. Mas os chefes militares continuaram a encarar sempre a possibilidade duma empresa a conduzir em comum, tanto mais que os adversários não faltavam e o seu despójo era de molde a provocar uma estreita aproximação entre os que se preparassem convenientemente para recolher a herança dos grandes impérios, de feição mercantil e marítima, que tinham descurado completamente o seu rearmamento eficaz tanto no domínio terrestre como no domínio aéreo.

A orientação de Rapallo, que terminara no plano político com a subida de Hitler ao poder, nunca deixara, entretanto, de prosseguir no plano militar, embora sem a sanção oficial dos respectivos governos.

O drama alemão de 1934, como o drama russo de 1937, tinham sido explicados pela natureza das relações existentes entre os chefes militares russos e alemães. Em 1934, o general Schleicher fôra assassinado em Berlim sob a acusação de ter entendimentos com uma potência estrangeira. No entender dos seus acusadores, essa potência era a Rússia. Em 1937, Tukhatchevski fôra executado, em Moscovo, sob a mesma acusação. A potência com a qual o marechal soviético se teria entendido era a Alemanha.

Depois de Agosto de 1939, com a intimidade crescente das relações políticas animadas pelo pacto de 23 de Agosto, coincidira uma intensificação das relações militares. Junto das embaixadas, da Alemanha em Moscovo e da Rússia em Berlim, havia adidos da maior categoria para tratarem os assuntos das várias especialidades cujo conjunto constituía verdadeiras missões militares compostas por elementos escolhidos cuidadosamente entre os técnicos mais hábeis dos dois exércitos.

Quando as tropas alemãs penetraram, em 22 de Junho de 1941, em território soviético, havia a impressão geral e fundamentada de que os chefes da Wehrmacht não tinham desprezado nenhum pormenor para assegurarem um êxito rápido e decisivo. Entre esses pormenores avultava, certamente, em pri-



Em 1939, a Polónia é invadida e repartida depois entre alemães e russos. Aqui vemos a última conferência entre representantes soviéticos e alemães, para partilha da presa comum. A entrevista realizou-se em Brest-Litovsk.

meio plano o conhecimento que tinham do verdadeiro valor e da eficiência real da máquina militar soviética. Nada foi revelado, até hoje, que possa contrariar esta impressão inicial. De outra maneira, não seria de admitir que os alemães se lançassem numa luta que se tornaria, com o decurso do tempo, um motivo de transtornos e de prejuízo cujo verdadeiro valor não é possível, por enquanto, avaliar em toda a sua extensão e em toda a sua significação, tanto no campo militar, como no político e no campo social. Era a certeza duma vitória próxima e rápida que animava os soldados alemães quando eles receberam ordem de marchar e de se encaminharem para leste.

O PODER DA MÁQUINA MILITAR ALEMÃ

Quando a invasão da Rússia se produziu, pode dizer-se que a máquina militar alemã (Wehrmacht) estava praticamente intacta. As perdas que havia sofrido nas campanhas conduzidas, no ocidente e no sul da Europa, eram inexistentes no computo geral dessas forças. A Alemanha fizera, por toda a parte, uma guerra de especialistas. O caminho da ocupação da quasi totalidade do continente fôra aberto pelos seus aviadores e pelos seus pontoneiros, pelos seus tripulantes de tanks e pelos seus paraquedistas.

Mas a infantaria alemã não entrara ainda em combate. Essa infantaria, o soldado da Prússia e do Meklemburgo, da Baviera e da Renânia, constituía o núcleo da Wehrmacht. O mesmo pode dizer-se da sua artilharia, tradicionalmente famosa, como a infantaria. Havia milhões de homens que não conheciam a experiência das grandes batalhas modernas as quais tinham sido ganhas por métodos inéditos ou inesperados, o bombardeamento maciço das capitais, a actividade das quintas colunas, o aparecimento de soldados que desciam do céu para paralisar os sistemas de comunicações e os agentes que destruíam o moral do adversário minando-lhe a capacidade de resistência.

A prova que ia iniciar-se na Rússia seria decisiva para esses elementos, que ainda não tinham entrado em acção. Mas a respeito deles, como a respeito dos especializados que tinham alcançado as vitórias fulminantes da Polónia e da Noruega, da França e dos Balcanos, a opinião geral era a de que saberiam corresponder inteiramente às esperanças que na sua bravura tradicional e na sua aptidão para o mister das armas depositavam os dirigentes do Reich.

Duma forma geral, ao fim de dois anos e meio de luta na frente leste, pode dizer-se que essa expectativa não foi iludida. O soldado alemão tem-se mostrado ali digno representante das suas grandes tradições batendo-se e morrendo. Com ele têm colaborado as tropas especializadas que já haviam dado as suas provas em campanhas anteriores, realizando, por vezes proezas que, em circunstâncias diferentes, pareceriam impossibilidades. De onde vem então a falta duma decisão que não foi arrancada ao fim de dois anos e meio de luta quando, em todos os casos anteriormente assinalados, se conseguiu ao fim de dois meses e meio e, por vezes, mesmo de duas semanas e meia? É que na campanha de leste intervieram factores e produziram-se circunstâncias que excediam a capacidade de previsão dos homens, mesmo quando essa capacidade de previsão tem ao seu serviço os mais modernos e aperfeiçoados instrumentos científicos e quando utiliza a mais fértil e a mais operosa imaginação para a condução eficaz da guerra.

Tudo indica que, inicialmente, a Wehrmacht pensasse em fazer a leste uma campanha idêntica àquelas de que saíra rapidamente triunfante, isto é uma campanha conduzida por especializados e desdobrada numa série de manobras de cerco que se destinava a aniquilar o adversário, antes mesmo que ele pudesse pôr em jogo a totalidade dos seus recursos. Era essa a essência da guerra relâmpago e as condições em que a luta a leste se iniciou significam que era bem uma nova experiência da guerra relâmpago que a Wehrmacht tencionava pôr em prática, a leste.

Assim os primeiros comunicados do Grande Quartel General do Fuhrer,

durante o período que decorreu entre o início da campanha e a batalha de Moscovo (Junho-Outubro de 1941), aludem incessantemente a operações de cerco que, segundo a letra desses comunicados, se liquidaram com a destruição duma parte importante das forças militares soviéticas. Entretanto o inverno surgiu, o primeiro inverno da campanha, sem que a decisão tivesse sido alcançada. A partir desse momento era lícito afirmar que a guerra relâmpago a leste não produziu os resultados que da sua aplicação se esperavam, e que a luta ia tomar uma feição inteiramente nova, influenciada por factores que excediam o âmbito dos preparativos, cuidadosamente feitos, e os limitados métodos que até essa altura haviam sido empregados com êxito e com a certeza prévia de que a sua execução se desenrolara com a precisão dos mecanismos de relojoaria aplicados à arte difícil e complexa da guerra. Esses factores eram os factores característicos de todas as guerras conduzidas, de longa data, na imensidão do território russo.

OS FACTORES QUE NÃO FORAM PREVISTOS

É frequente a afirmação de que os soviets fizeram na Finlândia e na Romênia uma gigantesca manobra de dissimulação para induzir em erro os alemães, com os quais sabiam que, mais cedo ou mais tarde, teriam de defrontar-se num supremo ajuste de contas. Para as pessoas que espalham ou acreditam esta versão, as tropas soviéticas teriam feito a guerra da Finlândia com tropas destreinadas e material de segunda ordem e teriam penetrado na Besarabia e na Bucovina com um equipamento risível, o que teria levado a direcção militar do Reich a supor que a Rússia comunista era, como o Império do czar, um gigante de pés de barro que seria fácil de derrubar a um simples impulso do seu poderio militar.

A verdade é singularmente diferente desta versão simplista e romanceada.

É certo e evidente que, dadas as suas características e a feição gigantesca que

tinham dado ao instrumento militar que pacientemente vinham construindo, os dirigentes soviéticos faziam o menor alarde possível do seu verdadeiro poder. Mas, descontados os aspectos de menor que se referiam a determinados aperfeiçoamentos ou mesmo a certas inovações, não é de crer que os peritos habilíssimos que o Reich mantinha an sua embaixada de Moscovo ignorassem a existência desse poder e o valor exacto ou bastante aproximado da verdade.

(Continua na pág. 29)

Como Schleicher, Toukatchevski foi executado em Moscovo, em 1937, sob a acusação de ter entendimentos com a Alemanha.





— O seu coração bate muito depressa, sr. doutor. Devia consultar o médico!



— O sr. considere-se despedido, imediatamente! E nunca mais me apareça a fumar no armazém de pólvora, ouviu!

CHESTERTON, O ALCOOL E OS PARADOXOS

G. K. Chesterton foi, incontestavelmente, o escritor dos paradoxos. De facto, tudo nele era antagónico. Desde o seu humor, leve, subtil, delicioso, até à sua figura obesa, pesada, muito para lá dos 100 quilos, desde a vida pacata que ele levou até à maneira arrojada e inédita como abordava os problemas mais sérios e delicados — Chesterton, romancista, poeta e, sobretudo crítico, possuía uma das personalidades grandes da literatura mundial de todos os tempos.

Quando se arvorou em defensor acérrimo do tradicionalismo e da ortodoxia católica, depois duma célebre profissão de fé que ficou famosa — viu-se obrigado a defender-se de muitos comentários ásperos e de muitas críticas mordazes.

As suas polémicas com o não menos universal Bernard Shaw, tornaram-se tradicionais em Inglaterra. Ele próprio costumava dizer: *Parte da minha existência tenho-a passado a lutar com Shaw; e essa luta constituiu em Inglaterra um passatempo nacional.*

André Maurois afirmou com sincera convicção, num dos seus volumes de análise e estudo sobre os grandes pensadores britânicos contemporâneos: *Na história das idéias, por volta dos começos do século XX, Wells e Shaw são modernos, Kipling é eterno e Chesterton é anti-moderno. Papel utilíssimo!*

Ele tinha razão. G. K. Chesterton foi tão longe que atacou a civilização

moderna e os progressos das suas invenções, não só em romances e novelas, como nas suas crónicas habituais do «Illustrated London News», subordinadas ao título de *Our note books*.

Contudo, uma das particularidades mais curiosas da vida de Chesterton residu na apologia que ele fez de certos assuntos, à primeira vista contrários à sua sensibilidade de homem e de artista.

Assim o álcool mereceu sempre uma simpatia, muito especial, ao autor desse profundo romance que se chama *A volta de D. Quixote*. Mais um dos seus paradoxos!

Por exemplo, num livro sobre a figura de Dickens, Chesterton abordou assim o caso dos bebedores: «...os abstinentes encontram para deprimir os bebedores, uma frase infeliz, quando eles afirmam que o homem ébrio desce ao nível da besta. O homem que bebe de modo ordinário não passa dum homem ordinário. Mas o vinho, que tem relação com a natureza humana e artística, não pode aproximar o indivíduo do bruto. O único homem que, no sentido exacto e literal da palavra, faz de si mesmo um bruto é, indubitavelmente, o bebedor de água».

Noutro volume — *A Miscellany of Men*, ele comenta com o seu fino sarcasmo: «O entusiástico bebedor de água deve ver nos aguaceiros uma espécie de banquete universal, um desperdício inútil da sua bebida predilecta.»



Mas é em «*Heretic*» que Chesterton toma uma posição defendida: «O único meio imoral de tomar o vinho é tomá-lo como remédio... Beba por ser feliz, mas nunca por ser miserável!»

Eis, portanto, uma boa novidade para os apreciadores de álcool: G. K. Chesterton foi um dos mais fervorosos defensores da vantagem dos líquidos espirituosos, por natureza e feito.

Que melhor argumento se poderá encontrar do que este:

«Faça-se caminhar continuamente um homem dez milhas, sob um calor torrencial, através duma estrada inglesa, e ele depressa descobrirá o motivo porque se inventou a cerveja...»

G. K. Chesterton, um homem gordíssimo e um espírito finíssimo... G. K. Chesterton, um amante da tranquilidade e um polemista sempre pronto para a luta... G. K. Chesterton, autor de «*Ortodoxia*» e apologeta do álcool... Ele foi, sem dúvida alguma, um homem cheio de paradoxos!

GRAÇAS HISTÓRICAS

Pediram a Óscar Wilde para indicar os cem melhores livros da literatura inglesa. Fleugmático e sério, Óscar Wilde retorquiu:

— Isso é impossível, porque até à data apenas escrevi cinco livros...

* * *

Um dia, em Roma, a rainha Cristina elogiava imenso uma estátua de Benini, que representava a verdade: A seu lado, um cardinal contou:

— Vejo que admira a verdade, Majestade. Nem todos os soberanos procedem assim...

E logo a rainha acentuou, num sorriso:

— É que nem todas as verdades são de mármore...

* * *

José Rovani, crítico e escritor milanês, foi um inimigo acérrimo das obras do famoso César Cantù. Quando uma vez lhe pediram uma opinião sincera sobre Cantù, Rovani respondeu:

— Foi uma criança espantosa. Tinha somente oito anos e já era um asno!

HUMORISMO DE GUERRA...

Em Randolph Field, há um sargento que resolve da melhor maneira as queixas dos seus recrutas. Sempre que algum se lamenta, ele envia-lhe um cartão com os seguintes dizeres:

As suas atribuições cortam-me o coração. Elas não têm igual. Nunca soube de nada que se lhes assemelhasse. Como prova dos meus profundos sentimentos, ofereço-lhe este cartão, o qual dá direito a uma hora de condolências.

A MELHOR RESPOSTA

Numa reunião de celebridades em Londres, o grande pintor Whistler confessou que nascera em Lowell, cidade fabril do Massachusetts.

— Que penal — observou uma rica viúva — Por que teria o senhor nascido lá?

Prontamente, Whistler respondeu com um meio sorriso:

— A razão é muito simples, minha senhora... Nesse momento eu queria estar ao pé de minha mãe...

INQUIRIR

SERVIÇO MILITAR

SARGENTO DA CANTINA — Quem foi o bruto que pôs estas flores aqui na mesa?

ORDENANCA — Foi o senhor capitão!

SARGENTO — Que bonitas flores!...

* * *

SARGENTO INSTRUTOR — O que é que tem 24 pés, olhos verdes e um corpo rosado com listras roxas?

RECRUTA — Não sei. Que é?

SARGENTO INSTRUTOR — Eu também não sei, mas é melhor que você tire «isso» do seu peçoço...

(Anedotas compiladas por Tom Wolf).

UMA ENTREVISTA DIFÍCIL

Certo dia houve uma enorme inundação que devastou o Vale de S. Bernardino, na Califórnia. O director de «*La Opinion*», de Los Angeles, enviou um repórter ao local, com a missão de fazer uma reportagem extraordinária. Mas o repórter preferiu extrair um dramático artigo que começava assim:

«Deus pousou os pés no alto do monte Wilson, para presenciar a obra devastadora da Natureza...»

Então, mesmo sem ler o resto do artigo, o director de «*La Opinion*» mandou imediatamente um telegrama para o repórter:

«Deixe a inundação e entreviste Deus.»

(Contado por Bravo y Fernandez em «*Hoy*», México).

O DISCO RACHADO...

À hora do chá, discutia-se a teoria da influência que os acidentes prenatais exercem sobre as pessoas. Uma jovem depois de escutar a conversação, durante alguns minutos, resolveu dar o seu parecer:

«Não concordo — exclamou ela, autoritariamente — Não posso acreditar em tais influências. Vejam o meu caso, por exemplo. Pouco antes de eu nascer minha mãe sofreu um acidente, derrubando imensos discos de grafonola, ao ponto de os partir. Mas isso não me afectou, não me afectou, não me afectou...»

CARL BRANDT



— «Stá lá? V. é o maior aldrabão que tenho conhecido na minha vida! Que idêta foi essa de garantir-me que o verniz da banheira secava rapidamente?!»



— Mas o que é que V. quer?! Esta senhora recusou-se terminantemente a tirar o chapéu!



— Então, João, parece que V. voltou a esquecer-se de pôr flores na jarra! — Puz, sim, senhora viscondessa, eram violetas. E, tão engraçadas...



A grande revista da actualidade europeia

O n.º 21 em distribuição, publica artigos interessantíssimos e a crónica portuguesa:

SÍMBOLO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

MAGNÍFICAS ILUSTRAÇÕES

EX. ESC. 2\$00

HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

Em algumas paradas espectaculosas, realizadas pouco antes de Junho de 1941, e duma forma geral nos anos que procederam a eclosão das hostilidades na Europa, tinham-se realizado espectaculosas manobras militares em Moscovo animadas pelo ruído de milhares de aviões e de centenas de carros de combate. Por outro lado, os peritos económicos do Reich conheciam a máquina industrial que os soviets tinham construído com os seus planos quinzenais e não ignoravam que esses planos eram, fundamentalmente, destinados a preparar o país para uma luta de grande envergadura. Podiam desconhecer um determinado modelo de avião ou de carro. Mas sabiam que os soviets tinham milhares de aviões e milhares de carros e que possuíam, ao mesmo tempo, fábricas e pessoal para fazer esses engenhos em quantidades enormes.

As derrotas que os russos durante alguns meses suportaram na Finlândia tinham a sua explicação verdadeira, não em qualquer camuflagem intencional, mas no valor indiscutível do soldado finlandês, no seu patriotismo e nas condições locais que constituíam, em 1939 como hoje, continuam a constituir, um obstáculo muito sério para qualquer invasor.

Os factores que intervieram na campanha da Rússia, demorando e acabando por tornar um motivo de dúvida a vitória final da Wehrmacht nada têm com o desconhecimento, por parte dos alemães, da existência duma gigantesca máquina militar que era necessário bater com rapidez para que a campanha pudesse ser conduzida vitoriosamente.

Em primeiro lugar, deve considerar-se um factor psicológico de indiscutível importância: a confiança compreensível, mas excessiva, que os dirigentes militares do Reich punham no utensílio que manejavam e especialmente nos efeitos fulminantes da guerra relâmpago aplicada a distância praticamente incomportáveis. E depois, é preciso considerar os factores tradicionais nas guerras de defesa nacional conduzidas no seu território pelos russos: a superfície imensa do país, as variações climáticas e de maneira particular o inverno com os seus rigores, a mobilização total dos corpos e dos espíritos para a luta que se traduz, praticamente, pelo emprego em escala imprevisível de guerrilhas e pela política da terra queimada ou seja a destruição sistemática de tudo o que pode ser de alguma utilidade para o invasor.

Estes factores, somados à existência duma aparelhagem militar numerosa e bem provida, bastam para explicar e justificar o que se tem passado, em dois anos e meio, na Rússia sem recorrer a uma explicação que tem mais de imaginário que de real. Os soviets tinham guardado os seus segredos cuidadosamente. Mas o Reich não ignorava que ia defrontar uma potência militar diferente daquelas que até essa altura dominara com uma rapidez incrível. Este esclarecimento é fundamental quando se trata de descrever e de compreender a campanha germano-russa no seu conjunto.

(Continua)

Sabe responder ?...

RESPOSTAS

- 1) Madame Curie; 2) Criador da teoria da relatividade; 3) Dançarina célebre; 4) Pedagogia; 5) Mendelshon; 6) Noruega, Suécia, Dinamarca; 7) Carlota Gorday; 8) Criador do positivismo; 9) O de Carrara; 10) Beethoven.

AQUI

JAZEM

TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados

com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS

Húmildes

MEDICINAIS

capazes de

destruir os

microbios da

boca, são he uma

vez, estomacais

mercuriais

ou bismutais

TRATA

7

ganhos dos

carneadas

Couto, Lda - Porto

L. 5.000RÉIS - 106

TÃO CERTO COMO 1 E 2 SEREM 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente **Guarda-livros** se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis a:

INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.º PORTO

N. E. - Não nos remeta dinheiro para além

TELEF. - 2 0244
TELEG. - PAPELCAR

Papelaria
Carlos

de Carlos Ferreira, Lda

RUA DO OURO, LISBOA

SECÇÕES DE VALORES / JELAS DO / E TABACARIA

ESPECIALIDADE EM LIVROS PARA ESTABECIMENTO COMERCIAL

GRANDE SUPLENTO DE ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITÓRIO



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGE0	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGE0	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25654

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias
Preço avulso: 11\$00



ESTE NÚMERO DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.ª, TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«Senhora até 35 anos...»

(Continuação da pág. 32)

— Apalxonada não estou. Isso já não é para o século XX. Mas gosto muito dele. Mentia-te se o escusseste. Mas queria pedir-te um conselho. Que caminho devo seguir?

— Estávamos já na rua. Eu considerava agora Bela com a maior lástima. Respondi-lhe:

— Quanto a mim, só tens dois caminhos a seguir: ou não pensarás mais nele, e vejo que neste momento é o mais difícil para ti, ou, então, o que será mais simples, mais digno e mais lógico — dás um tiro na cabeça. Mata-te, que uma mulher que tem filhos não tem o direito de se ligar a outro homem.

De ombros caídos, como vergada ao peso duma desgraça sem remédio e que por momentos a julgou inédita, Bela apenas pronunciou entre dentes:

— Obrigada!

— Bem vê — tornei eu rindo — estás a atravessar uma crise moral, uma crise de mau gosto, presumas amar e, quem te tirará essa idéia da cabeça?... No fim de contas, não há homens uns melhores do que outros. Tudo depende dos olhos que os vêem, do estado de espirito em que os encontramos e também duma noite bem ou mal passada. Podes tu, por acaso, precisar em que posição dormiste na véspera de encontrares o teu Adónis? Seria importante para te fazer o diagnóstico.

— Peço-te, peço-te! — implorou Bela. — Não troces. Não sou ninguém sem ele. Vejo-o! Sinto-o! Que queres?

— Ah! perguntas-me o que quero?... Quero que tenhas juízo, já tu disse e repeti-o agora. Não julgues, Bela, que só existe esse homem, há-os para aí aos montes, infectados do juízo... como esse!

— Bem se vê, que o não conheces. Juro-te não ser fantasia... gosto muito dele! Olha, deu-me esta fotografia.

Não pude reprimir um olhar de malícia. Depois del a gargalhada. Bela olhava-me com espanto, de boca aberta, numa angústia tremenda.

— Oh, filha! Tu apalxonaste-te por isso?... Não te gabo a sorte, pois não sabes que os homens mais velhos vendem ciúmes aos litros?...

Bela tirou a fotografia da minha mão, voltou-me as costas e partiu a correr. Fui trabalhar. Quando entrei no meu escritório, tinha muito a que dar expediente. Por volta das quatro horas, recebo um telegrama da minha amiga, num estilo nervoso. Pedis-me para ir jantar com ela ao mesmo restaurante onde tinha estado de tarde a almoçar. Eram seis horas. Tinha portanto tempo de fazer umas compras para meus filhos. De súbito, assaltou-me esta idéia: e se parece mal? Sim. Se parece mal, se não é próprio irem duas raparigas sózinhas jantar fora... Mas como avisá-la?

Fiz as minhas compras, depois dirigi-me para o restaurante e esperei pela minha amiga que chegou daí a pouco. Sentou-se a meu lado. Guardava um silêncio que tinha preço entre dentes cerrados. Disse-lhe então:

— É talvez cedo, sabes? Poderemos dar uma volta.

— Como queiras.

Percebi que, a meu lado, levava uma espécie de sonambula a quem tinha de aturar e guiar. E não me largava, sempre a falar-me do seu amor, a pedir-me conselhos límpidos, com a exactidão dos números 3+3=6.

Novamente me assaltou a preocupação: e se parece mal? Senti a tentação de pedir a Bela, para ponderar, para irmos jantar fora sózinhas, para irmos jantar a casa, pois não havia razão de ficarmos na Baixa. Mas como? Que pretexto invocar? Não pensaria ela que eu queria fugi-lhe que a não queria acompanhar? Que diria? A nossa amizade, uma amizade que durava havia já uma dúzia de anos, poderia sofrer sómente por esquivar-se a acompanhá-la. Resolvi fazê-lo.

Um grande silêncio se estendia entre nós duas. Andámos. Finalmente, encontramos novamente a porta do restaurante. Tocámos e entramos. Só então repari que Bela tinha mudado de vestido: levava um fato saia e casaco azul escuro, género inglês, nas orelhas umas argolas de ouro que lhe davam um realce aciganado. Tinha um porte distinto, as suas maneiras, as suas palavras e o seu parecer tinham uma certa graça.

FI-la passar à minha frente. Logo

que entrámos na sala de luz coada de azul, forrada a papel da mesma cor, Bela dirigiu-se para uma maieira onde se sentou. Segui-lhe os movimentos e repari que chorava, que sofria!...

— Bela... que tens... tu sofres minha amiga? Estas páldas, tens umas olheiras fundas!...

Pensei desde logo que seria muito perigoso dissuadi-la. E ela nada mais me disse da razão daquelas lágrimas e eu nada soube, nada pude dizer-lhe nem fazer-lhe. Primeiro deixou transparar toda a perturbação no olhar inquieto; depois, foi uma palidez mortal. O seu belo rosto revestiu-se num momento, duma máscara de angústia. Vi-a limpar os olhos. Que páldas estava! Encostei-a a meu ombro e ela de olhos cerrados, ficou como desfalçada. Tudo se passou num segundo.

— Pobre e querida amiga, como sofres... Os homens não merecem o amor duma mulher e, muito menos, as lágrimas que elas vertem... Nunca devemos deixar transparecer no nosso rosto o desgosto que eles nos provocam, compreendes?...

De súbito, como o verdadeiro arranco que leva o moribundo a pronunciar uma última palavra, Bela ganhou coragem, levantou-se ágil como sempre a conhecer, abriu a porta como criminoso em fuga — e não voltei a vê-la!

Sai. Para descer a escada tive de atravessar a sala. Olhei em redor: ninguém dera por nada, ninguém vira, nem pressentira, o drama que se desenrolara no peito da minha querida amiga... Aquela cena fôra muda, em que o patético corria de braço dado com o ridículo.

Passei o corredor, desci as escadas daquela casa onde acabara de ver pela primeira vez na minha vida a maior ilusão, a maior dor provocada pelo amor. E era a Bela quem sofria... Pobre amiga!

Quando cheguei à rua, já a não vi.

Em casa, também não deram por que me tivesse demorado. Vou para o meu quarto, lanço-me sobre a cama. Cerro os olhos e oro: vejo o rosto angustiado de Bela, ora a cara de parva com que fiquei a pensar no resultado dum simples anúncio: «SENHORA, ATÉ 35 ANOS, SÉRIA, PARA FINS MATRIMONIAIS...».



AGUA CRÉME PO DE ARROZ

Rainha da Hungria

3 produtos indispensáveis à pureza e frescura da epiderme. SÃO PRODUTOS



Mme Campos

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA
TEL. 21866

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

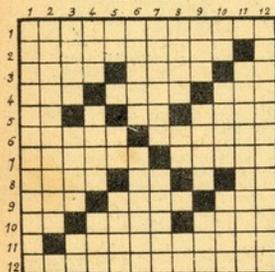
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 9

Por: Jorge Pessoa Pereira
Lisboa



ENUNCIADO

Horizontais: 1) Desapossada. 2) Associei com os mataletes. 3) Bagatela; escolhi; carta de jogar que tem um só ponto marcado. 4) Na-quele lugar (inv.); vender a crédito; rio da Ásia que corre na vertente do Oceano Glacial Ártico e nasce nos montes Altai, a 500 metros de altitude, e termina por um largo e comprido estuário, depois de ter atravessado a extensa planície siberiana. 5) Nota musical; prefixo designativo de movimento; levantam. 6) Encolorizado; nome que se dá a diferentes substâncias que têm a propriedade de combinar-se facilmente com os ácidos e formar sais. 7) Imunda; catálogo (inv.). 8) Paixão; batráquio; ala de exército (inv.). 9) Compaixões; comida (especialmente das aves); semelhante. 10) Artigo definido (pl.); lavar; oportunidade. 11) Causarei agonia a. 12) Purificarei no crisol.

Verticais: 1) A que danifica. 2) Rivalizaremos. 3) Feticheira; espas-ços de doze meses; clima. 4) Li-ça; aroma; procedi. 5) Utensílio com rebordos laterais e um cabo; artigo plural; jogo de cartas em que o ganho é para o parceiro que primeiro reúne um naipe completo (pl.). 6) Árvore leguminosa; secretário do arianismo. 7) Domes-ticada; mês do ano. 8) Líquido aromático produzido pela destila-ção do álcool; ao longe; gume (inv.). 9) Soberano de um estado; acção; abismo. 10) Grito de alegria; palmeiras; permança. 11) Marcarei com balizas. 12) Torna-reis semelhante.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8

Horizontais: 1) Pluma; patas. 2) Madeira. 3) Ir; remal; ás. 4) Mel; reu; rum. 5) Alude; óbolo. 6) Avo; ali. 7) Atara; crase. 8) Vás, Rui; itu. 9) Ar; aripa; ar. 10) Prodoso. 11) Aries; salas.

Verticais: 1) Prima; avara. 2) Relatar. 3) Um; luvas; pi. 4) Mar; dor; are. 5) Adere; arras. 6) Eme; Diu. 7) Plano; cipos. 8) Ari; bar; asa. 9) Ta; rolai; ol. 9) Aulista. 11) Sismo; euros.

DAMAS

TRILOGIA

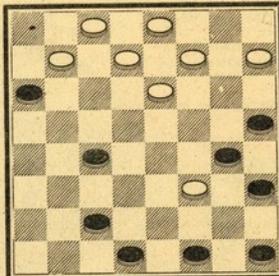
por Francisco Henriques
Almeirim

JOGO

Branças	Pretas
21-18	10-13
23-19	11-15
28-23	6-11
25-21	13-17
32-28	5-10 (a)
29-25	10-13
24-20 (forçado)	15-24
13-14 (b)	11-18
21-14	12-15
19-12	8-15
23-19 (c)	4- 8
19-12	8-15
14-10 (d)	

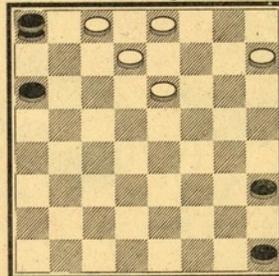
PROBLEMA

Resultante do jogo



Jogam as pretas e ganham
FINAL

Resultante do problema



Jogam as Brancas e ganham
as Pretas.

NOTAS:

(a) 2-6 é a jogada que os Mes-teres clássicos aconselham.

(b) A 19-14 seguir-se-ia: 12-15; 23-19, 1-5; 19-12; 8-15; G, pois as B. não poderiam evitar duas e «damas».

(c) 24-20 é o lance de contra-defesa, que consolida, neste jô-go, a posição mais vantajosa pa-ras as B.

(d) A última oportunidade que as B. deixam escapar! Com 27-23, ainda conseguiriam o empate.

ATENÇÃO

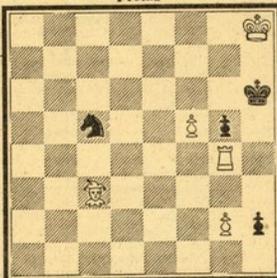
Para elucidar os «damistas» só-dre o trabalho de jôgo de «damas» que hoje publicamos damos abaixo as seguintes explicações:

«Trilogia», significa um con-junto de 3 partes constituindo um todo. No presente trabalho está re-presentado a triple essência das «Damas»: o Jôgo, o Problema e o Final, e isso originou o nome. Também por conveniência da apre-sentação e por se tratar de um jôgo de defesa em que, por con-seguinte, as Pretas têm a iniciati-va, colocamos estas nos números inferiores, e as Brancas nos nú-meros superiores.

XADREZ

FINAL N.º 5

por J. Fritz — Praga
Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3
(V. Lornov.)

1. P7T+, R17; 2. A5G!; 3. A1A!, P4R1; 4. A3T1, P5R; 5. A2C1, P3D1; 6. A1A, P4D; 7. A3T1, P5D; 8. AXP, P7C; 9. A8A e ganha.

PROBLEMA N.º 2 — Neste pro-blema onde está uma dama branca é um rei branco.

PROBLEMA N.º 3 — Uma dama preta e uma dama branca deve ser, respectivamente, um rei preto e um rei branco.

CHARADAS

AFEREZADAS

1) A vergonha é mil vezes mais pungente que o remorso!... 2-1 Lisboa J. Pessoa P.

2) Ten-broso anátema, é o can-çaro da miséria que persegue a humanidade. 3-2 Rêido Orco

3) O homem mais destemido, pe-rante a morte fica tímido. 4-3. Pôrto Rei do Orco

4) O Bom senso acima de tudo! 3-2 Pôrto Ego Sum Qui Sum

5) Re-çta as ilusões porque são morte da alma. 3-2 Pôrto Ego Sum Qui Sum

6) A moral acima de lódas as coisas! 3-2 Pôrto Ego Sum Qui Sum

SOLUÇÕES DO N.º 137

1) Cabeçadas; 2) Lazeirado. 3) Futricada.

Enigma Tipográfico

Entre-meses.

Provérbio a adivinhar

Em casa de ferreiro espêto de pau.

Adivinhas

Rosa - rosna. Espinho - espinha.

CORRESPONDENCIA

Dr. Carlos R. Lafora (Espanha) — Já lhe escrevi e remeti dois nú-meros de Vida Mundial Ilustrada. E cá aguardo o que o meu pre-zado amigo prometeu enviar!

Antônio Eduardo Igrejas (Mel-gaço) — Aguardo uma resposta e os seus problemas.

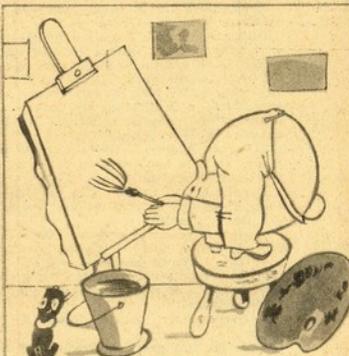
Octávio Antunes Roxo Barata (Castelo Branco) — Ainda não re-cebi notícias suas.

Ventura modernista...

Por ZÉCO



— Vamos lá a ver se mudo de técnica para ver se serão aceites as minhas telas na Ex-po-sição de Arte Moderna...



— Estará indicada esta?!... Esta não, porque é muito incômoda...



— Será esta a posição indicada para fazer um guacbo modernista?!... Talvez, mas incon-veniente!...



— Até que enfim, acertei com a maneira mais cômoda — sem pés nem cabeça.

“SENHORA ATÉ 35 ANOS...”

NOVELA DE MARIA ADELAIDE DE ARAGÃO
DESENHO DE RUDY

SÃO oito horas em ponto. Depois de um dia de trabalho e de sofrimento, ainda tive cabeça para ouvir Bela. Garanto que ela hoje me contrariou bastante.

Eu estava sentado à mesa do restaurante onde costumava almoçar. Bela entrou e fingiu não me ver. Chamei-a. Gostava que vissem, como eu vi, o rosto sombrio de Bela. Olha para mim e, com um semblante carregado diz-me:

— Vinha exactamente à tua procura.

— Então, senta-te, come alguma coisa, é só pedires.

— Não. Não posso. Sófro muito!...

Ficou calada. Pousou as mãos no colo, encostou a cabeça à parede, aquela cabeça e aquela fronte, alta e bela, onde fosforescia uma inteligência brilhante, que eu tanto admirava. Ambas ficaram caladas e, recordando que não há melhor estímulo para levar alguém a uma confissão como mostrarmos-nos desinteressados — comecei a comer.

— Necessito de te falar mas não é este o ambiente próprio — disse ela.

Diligenciei comer o mais depressa possível e acompanhei-a à primeira leitaria que se nos deparou. Para mim pedi um café e para Bela um chá. Depois de ter bebido o seu chá, que saboreou quasi gota a gota, como se tivesse encontrado a inutilidade de todo o esforço e o travor da própria existência no fundo da chávena, Bela exclamou:

— Hum!... hum!... Gasta a gente uma moçidade (a Bela tem como eu 32 anos) para sofrer tanto e ser tão infeliz!...

Engolindo o último gólo de café, pensei comigo: etemos o intróito; veremos o que daqui sai. Silêncio!

— Não sabes, com certeza. Pus um anúncio em que pedia cavalheiro para casamento!...

— Ah!... Temos amores!...

— Não, escuta-me, peço-te. Foi há cerca de dois meses!... E tive a resposta que, confesso, nunca esperei.

— Quere dizer, tinhas pressa de voltar a casar!...

Bela fez um gesto agastado mas não disse nada. Só depois é que explicou:

— Ao outro dia, recebo uma carta em que me pediam que fôsse ao Campo Grande. Deveria levar um ramo de violetas na mão e estaria com minha filha sentada num banco. Ele levaria também um ramo de violetas, para assim nos darmos a conhecer. Antes da hora aprazada, chegava eu para poder observá-lo sem ser vista.

Ainda não tinha decorrido meia hora, quando vejo surgir duma das ruas do Campo um sujeito já dos seus quarenta anos. Vestia um fato preto dum corte impecável. Hesitei um momento. Não sabia se me deveria sentar ou não. «E se não fôsse ele?». «Não, é ele com certeza», disse para mim, para me convencer de que viria a ter um marido tão simpático e elegante. Tinha-me dirigido a pouco e pouco para um banco onde me sentei. Voftei a olhar para ele e reparei que trazia na mão o ramo de violetas. Puxei do meu, que trazia escondido, e esperel que ele se me dirigisse, o que fez sem demora.

— Dás-me um cigarro? — interrompi eu. Bela levou a mão à carteira e a trouxe-me com a cigarrreira de ouro desesperadamente, como se me jogasse uma pedrada à cabeça. — Continua, vamos. Acho muita graça!...

— Ele aproximou-se. Com os olhos percorria-me o corpo de alto abaixo e, num relance, media-me dos pés à cabeça. Era ele afinal!

Bela fez uma pausa, ergueu também os olhos ao teto e, numa evocação, exclamou:

— Oh! Como já o amo!... Que bela figura! Alto, simpático!...

Novo pausa. Na leitaria quasi vaia, a voz da minha amiga falando com paixão, tinha um timbre grave, sotonro.

— O rosto dele não é bonito, mas é inexcusavelmente másculo! Mais alto do que baixo!...

Falou-me perturbado. Senti no coração como picadas de alfinetes e que todo o sangue me aflua à cara. Senti que também a perturbação me empolgara. E com a delicadeza que possas imaginar, talvez um pouco à-vontade, disse-me: «Permita-me que lhe apresente

os meus cumprimentos. Se não leva a mal, consente que lhe ofereça este ramo de violetas?». Aceitei as flores, pedindo-lhe que se sentasse e ficou a meu lado. Do outro lado estava minha filha que nem se mexia, mais parecendo de pau do que de carne e osso. Nada dizia, nem perguntava. Pouco a pouco, ele recobrou a serenidade e eu também. Falámos então longamente. Também a voz dele me seduzia, uma voz que me prendia a cada palavra, cheia de poesia e música, uma voz que convidava a todas as confissões. Entreguei-me totalmente. Jámais alguém soubera ganhar num minuto toda a minha confiança. Contei-lhe tudo; que era viúva, que tinha filhos, que os adorava; os anseios, as esperanças de um lar, a dolorosa vida que tinha levado enquanto casada e a que levava agora de solitária. Enfim... a esperança de encontrar o homem que me amasse e me compreendesse, que me desse a felicidade que até ali não conhecera!

— Em suma — atalhei eu — falaste com a sinceridade duma parva e inconsciente que és!

— Sim, abri-lhe o coração, falei-lhe com sinceridade não me arrependo. Também ele se abriu comigo. Contou-me a sua vida. Que era viúvo como eu, que tinha filhas, mas... faltava-lhe uma companheira que lhe suavizasse a vida dura e infeliz que levava.

O relógio da leitaria batera as duas horas num som arrastado. Olhei-o sobressaltada. Tinha de partir, tinha que entrar no escritório. Por isso atalhei:

— Bem, em conclusão, o resto da tua história!...

— En conclusão: ele confessou-me que me amava, que tinha respondido ao meu anúncio só para se rir, só para ver que espécie de mulher era e ficou desde logo preso à minha pessoa. Mas, nada se fará... a família, sempre a família... Tu não me podes compreender, não podes fazer idéia de quanto o amo, como é grande o meu amor. Casamos?... Sim. Segundo ele diz. Mas quando?... Aqui tens a minha desventura. Encontrei finalmente o homem, o único homem que sinto amar verdadeiramente, amar até à loucura, e que não pode por ora tornar-me feliz... porque entre mim e ele levanta-se a montanha da nossa família.

— Deita-a abaixo — disse eu erguendo-me e chamando um criado.

— Não é possível — replicou-me Bela. — Sou por demais boa para perpetrar uma incorrecção ou uma indelicadeza.

— Or, ora... paga-te da mesma moeda.

— Não. Vocês medem tudo pela mesma bitola. Não é assim. Eu não irei contra vontade do homem que amo!

— Então, não ligue: — deita outro anúncio.

— Também isso não é possível: Isto dura há meses e eu gosto muito dele.

— Oh! Bela, homens não faltam.

— Sim. Tens razão, mas que queres... há aberrações. É o meu destino. De resto, estou convencida de que, como aquê, não encontrarei outro. Adoro-o!

Olhei Bela. Sim, estava doente, doente do pior dos males: o amor apossara-se dela, corroía-a. Aquela inteligência forte, que troçava de tudo, que considerava o amor uma inferioridade e uma fraqueza, succumbia. Não era com certeza o acaso, mas seria um eclipse?

Disse-lhe então: — Quem havia de dizer... Estás apaixonada!...

(Continua na pág. 30)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844